

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS**

**JOSÉ MOURÃO DE ARAÚJO**

**LITERATURA E HISTÓRIA NA RECEPÇÃO CRÍTICA  
DO CONTO DE INGLÊS DE SOUSA**

**BELÉM  
2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS**

**JOSÉ MOURÃO DE ARAÚJO**

**LITERATURA E HISTÓRIA NA RECEPÇÃO CRÍTICA**  
**DO CONTO DE INGLÊS DE SOUSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários.

Orientador:  
Prof. Dr. Sílvio Holanda

BELÉM  
2006

Aos meus pais, pelas angústias e preocupações que passaram por minha causa, por terem dedicado suas vidas a mim, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram, dedico-lhes esta conquista como gratidão.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, o Grande Arquiteto do Universo, que permitiu que eu trilhasse esse caminho, retomando um projeto de vida intelectual;

Ao Professor Doutor Sílvio Holanda, por ter me aceito como seu aluno, por sua orientação, incentivo e conselho, a minha especial gratidão;

Ao departamento do Curso de Letras do ILES-ULBRA;

Aos Bibliotecários que nunca mediram esforços para me orientarem onde se encontravam as obras de que necessitava para a execução deste trabalho;

A minha Grande Família, que, apesar de distante, em nenhum momento permitiu que eu me sentisse sozinho;

Aos meus irmãos, em especial a Jeane, Jarbas, Jonas, Jaqueline, Josiane, Joel, Francisca, Antônio;

Ao amigo Noel, sabe na prática todo o significado do texto de *Provérbios*. “Há amigos mais chegados que um irmão”;

Aos amigos que conquistei durante esse período e que certamente contribuíram para este trabalho, seja através de sugestões, de apoio, incentivo e, até mesmo, através de momentos de descontração, sempre que necessário ao ser humano;

A todos os professores que aqui estiveram pela disponibilidade em partilhar conosco os seus conhecimentos e experiências, incentivando-nos nos momentos mais difíceis;

Aos colegas do curso pela amizade e companheirismo;

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram de diferentes formas, para que este projeto fosse realizado;

Aos meus pais Luciano Vieira de Araújo e Maria Ecy Mourão de Araújo (*in memoriam*) pela dedicação e perseverança;

Em especial a minha mãe de quem, quando em sempre ouvi “O saber não ocupa espaço”;

À Universidade Luterana do Brasil — ILES Santarém, que nos apoiou e incentivou nessa trajetória intelectual;

À Universidade Federal do Pará e a o ILES-ULBRA Santarém que se fizeram parceiros nesse desafio de qualificar os Professores de Santarém e demais cidades do Oeste Paraense, vencendo as barreiras da distância;

A Professora Dra. Emilia Pimenta, pelo incentivo nos primeiros passos dessa caminhada e pela amizade tão equilibrada;

Aos Professores da Universidade Luterana do Brasil, onde ensaiei os primeiros passos rumo à investigação científica;

Ao Professor Zair Henrique Santos, que sempre me incentivou para que eu concluísse meu trabalho;

À minha esposa Misanira Freire de Arruda, pelo incentivo e dedicação, dando-me oportunidade desta realização pessoal e pela força depositada em persistir na concretização do mesmo;

Às minhas filhas Fabiana, Fernanda, Ana Clara e Janaina, pelas inúmeras vezes que me ausentei.

*A literatura é uma forma de conhecimento.  
Pesa e ilumina.*

(Bento Prado Junior)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
1. CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA DE INGLÊS DE SOUSA .....	12
1.1 O Realismo – Naturalismo .....	20
1.2 A Etnografia de Inglês de Sousa .....	38
2. O LEITOR E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO .....	51
2.1 Idéias e recortes .....	51
2.2 O leitor – Tecendo um conceito .....	52
2.3 Construção dos sentidos – O efeito e a recepção .....	58
2.4 Uma leitura de Jauss segundo Regina Zilberman .....	61
3. O MOVIMENTO DOS CABANOS .....	68
3.1 Antecedentes do movimento .....	76
3.2 A Cabanagem: Explode a revolta .....	80
3.3 A violenta repressão .....	83
3.4 O fim da Cabanagem .....	86
4. OS CONTOS AMAZÔNICOS: ANÁLISE E RECEPÇÃO .....	90
4.1 Introdução a leitura dos contos .....	90
4.2 Os mosaicos da crítica .....	93
4.3 Estudo do conto “A quadrilha de Jacó Patacho” .....	111
4.4 Estudo do conto “O Rebelde” .....	115
CONCLUSÃO .....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	130
ANEXOS .....	136
ABSTRACT .....	153

## RESUMO

Procura-se fazer um estudo das relações entre Literatura e História na recepção crítica dos contos de Inglês de Souza. No primeiro momento, foi feita uma síntese da contextualização literária do autor, dando ênfase ao Realismo-Naturalismo e à etnografia inglesiana. No segundo momento, foi abordada a concepção de leitor e a Estética da recepção, com ênfase sobre a idéia de leitor, a construção de sentidos, o efeito e a recepção, o leitor na conceituação Jauss, segundo Regina Zilberman. No terceiro momento, foi destacado o movimento da Cabanagem. No quarto momento, fez-se a análise da recepção dos *Contos Amazônicos*, com destaque para a leitura dos contos, "A Quadrilha de Jacó Patacho" e "O Rebelde", os mosaicos da crítica e a análise dos contos. Por fim, através desta pesquisa, busca-se contemplar o cenário da vida amazônica a partir da natureza, dos mitos e de tantas outras cenas da Região Amazônica.

**Palavras-chaves:** Literatura, história e recepção.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo concentrou-se na leitura de *Contos Amazônicos*, de Herculano Marcos Inglês de Sousa, escritor nascido em 28 de dezembro de 1853, na cidade de Óbidos, e falecido no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. Compareceu às sessões preparatórias da criação da Academia Brasileira de Letras, onde foi membro fundador da cadeira de n.º 28 em janeiro de 1891, tendo sido nomeado tesoureiro. Era Filho de Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e D. Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês. Sua vida decorre entre o fim do Império e a primeira República, quando se vai processar o encerramento do século XIX e se evidenciam profundas transformações na estrutura social brasileira.

Pouco se sabe sobre a importância da obra de Inglês de Sousa na Literatura Brasileira. Os trabalhos realizados prendem-se ao fato de que poucos registros foram feitos acerca da obra e vida do autor.

Para Lúcia Miguel-Pereira, o título e a glória pertenceriam mais a Inglês de Sousa e ao seu *Coronel Sangrado*. Mas tudo se passou como se este não existisse, como se Aluísio Azevedo fosse o primeiro a experimentar os caminhos novos<sup>1</sup>.

As narrativas que compõem o volume poderiam ser consideradas quase como crônicas de costumes da época. Personagens típicas da sociedade da Cidade de Óbidos, no Pará, desfilam nas páginas do livro, ilustrando a vida social e política da época.

Em um dos contos intitulado “O rebelde”, há o entrelaçamento afetivo entre um menino descendente de português e um simpatizante afetivo da Cabanagem. Em função desse conto, pode-se dizer que há o estabelecimento de um liame entre as duas nações em conflito portuguesa e brasileira. O outro conto analisado é “A quadrilha de Jacó Patacho”, que estabelece a ligação entre portugueses e paraenses, retratadas como pouco amistosas. O conto trata da invasão pela Quadrilha de Jacó Patacho de povoações ribeirinhas, com a dizimação da

---

<sup>1</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Inglês de Sousa. *Prosa de Ficção* (1870-1920). História da Literatura Brasileira. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 144.

população.

É indiscutível a necessidade de estudar Inglês de Sousa quanto à contribuição de suas obras, neste caso, especificamente, os contos “O rebelde” e “A quadrilha de Jacó Patacho”, por nos desvendar, através da ficção, a história paraense e suas lutas através do movimento cabano.

Quanto aos objetivos, buscar-se-á analisar a revolução de 1835, na Província do Grão Pará, a partir dos contos. “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde” de Inglês de Sousa. Examinar-se-á a relação entre a História e Literatura, sobretudo. Apresentar diferentes concepções sobre o movimento revolucionário da Cabanagem; divulgar Inglês de Sousa precursor da temática de assuntos amazônicos; atestar a importância da estética literária nas narrativas “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde” a partir do contexto histórico revolucionário no século XIX.

A investigação será predominantemente bibliográfica. Para a compreensão da origem literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa, detalhar-se-á um quadro da Recepção Crítica e Histórica dos contos do qual emerge o autor. Leituras, gostos pessoais, formação literária e científica. A conjuntura em que viveu o autor encaminhará o arranjo de seus cursos narrativos. Fez-se necessário, nas etapas de elaboração deste trabalho de investigação, um levantamento de textos científicos e ensaísticos consagrados e demais pontos referenciais a ele. Para abordar-se os paradigmas literário e social-intelectual, que, em conjunto, instauram a literariedade da obra Inglesiana, é indispensável evocar o conjunto de valores determinantes da formação do Autor.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo intitulado, “Contextualização literária de Inglês de Sousa”; o segundo capítulo, “O leitor e a Estética da Recepção”; o terceiro capítulo, “O movimento dos Cabanos”; e o último capítulo, “Os *Contos Amazônicos*: análise e recepção”.

Os contos “O rebelde” e “A quadrilha de Jacó Patacho” são revestidos de uma grande marca realista; trazem em suas páginas muitas cenas da Cabanagem, uma Cabanagem que extrapola as demarcações factuais impressas nos livros. O conto “A quadrilha de Jacó Patacho” situa trama de 1832, antes, portanto, das datas oficiais.

Essa visão de uma Cabanagem bandoleira se expressa igualmente em “O rebelde”, uma das comoventes e fascinantes textualizações dessa luta. Os contos são marcados por muita liberdade de concepção. “O rebelde” é um caso, que, pela reunião de núcleos narrativos, jamais poderia ser rotulado como conto, e sim novela. Com total liberdade, Inglês de Sousa transporta seus personagens de um livro ao outro, de um conto ao outro, sempre apoiado numa linguagem solta, espontânea, a fala movida à cadência do dia-a-dia, sem descurar do registro culto, se assim for preciso, em contos que formam um painel de rara beleza.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA DE INGLÊS DE SOUSA

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em Óbidos, Pará, em 28 de dezembro de 1853, passou a maior parte de sua vida fora da cidade natal, é nela que o autor se inspira, ao compor suas obras literárias.

Os primeiros estudos foram feitos no Pará, no Maranhão e no Rio de Janeiro. Mas é em São Paulo que o escritor, seguindo a tradição da época, torna-se bacharel em Direito. Sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, Inglês de Sousa publica três romances em Santos, antes de escrever sua obra mais importante — segundo os críticos — *O missionário*.

Dividindo a carreira de ficcionista com as de bacharel e político, o escritor paraense privilegia esta última, tendo sido, inclusive, governador de Sergipe e do Espírito Santo. Fixando-se no Rio de Janeiro como advogado e professor de Direito, Inglês de Sousa foi também deputado federal, banqueiro e jornalista, além de membro fundador da Academia Brasileira de Letras, cadeira 28, cujo patrono era Manuel Antônio de Almeida. e membro atual e Menotti Del Picchia. Sua obra de ficção pertence à fase naturalista, revelando um grande espírito de observação, amor à natureza e uma especial fidelidade às cenas regionais. Amigo de Silvio Romero, a ele dedicou sua última obra de ficção, *Contos Amazônicos*, publicado em 1893, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 6 de setembro de 1918.

Inglês de Sousa debruçou-se sobre a literatura a partir da segunda metade do século XIX, escreveu suas obras quando as artes experimentavam transformações radicais; a linguagem estética — aqui se incluindo as artes plásticas e a música — vogavam sob o apelo de novas aragens, depois de as comportas da criação terem sido rompidas, em 1829, com a batalha de *Hernan*<sup>2</sup> em cujo epicentro se adiantavam as ousadias de Vitor Hugo. Impunha-se desde aí o grito de combate em

---

<sup>2</sup> Em 1851 o poder na Argentina era exercido há 22 anos por D. Juan Manoel Rosas, ou desde 1829 e, no fazia 17 anos no Uruguai, ou desde 1834, por Manoel Oribe. Rosa alimentava o sonho de reconstituição do antigo Vice-Reinado do Prata e por via de consequência, a soberania e integridade do Brasil, do Uruguai e do Paraguai. No Prata projetavam-se interesses ingleses e franceses que contrariavam os do Uruguai, Argentina e Brasil. Rosa tentou interferir na Revolução Farrroupilha. O Brasil reconheceu a independência do Paraguai em 1844.

favor da liberdade de invenção, do gosto pelo individualismo e a exploração da sensibilidade, da subjetividade em artes.

Com Inglês de Sousa são dados os passos fundamentais à edificação plena do Realismo-Naturalismo com suas características da literatura ambientada no Norte do Brasil, na Região Amazônica. Depois da literatura dos viajantes e do primeiro romance amazônico de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, *Sima* (1857) — no mesmo ano daquele que é tido como o iniciador do gênero, *O Guarani*, de José de Alencar (*Madame Bovary e Flores do Mal*, no mesmo ano também) — Inglês de Sousa é considerado o primeiro romancista deste mundo das águas, que nos legou o retrato de uma época e de uma sociedade cujo perpassar cotidiano nem sempre é facilmente acessível ou explícito nos documentos oficiais e institucionais contemporâneos, fontes que freqüentemente são parcimoniosas sobre os aspectos mais corriqueiros da vida privada<sup>3</sup>.

Dentre as obras de Inglês de Sousa, há um ciclo narrativo denominado de *Cenas da vida do Amazonas*, composto pelos romances *O Cacaulista* (1876), *História de um Pescador* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1891) — seu livro mais conhecido — e do volume de contos intitulado *Contos Amazônicos* (1893). Tal ciclo pode ser considerado como uma fonte preciosa e fiável de informações sobre o período cacauero oitocentista amazônico, compreendendo ambiências que vão desde a remota Silves até a capital do Pará — Belém.

Apesar desse distanciamento tão definitivo, a intensidade desse tempo — dir-se-ia de profunda imersão em cidadezinhas encravadas no coração da floresta amazônica — consubstanciou representações indizíveis, tanto e tantas, que os múltiplos contornos, contorções mínimas desse universo, suas redes aquíferas, os labirintos, os mitos, as ocorrências difíceis de conhecer e de explicar, os mistérios, as crenças regentes da vida das populações perdidas nesse mapa de distâncias, e mais ainda e, sobretudo, o abandono, a solidão, a vitimação social, as imagens mais

---

<sup>3</sup> “Herculano Marcos Inglês de Sousa, nascido em Óbidos, província do Grão-Pará, em 1853, foi o primeiro romancista da Amazônia. Construiu obra pequena — 4 romances e um livro de contos —, mas expressiva. Essa obra está distante do público, quase inacessível aos estudiosos, tendo pouquíssimas edições, todas esgotadas. Ela tem sido contraditoriamente avaliada pela crítica, em geral, pródiga nas restrições. Mas quem a conhece reconhece a Amazônia da segunda metade do século XIX”. (SALLES, Vicente. Introdução. In: DOLZANI, Luiz. *História de um pescador* — *Scenas da vida do Amazonas*. Belém: FCPTN / SECULT, 1990).

recônditas dessa realidade enraizadas no saber do índio, as tramas perversas, adversas, engendradas pelos poderosos contra os sem nenhum poder.

Segundo Amarílis Tupiassu, *Os Contos Amazônicos*<sup>4</sup> não fogem à concepção que enforma essa obra como um todo, com o objetivo de situar o artista em seu tempo estético.

As narrativas, os eventos e as personagens que Inglês de Sousa criou são fictícias, mas não o mundo — a realidade física e o universo social amazônico — que ele reproduziu de forma pungente. Mas não só de mitos é feita a história da Região Amazônica. Também os problemas sociais e políticos serão motivo literário para o autor paraense, conforme já foi dito. A formação social da Amazônia nos fala da luta entre portugueses e nativos num tempo de muita matança e perseguição aos índios, também chamados de tapuios<sup>5</sup>.

Em todos os contos, a preocupação do autor não está em descrever propriamente estados de alma, concentrando-se mais em mostrar o caráter dos personagens através da ação exterior destes. As cenas são descritas como se, de fato, estivessem acontecendo num palco onde atores se mostram para uma platéia sem a interferência do olho indiscreto de uma câmera ou de um narrador que porventura pudesse influenciar o espectador-leitor. Um caso patente ocorre no conto “A feiticeira” em que o problema que mantém a tensão da narrativa é o choque entre o possivelmente insólito — os poderes sobrenaturais e a cumplicidade da personagem Maria Motim com seres demoníacos — e as totais descrenças da mente racionalista, positiva do Antônio de Sousa “que se gabava de não crer em nada” que não provasse, constatasse, experimentasse<sup>6</sup>.

Em “A feiticeira”, um narrador, o velho Estevão, encarna a credulidade ingênua do povo dos confins da cidade de Óbidos e é ele que teme e defende as tramas irracionais da feiticeira, a Maria Mucuí, figura tão impressionante que surge, aqui e ali, em toda a ficção de Inglês de Sousa. Estevão funciona como um porta-voz dos que

---

<sup>4</sup> SOUSA, Inglês de. “A feiticeira”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 16.

<sup>5</sup> Vale observar que o termo *tapuio*, conforme descrito por Veríssimo, se encontra ainda presente em obra considerada pioneira sobre a história indígena na Amazônia e no Brasil (ver Moreira Neto (1988), mesmo que sob outros paradigmas bastante distintos das teses do racismo científico seguido por Veríssimo). Sobre o uso do termo tapuio.

<sup>6</sup> SOUSA, Inglês de. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p.16.

se recusa a desligar-se das tradições<sup>7</sup>.

O tenente Sousa é o modelo paradigmático dos *espíritos fortes*, os que advogam os parâmetros da descrença. Ele precisa ver para crer e que, contrariando apelos, interna-se na noite pavorosa, sem medo, procura e invade a casa da feiticeira, situada na solidão do mais recôndito dos recônditos de uma curva perdida no rio. Ali, o tenente, já temeroso, luta com a criação maligna de Maria Mucuí e, apesar de fugir às pressas, sai como um vencedor, o que constatou a malignidade da velha. Logo depois, enfrenta a terrível vingança da feiticeira e do narrador e define o texto no rol da literatura maravilhosa, uma vez que a crença no poder sobrenatural triunfa no conto, porque no caso descrito, a punição do tenente de Belém é mais uma afirmação do insólito que interfere no curso da normalidade.

É importante ressaltar o sentido simbólico que percorre o texto, na medida em que Maria Mucuí e Estevão significam para além do enredo articulado no conto. Ambos representam uma crença, da tradição, do poder extra-humano de criaturas infernais e ela, a própria atuação desse poder sobrenatural. No outro pólo, Antônio de Sousa é a encarnação do pensamento positivista, científico que, aliás, sucumbe na cheia engendradora pela irracional Maria Mucuí.

Os demais contos, “O Voluntário”, “O Donativo do Capitão Silvestre”, “A Quadriilha de Jaco Patacho” e “O Rebelde”, são todos vestidos dentro dos padrões da estética Realista — Naturalista. Todos dispostos de modo a revelar um contexto histórico que se crítica em nome do saber positivo, da ciência, do progresso e da paz. Ecoam por essas composições muitas vezes das quais se expande um tom autobiográfico bem marcado. Caso este registrado em “O Donativo do Capitão Silvestre” (Silvestre José Rodrigues de Sousa) seria o bisavô do escritor? Por essas

---

<sup>7</sup> “Custa ouvir com paciência os sarcasmos com que os moços tentam ridicularizar as mais respeitáveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem espíritos fortes [...] Quereis saber uma coisa? Filho meu não freqüentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém parece que todas as crenças velhas vão pela água abaixo. A atual civilização tem acabado com tudo o que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos bons princípios que os pais lhe inculcaram no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo. Os maus livros, os livros novos, cheios de mentiras são devorados avidamente. As coisas sagradas, os mistérios são cobertos de motejos, e, em uma palavra, a mocidade hoje, como o tenente Sousa, proclama alto que não crê no diabo (salvo veja, que lá me escapou a palavra!), nem nos agouros, nem nas feitiçarias nem nos milagres. É de se levantarem as mãos para os céus, pedindo a Deus que não nos confunda com tais ímpios!” (SOUSA, Inglês de. “A Feiticeira”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 46).

lendas se veste um forte tecido de História propriamente dita, numa associação de verdade e ficção em perfeita disposição conforme os apelos veristas do realismo. Nessa vertente ainda neste conto se historia ficcionalmente a “Questão Christie”<sup>8</sup>, momento em que a textualização se plenifica de dados permeado de verdade documental. Mas a narração, ao mesmo tempo em que distende a história, para denunciar não só os interesses de patriotas em grande patriotada, como também os modos de manipular e explorar o desprendimento e a boa fé do povo.

Alguns desses contos tecem uma divertida cadeia intertextual entre os romances. Neste “O Donativo do Capitão Silvestre”, surgem os mesmos personagens de *O Cacaulista* e de *O Coronel Sangrado*, lubrificando todos suas vidinhas com uma política de disse-me-disse, defendendo todos seus interesses pessoais, todos ágeis à cata de enriquecimento fácil, enquanto os pobres pairam fora dos mínimos direitos satisfeitos. Essa crítica se faz igualmente nos contos mais envolvidos com um enredo fantástico-maravilhoso. O excursão, transcrito abaixo, faz parte do conto “*Amor de Maria*” e por ele se pode medir um desencanto político<sup>9</sup>.

Esses contos de inscrição mais vertiam á história dentro de uma esquematização do realismo, que trazem muitas cenas da cabanagem, uma cabanagem que extrapola as demarcações factuais impressas nos livros em cujo centro se estuda esse movimento revolucionário. “A quadrilha de Jacó Patacho” situa sua trama em 1832, antes, logo, das datações oficiais. Essa visão de uma cabanagem bandoleira se expressa igualmente em “O rebelde”, uma das mais comoventes e fascinantes textualizações dessa luta.

A observação prevalece sobre a interpretação, demonstrando uma grande

---

<sup>8</sup> A questão Cristie (1861-1865) como ficaram conhecidos os choques diplomáticos entre o embaixador Willian Cristie e o estado Brasileiro, representou somente o estopim. O rompimento por quase três anos entre a diplomacia dos dois países só foi resolvida com a interferência comunidade que eu ganho de causa ao Brasil. Ficava claro para o estado e a sociedade brasileira que o Brasil era reconhecido como nação soberana pela comunidade internacional, mesmo em se tratando de um conflito com maior potência mundial.

<sup>9</sup> Depois que o povo começou a tomar a sério esse negocio de partidos, que os doutores do Pará (Belém) e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, numa aldeola de trinta casas as famílias odeiam-se e descompõem-se, os homens mais sérios tornam-se patifes refinados, e tudo vai que é de tirar a coragem e dar vontade de abalar destes ótimos climas, destas grandiosas regiões paraenses, à pá do qual os outros países são como miniaturas mesquinhas. Sem conhecerem as forças dos vocábulos. O fazendeiro Moraes era liberal e o capitão Jacinto era conservador. Por isso entendo, que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso cacau e da nossa seringa, que isso de política não leva ninguém adiante e só serve para desgostos e consumições. (SOUSA, Inglês de. “Amor de Maria”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 57).

objetividade na análise dos fatos. As obras de Inglês de Sousa devem ser lidas como uma representação da sociedade amazônica oitocentista sob o prisma da literatura brasileira realista.

Do ponto de vista do filósofo, Benedito Nunes as obras de Inglês de Sousa são analisadas como um “enorme painel sócio-político do Pará e de toda a Amazônia, elaborado por uma narrativa ficcional de extrema acuidade nos detalhes da ação e no caráter dos personagens, cuja escrita, assimilando os termos das línguas indígenas incorporada à linguagem oral dos nortistas, ainda nos seduz com a sua aptidão para criar a imaginária atmosfera de ambiências locais”<sup>10</sup>.

Para Lúcia Miguel-Pereira, Inglês de Sousa inaugura o Realismo-Naturalismo no Brasil a despeito de o cânone da historiografia literária conceder este mérito a Aluísio Azevedo.<sup>11</sup> mais à frente ela conclui.<sup>12</sup>

Assim, pode-se dizer que, em primeira instância, realizar um estudo de parte importante da obra inglesiana — *Os Contos Amazônicos* — é um exercício de valorização do escritor que, além de ter sido o primeiro romancista da Amazônia, muito tem a dizer da história do homem desta região, vivente na penúltima centúria do século XX. Efetivar um estudo acerca da obra inglesiana sob a perspectiva da Estética da Recepção é traçar um fio condutor para o estudo dos contos, isto porque, nos trabalhos de Mestrado tateou-se por várias tentativas de abordagem do conto “Acauã”. Tentativas malogradas, pois, no que concerne à linhagem sobrenatural, surgem lacunas ao se conduzirem os estudos pelas fechadas nomenclaturas das literaturas não miméticas.

Só entendendo que o “sobrenatural”, em Inglês de Sousa, é o lugar comum na rica formação mitológica do povo amazônico, tendo ele ficcionalizado as figuras assustadoras do imaginário caboclo para o texto literário, tais quais as encontrou no

---

<sup>10</sup> NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 7-8.

<sup>11</sup> Na verdade, o título e a glória pertenceriam mais a Inglês de Sousa e ao seu *Coronel Sangrado*. Mas tudo se passou como se este não existisse, como se Aluísio fosse o primeiro a experimentar os caminhos novos. (MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3 ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, José Olympio, 1973. p.144).

<sup>12</sup> Livro nítido, humano, bem concebido e bem realizado, parece-me não só o melhor de Inglês de Sousa, como um dos melhores do gênero, entre nós. Pelo seu valor, pela sua importância, como marco iniciador de novas tendências na nossa história literária, exige um destaque que lhe foi até hoje negado. (MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3. ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, José Olympio, 1973. p.162).

bojo da literatura oral — de onde saía o enredo de seus contos — chegar-se-á a uma panorâmica da aparente incoesão entre o mágico e o histórico presente na obra inglesiana. A composição de um painel, normativo da vida do caboclo, por Inglês de Sousa, concorre para uma sentença: há, ali, a notificação dos numerosos aspectos da formação do povo amazônico. Sob esta perspectiva, envereda-se a presente investigação.

Revelar a literatura inglesiana no âmbito de uma exaustiva pesquisa de Mestrado ou até mesmo no âmbito de uma tese de Doutorado enriquece o cânone literário. Isto porque esta investigação pretende situar o conto inglesiano no conjunto da obra inglesiana. Inglês de Sousa é homem de reconhecida lucidez intelectual, por isto traz nas margens de sua obra, as revoluções operadas nos diversos campos da ciência no final do séc. XIX época de entrelaçamento da Literatura com as ciências experimentais. Naquele tempo finissecular, literatura e ciência conciliavam suas fronteiras<sup>13</sup>.

A linhagem dos fenômenos transgressores das leis empíricas, presente na literatura inglesiana, apresenta, *a priori*, uma incoerência entre a matéria dos contos e a frieza do raciocínio das leis científicas, conhecidas e exercitadas pelo autor em seus romances. Respectivamente aos contos, os pássaros misteriosos, o assombro da feitiçaria, a anomalia dos gigantescos ofídios, o fantasmagórico gado, fugitivo perpétuo, tudo isto confere à matéria da coletânea uma necessidade primordial de pontilhar, nas páginas inglesianas, a trajetória e várias nuances da vida do caboclo. Portanto, não há incoerência entre a eleição do mito nos contos inglesiano e a formação científica o Autor. A bem da verdade, o Autor, ao eleger o mágico, atém-se com fidelidade às credices que o caboclo defende dogmaticamente. É a diferença entre “descrever” uma crença e nela “acreditar”.

Observador atento, Inglês de Sousa enreda em suas narrativas à maneira aproximada de como são recolhidas por ele às informações da tradição oral<sup>14</sup>. Em

---

<sup>13</sup> “Em nenhuma época como no século XIX se revelou à ausência de barreiras entre os diferentes domínios do espírito, nunca se afirmou desta maneira a interdependência das ciências e da literatura.” (JOSEF, Bella. *Apresentação*. In: SOUSA, Inglês de. *Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.p. 8).

<sup>14</sup> Inglês de Sousa dá a inscrição culta as suas narrativas com conteúdos míticos e lendários. Há muitas histórias criadas a partir de núcleos comuns (a cobra monstruosa, o filho do encantamento, a ave agoureira, o boto traíçoeiro...). Para Jolles, estas são as *formas simples* da narrativa. Propp as intitula de *forma fundamental*. Estes componentes primitivos são modificados porque transitam

cada quadro que compõe os *Contos Amazônicos* serão apresentados episódios da vida de caboclo. Do “caboclo”, elemento constitutivo de uma nova raça, porém herdeiro, também, da carga mítica dos três elementos matriciais de sua formação: branco, negro e índio. Em conseqüência do legado mítico deixado pelo cristianismo português, pelo totemismo indígena e pelas crenças fatalistas dos negros, será concebido o imaginário do homem da floresta. Um vivente da Amazônia reconhece de imediato as criaturas partícipes do universo dos contos, isto porque são os pássaros soturnos, a Boiúna matreira e as terríveis criaturas da floresta, que embalam o sono infantil nas noites da Amazônia. Nas noites úmidas, alagadiças, repletas de insetos e magia, o caboclo suplica pela proteção dos deuses e pelo afastamento dos demônios.

A sobrenaturalidade (resultante da forte herança cultural das três matrizes formadoras daquele povo), as tradições e costumes herdados e adaptados às peculiaridades regionais depreender-se-á que estes elementos, em conjunto, conformam o denominador comum da literatura inglesiana — eles representam a trajetória da vida do homem amazônico. O próprio caboclo contava, à soleira das portas, ao cair das solitárias noites amazônicas, histórias semelhantes às dos *Contos Amazônicos*. Os contos reúnem acontecimentos importantes da recente civilização amazônica<sup>15</sup>. Para Bella Jozef, Inglês de Sousa move-se no seu tempo, observa e descreve a sociedade em cujo âmbito vive; focaliza os elementos representativos, pontos freqüentes de reuniões, ruas, praças, estabelecimentos. Pretendeu dar um espelho tão fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia<sup>16</sup>.

Pode-se dizer dos *Contos Amazônicos*, *a posteriori*, que resultam da atitude inglesiana em ter-se portado como expectador das cenas ocorridas no ventre da

---

livremente pela oralidade. Estes elementos primordiais são consagrados nas narrativas inglesianas. Pela via dos textos literário, Inglês de Sousa atribui um caráter definitivo ao que, até então, era transitório.

<sup>15</sup> Inglês de Sousa, cumpre em seus contos, o papel de não deixar desaparecer os vestígios de sua civilização, à semelhança do que diz Jaeger sobre a formação do homem grego: “Não se trata de um conjunto de idéias abstratas, mas da própria história da Grécia [...], essa história vivida já teria desaparecido a longo tempo se o homem grego não a tivesse criado na sua forma aparente.” (JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 7).

<sup>16</sup> JOSEF, Bella. *Apresentação*. In: SOUSA, Inglês de. *Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

floresta. Um rapsodo<sup>17</sup> que canonizou, pelas vias do texto literário, as inúmeras histórias contadas, à maneira da oralidade, pela gente daquela região. Esta gente, à semelhança de outros povos em formação, perpetuava suas histórias confundindo, em um só plano, deuses e homens. É absolutamente necessário estudar Inglês de Sousa, sob a relevância do épico e sublinhar quão valor é a contribuição da obra, pelo caráter de fidelidade aos episódios da vida do caboclo, à consagração da vida e do homem, sobrevivente da floresta amazônica. Portanto, não seria apriorístico dizê-la, a coletânea de *Contos Amazônicos*, importante documento de valor histórico.<sup>18</sup> Se esta é também uma virtualidade da literatura, dar conta das marcas humanas no solo terrestre, então este trabalho justifica-se pela valorização dos contos inglesiano como documento literário<sup>19</sup>.

## 1.1 O Realismo-Naturalismo

Na década que sucedeu ao fim da guerra do Paraguai<sup>20</sup>, conflito encerrado em 1870, tornava-se cada vez mais evidente que uma série de transformações socioeconômicas estavam gradualmente modificando a configuração da oligárquica

---

<sup>17</sup> “Nos domínios literários o vocábulo ‘rapsódia equivale à compilação, numa mesma obra, de temas ou assuntos heterogêneos e de vária origem” (MOISÉS, MASSAUD. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 437). Inglês de Sousa organiza o plano dos contos ao coletar histórias populares veiculadas pelos vilarejos e comunidades interioranas nos confins dos rios amazônicos.

<sup>18</sup> Inglês de Sousa “não somente compôs uma obra inerentemente regionalista, mas também conseguiu fixar, através de um enfoque realista, o ambiente, os tipos humanos e os costumes da sociedade [...] amazônica em um determinado momento histórico. (FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. *Acauã fantástico e realismo maravilhoso na naturalista Inglês de Sousa*. 1998. 156f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.

<sup>19</sup> Como exclamou Paulo da Rocha: “Fui rebelde, mas minha causa era grande e nobre. Nós no Pernambuco nos rebelamos por uma idéia grandiosa, idéia que ficou afogada em sangue, mas não morreu, há de surgir mais tarde ou mais cedo. A igualdade das raças há de ser proclamada, assim como o foi a independência da nossa pátria, pela qual morreram, 1817, os meus valentes chefes. Dos dois fins que a rebelião de Pernambuco tinha em mira, um já se conseguiu, ainda que incompletamente. O outro... não há de tardar o dia da redenção dos cativos.” (SOUSA. Inglês de. “O rebelde”. In: *Contos amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 151.)

<sup>20</sup> Nos anos 60 do século XIX uma nova crise na região do Prata se transformaria no em longo e sangrento conflito conhecido como Guerra do Paraguai que surgiu de um complexo encadeamento de rivalidades internacionais, de ambições pessoais e das peculiares condições geográficas da região platina. Este episódio durante algum tempo, foi entendido pelo lado brasileiro como uma luta realizada contra o ditador Solano López e seus planos expansionistas. Mais adiante, na década de 1960, segundo a versão de historiadores como o Argentino Leon Pomer, a razão da Guerra seria relacionada aos interesses ingleses, que viam com desagrado a crescente autonomia paraguaia. Assim, havia uma emergente necessidade, por parte do Governo inglês, de desarticular o Paraguai, mantendo o controle econômico sobre a América Latina.

sociedade escravista brasileira.

O regime monárquico mostrava-se inadequado para se adaptar às rápidas mudanças pelas quais passava o país. O excessivo centralismo do Estado imperial emperrava a plena expansão dos setores mais dinâmicos da produção econômica, como a emergente classe dos cafeicultores do Oeste paulista, não por acaso os principais articuladores do Partido Republicano, cujos ideais de Federalismo e concessão de autonomia político-administrativa às províncias eram extremamente convenientes para os interesses dessa nova burguesia rural. A expansão do republicanismo e do capitalismo agrário entre os fazendeiros paulistas dava-se concomitantemente com o declínio político-econômico das tradicionais elites latifundiárias escravista do vale do Paraíba, cujos integrantes eram os grandes sustentadores do Império. De forma ainda mais incisiva que a propaganda republicana, a campanha abolicionista e as crises políticas com o exército e a Igreja abalaram o prestígio da monarquia. A decadência da escravidão e sua gradual substituição pela mão-de-obra remunerada, estimulada pela imigração de trabalhadores europeus, contribuía de modo irreversível para a consolidação do trabalho livre e assalariado. Além disso, o crescimento populacional e o desenvolvimento urbano favoreceram a diversificação social nas maiores cidades do país. Também propiciou a consolidação de uma classe média burguesa que não estava clientelisticamente vinculada às tradicionais oligarquias rurais.

Todos esses fatores concorreram para as mudanças conjunturais e estruturais que levariam ao fim do Império. E nesse período histórico de mudanças sociais e econômicas que se verifica, também a partir de 1870, um surto de efervescência intelectual entre as camadas cultas e as instituições acadêmicas do país devido ao influxo avassalador das novas idéias filosófico-científicas provenientes da Europa: positivismo, materialismo, darwinismo, naturalismo e socialismo. A introdução simultânea dessas correntes teóricas no cenário nacional modificou o ideário da elite pensante brasileira.

O advento desses novos paradigmas teóricos ensejou profundas transformações nas diretrizes ideológicas, culturais e artísticas até então cultivadas pela *inteligência* nacional, o que não poderia deixar de influir no pensamento social e na literatura brasileira contemporânea.

Os impactos causados por essas novas idéias, e suas influências no campo intelectual, acadêmico e literário na verdade, o reflexo retardado de um processo que já se vinha descortinando no Velho Mundo há pelo menos há vinte anos.

Desde as primeiras décadas do século XIX que a sociedade ocidental européia estava sendo profundamente alterada por uma série de transformações políticas, sociais e econômicas que afetavam profundamente a visão que o homem tinha de si e do mundo. Os efeitos da Revolução Industrial na vida cotidiana tornavam-se cada vez mais presentes: urbanização acelerada, crescimento demográfico e aplicação do conhecimento científico-tecnológico à produção industrial, aos transportes e às comunicações. A ascensão da burguesia e sua inevitável contrapartida, as formações do proletariado revelavam as contradições e antagonismos sociais trazidos pelo capitalismo. No plano ideológico despontaram filosofias e teorias científicas que negavam o valor da metafísica e procuravam explicar a realidade natural e social através de abordagens materialistas. O positivismo do francês Auguste Comte, divulgado a partir de 1830, apregoava que o único conhecimento possível da realidade era derivado da análise objetiva ou “positiva” dos fatos empíricos do mundo físico, o que permitiria determinar as leis efetivas e invariáveis que regem a natureza<sup>21</sup>. O objetivismo cientificista comteano difundiu-se por todos os campos do conhecimento, desde as ciências naturais e humanas até as expressões artísticas, que, no conjunto, passaram a refletir as novas condições sociais e espirituais pelas quais atravessava a sociedade européia.

Influenciados pelas idéias positivistas, os adeptos do Realismo artístico sustentavam que a função primordial da arte seria retratar e representar, de modo objetivo, o mundo natural e social, isto é, pretendiam encarar a realidade tal qual ela se manifestava, sem preconceitos, artificialismos ou distorções. O Realismo não renunciava à arte nem ao primor estético, mas subordinava-os a um outro valor: o acesso ao real através da interpretação e crítica da realidade social<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Para o positivismo a ciência era o único e absoluto critério para se explicar tanto o universo físico quanto o social, rejeitando assim qualquer concepção espiritualista ou idealista do mundo (Simon 1989).

<sup>22</sup> Assim, apesar da retratação do mundo e da vida real sempre terem existido de uma ou outra forma nas artes plásticas e na literatura universal, na história da arte a palavra “Realismo” consagrou-se como o termo para referir-se à doutrina e ao movimento estético de oposição ao idealismo romântico que se consolidou na Europa a partir da segunda metade do século XIX.

As tendências realistas na arte, que já vinham amadurecendo há um certo tempo, tomaram um grande impulso após o período revolucionário de 1848, quando a burguesia se consolida como classe dirigente no plano econômico e político. O Realismo, afirmado no bojo das revoluções liberais européias, procura fazer uma abordagem crítica dos valores e das instituições da nova sociedade burguesa emergente, daí seu direcionamento anti-romântico, opondo-se ao gênero artístico consagrado pela burguesia conservadora.

No campo específico da literatura, o Realismo procurava inspirar-se rigorosamente nos fatos e temas da vida real. Imbuídos de uma perspectiva positivista da realidade, os escritores ligados ao movimento acreditavam que a missão da literatura era investigar a realidade social<sup>23</sup> e a condição humana de maneira objetiva, neutra e impessoal, devendo o narrador agir sempre como um autêntico cientista, ao valorizar a fidelidade e a precisão na fixação dos tipos e do cenário, bem como na condução do enredo. Preocupavam-se em retratar a sociedade de forma crua, sem omitir suas contradições e defeitos: as injustiças sociais, a miséria, a futilidade da burguesia, o egoísmo humano, a hipocrisia religiosa, o adultério, os vícios e a degradação moral. Por causa disso, rejeitavam o conteúdo, a forma e a temática do Romantismo, como a idealização das personagens, o lirismo, o subjetivismo, o sentimentalismo, o egocentrismo e a fuga da realidade<sup>24</sup>.

A prosa realista caracterizava-se por apresentar uma linguagem mais simples que a dos românticos, sendo também a narrativa mais lenta e detalhista com o fito de melhor descrever o cenário e os eventos ficcionais. Os temas eram inspirados nos fatos e quadros sociais da vida contemporânea, havendo, ademais, a preocupação em situar o enredo em épocas e lugares precisos. Em consonância com essa tendência, a caracterização fiel e objetiva das personagens encetou o

---

<sup>23</sup> De acordo com o ponto de vista de Fábio Lucas, o caráter social da literatura só se manifesta plenamente quando “a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos” (Lucas, 1970, p.50). Não bastando, por isso, simplesmente retratar o meio ou as condições materiais em que vive determinado agrupamento humano sem atentar para as causas sócio-estruturais que determinam sua situação. Assim, embora a ficção naturalista represente o advento da questão social em nossa literatura, os problemas fundamentais da sociedade são ignorados “ou sacrificados em favor de caracteres excepcionais e determinismos mecânicos” (p. 61).

<sup>24</sup> MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.

romance de introspecção psicológica. Os tipos estereotipados e superficiais da trama romântica dão lugar a personagens concretas e perfeitamente humanas, dotadas de profundidade interior, personalidade própria e sujeitas às contingências da vida real. A mulher não é mais idealizada como no Romantismo, e o casamento ,longe de ser o enlace burguês eterno e feliz, pode aparecer como um arranjo pessoal ou social oportunista e interesseiro, gerando tédio ou frustração conjugal, pré-condições para a infidelidade, daí o adultério ser um tema recorrente<sup>25</sup>.

O Realismo literário atingiu suas feições definitivas e maior expressividade na França, país considerado berço do movimento. Entre seus mais notórios precursores temos os escritores Honoré de Balzac e Champfleury. Mas foi apenas em 1857, quando Gustave Flaubert publicou seu famoso *Madame Bovary* que o Realismo se afirmou decisivamente como corrente literária. Nesta obra, que provocou verdadeiro escândalo, o autor procurava analisar o adultério de sua protagonista com a imparcialidade e frieza de um médico, distinguindo-se, além disso, por ser anti-romântica e por caricaturar a pequena burguesia provinciana francesa. A partir de então, a influência do Realismo extrapolou as fronteiras da França e difundiu-se pelo mundo ocidental.

Em Portugal, o Realismo impõe-se a partir de 1875, com a publicação do *O Crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós. Outro romance seu, *O Primo Basílio* (1878), foi aqui avidamente lido e comentado, pois o conteúdo ousado de alguns trechos do livro provocou controvérsias e gerou debates apaixonados na imprensa carioca da época<sup>26</sup>.

O Realismo no Brasil teve em Machado de Assis seu mais lídimo representante. Embora esse escritor mantivesse uma postura crítica quanto aos aspectos mais exagerados da estética realista, um Realismo de acurada análise psicológica se faz presente em sua fase madura de romancista, que se inaugura com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e tem continuidade em sua produção posterior. Já Raul Pompéia foi um realista bastante peculiar que se celebrou por um único livro, *O Ateneu* (1888), onde exhibe um estilo em que se entrelaçam algumas características das diferentes tendências literárias do século

---

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p. 26

<sup>26</sup> Eça de Queirós teve grande projeção no Brasil e tornou-se o ídolo consagrado de toda uma geração de novos talentos nacionais que se inspiravam na temática realista (Faro, 1977).

## XIX.

Nem sempre é muito fácil diferenciar o Realismo do Naturalismo enquanto correntes literárias distintas. A própria historiografia da literatura contribui para aumentar a confusão, posto que, dependendo do autor, ambos os termos são empregados indistintamente para designar os dois movimentos, com frequência abrangendo-os como se fossem apenas um. Não obstante, pode-se dizer que o Naturalismo é uma forma de Realismo que aprofunda ou exagera a abordagem realista, procurando fazer da literatura uma forma de ciência.

Enquanto o Realismo preocupava-se mais com as análises psicológicas — temperamento e personalidade — e com a influência do meio físico e social sobre o indivíduo (ambiente, família, moral, condições materiais de existência, etc.). O Naturalismo, sem desconsiderar esses elementos, acentuava também o lado biológico — fisiológico e hereditário — e, principalmente, patológico do ser humano. Tal orientação deu margem ao aparecimento de obras que realçavam, com maior ou menor crueza, os comportamentos desviantes, instintivos, mórbidos e até bestiais da natureza humana, explicados ou justificados por teorias pseudocientíficas. Mas, em qualquer caso, a liberdade era uma ilusão: O determinismo condicionava a natureza do homem, encarado como um animal cujas ações seriam produto de forças inatas que atenuariam sua capacidade de gerir seu próprio destino, submetendo-o a um fatalismo mais ou menos rígido<sup>27</sup>.

O maior teórico do Naturalismo literário<sup>28</sup> foi o escritor francês Émile Zola. Embora já escrevesse desde 1867, foi somente com a repercussão do romance *A Taberna* (1877) que sua carreira realmente tomou vulto. Esse livro gerou acesa polêmica e foi ameaçado de apreensão pelas autoridades devido à crueza com que retratava a vida do proletariado parisiense explorado e degradado pelo álcool, miséria, doenças e prostituição. Assimilando as novas correntes científicas que se popularizaram a partir dos anos 70 do século XIX, o Naturalismo de Zola aprofundava o Realismo de Flaubert, ao representar a realidade social de forma inusitadamente franca, inclusive os problemas patológicos e sexuais de suas

---

<sup>27</sup> MONTELLO, Josué. A ficção naturalista. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil — era realista/ era de transição*. Rio de Janeiro: Coimbra: José Olympio, 1986.

<sup>28</sup> Para o naturalismo, o homem submete-se às forças biológicas ou sociais, e age de acordo com elas. No realismo de tendência naturalista destacam-se Aluizio Azevedo e Inglês de Sousa.

personagens. Em 1880 Zola sistematizou as características do Naturalismo na coletânea de artigos *O Romance Experimental*, momento que marcou o auge do movimento.

O ideal zolaísta, influenciado por Hippolite Taine e pelos princípios da fisiologia positivista do médico francês Claude Bernard, era aplicar os métodos das ciências naturais à elaboração literária, que deveria constituir-se essencialmente num estudo do homem e da sociedade. Para tanto, o enredo naturalista deveria assumir um cunho intencionalmente documental e experimental, tentando demonstrar cientificamente de que forma as influências hereditárias, sociais e ambientais moldam o caráter e a conduta dos homens e, conseqüentemente, a vida da sociedade. Portanto, o romance experimental ou romance de tese tentaria provar, usando a literatura como laboratório, a sujeição do homem às leis inexoráveis da natureza.

O Naturalismo manifestou-se como movimento literário politicamente engajado ao assumir uma posição participante e reformista quanto aos problemas sociais de seu tempo. Desejava não apenas retratar objetivamente a sociedade, mas também intentava dissecá-la, interpretá-la e, se possível, reformá-la inspirando-se nas doutrinas filosófico-científicas da época, mormente o positivismo, o evolucionismo e o socialismo: Enquanto o Realismo propendia a um registro fiel da realidade, servindo à verdade no presente, (...), o Naturalismo tomava uma atitude de luta aberta, denunciando aquilo que, na sociedade do tempo, reclamava reforma ou destruição. Ao retratar a decadência de instituições conservadoras — como a Igreja — as mazelas sociais, o preconceito racial e a hipocrisia moral da burguesia, o Naturalismo propugnava a transformação radical dos valores tradicionais. Rejeitava, assim, a arte descompromissada e subjetiva.

Não por acaso, então, os escritores naturalistas preocupavam-se, sobretudo em focalizar a sociedade de sua época, privilegiando a abordagem dos segmentos sociais mais humildes da população e a vida nas habitações coletivas. Pela primeira vez na história da literatura, a cotidianidade trivial, o linguajar e as precárias condições de existência das camadas populares ganharam projeção e são apresentadas com riqueza de detalhes, constituindo-se numa das temáticas prediletas dos romancistas. Em *Germinal* (1885), a grande obra-prima de Zola, tem-

se o primeiro romance da literatura mundial em que o proletariado aparece como protagonista. No Brasil, o maranhense Aluísio Azevedo se destacaria como romancista de cunho social — ou melhor, como retratista dos grupos sociais urbanos marginalizados que se amontoavam em infectas moradias coletivas — ao publicar *Casa de Pensão* (1884) e, principalmente, aquele que é considerado um dos melhores romances do naturalismo brasileiro: *O Cortiço* (1890).

O Naturalismo no Brasil teve seu período de maior vigor e influência entre 1881-1902, período cronologicamente delimitado pela publicação de *O Mulato* de Aluísio Azevedo e pelo lançamento de *Os Sertões* de Euclides da Cunha que, juntamente com *Canaã* de Graça Aranha, deu início à fase transitória do pré-modernismo literário, etapa que antecede à renovação das letras nacionais inaugurada pela Semana de Arte Moderna de 1922.

No entanto, o desenvolvimento do Naturalismo no Brasil assumiu características que o distinguiram de seu congênere europeu. Malgrado os progressos materiais verificados a partir de meados do século XIX, nosso país ainda mantinha sua estrutura agrário-exportadora e estava longe de apresentar a diversidade social e econômica trazida pela revolução industrial à sociedade ocidental européia, situação que constituía o pano de fundo da ficção naturalista naquele continente. Conseqüentemente, de acordo com Nelson Werneck Sodré, a realidade social brasileira não estava amadurecida para absolver plenamente o espírito da nova escola, daí porque o naturalismo pátrio, com raras exceções, refletiria, antes, e muitas vezes com rigores extremos, formulações distanciadas de tudo aquilo que o Brasil apresentava como peculiar<sup>29</sup>.

Aqui o movimento, como um todo, não teria correspondido às solicitações espontâneas e mais profundas do meio social, recaindo, em vez disso, ora no estudo de temperamentos anormais, ora no pedantismo cientificista ou no descritivismo em tom de relatório. Em outras palavras, para os citados autores, a ficção naturalista brasileira não aprofunda ou sacrifica a tematização da problemática social do país. Nesse sentido, então, pode-se dizer que poucos naturalistas brasileiros se preocuparam em abordar ambiências ou temas que retratassem aspectos característicos da realidade social nacional. Entre eles poderiam ser arrolados

---

<sup>29</sup> SODRE, Nelson Werneck. *A Farsa do Neoliberalismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graphia. 1996.

Aluísio Azevedo, com os romances sociais urbanos, Inglês de Sousa, focalizando a vida ribeirinha amazônica, e Oliveira Paiva com o romance regionalista rural nordestino.

Essa impressão fica ainda mais evidente quando se considera o foco temático priorizado pelos escritores naturalistas brasileiros. Em que pese à detalhada reconstituição do quadro social e dos usos e costumes vigentes na sociedade, o que, aliás, fazem, com desvelo, os romancistas, de um modo geral, relegaram para segundo plano a abordagem dos imbricados problemas que afetavam a nação no último quartel do século XIX. Nesse período transicional de intensas mudanças sociais e políticas, tanto o Realismo de investigação psicológica de Machado de Assis quanto o Naturalismo de fatalismo social e psicofisiológico de Aluísio Azevedo, muito embora ofereçam rico material para a análise da sociedade cotidiana de seu tempo, detiveram-se mais em temáticas essencialmente universalizantes e demonstraram pouco interesse em analisar de modo particular a realidade nacional como, por exemplo, o fizeram Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902), e Lima Barreto que, em toda sua produção literária, fixou e criticou acerbamente não apenas a sociedade carioca de sua época, mas também abordou com ácida ironia quase todos os acontecimentos políticos da primeira fase da história republicana brasileira. Desse modo, os grandes acontecimentos históricos e políticos que se processavam no país durante a fase final da monarquia e nos primeiros anos do regime republicano foram acintosamente desconsiderados:

Num país onde se processavam experiências raciais da maior importância, onde as condições de existência variavam dos requintes sofisticados da Corte ao primitivismo das populações rurais, onde as relações de senhores e escravos suscitavam um sem-número de problemas, os romancistas que se criam realistas voltavam-se de preferência para os casos de alcova, para a análise de temperamentos doentios. Seguiam os temas de Zola e Eça de Queirós, sem atentarem nas diferenças entre as sociedades francesa e portuguesa e o nosso meio em formação,(...). Considerava-se o indivíduo como a resultante dos choques entre a hereditariedade que plasmava o temperamento e a sociedade que condicionava a conduta, tinham que saber ver o que em torno deles se passava. E, ao contrário, foram, com poucas exceções, indiferentes às conseqüências sociais da abolição, da proclamação da República e do encilhamento — sucessos desenrolados, todos,

durante o fastígio naturalista. No fundo, eram românticos que se ignoravam mais que nem por isso deformavam menos a realidade<sup>30</sup>.

Segundo Josué Montello: Essa tendência patenteia-se, em suas diretrizes gerais, na predileção dos naturalistas brasileiros de maior expressão por temas relacionados com a sexualidade licenciosa ou patológica, com o anticlericalismo e com o preconceito racial<sup>31</sup>. Desses, apenas o último pode-se considerar como referente às condições específicas da realidade social local, mas, mesmo assim, em geral o abordam nos limites do estudo de casos individuais, como em *O Mulato e O Bom Crioulo*, e não a partir de sua dimensão sociológica. Já o anticlericalismo militante era uma questão política mais pertinente à sociedade francesa, não se constituindo o mesmo em grave problema no Brasil<sup>32</sup>.

Sendo assim, muitos escritores naturalistas brasileiros, ainda que também tenham produzido obras de indiscutível valor literário, inclinaram para o estudo de condutas desviantes, compondo romances de tese nos quais anelavam provar o determinismo das “leis naturais”, isto é, a subordinação do homem às pressões ambientais e aos impulsos instintivos que se sobrepujam ou suplantavam a educação e a normalização imposta pela vida em sociedade. Tal foi o caso, só para ficar nos autores mais conhecidos, do já citado Aluísio Azevedo quando resolveu escrever um romance como *O Homem* (1887), de Júlio Ribeiro com *A Carne* (1888), de Marques de Carvalho com *Hortências* (1888), de Horácio de Carvalho com *O Cromo* (1888), de Adolfo Caminha com *A Normalista* (1892), de Domingos Olímpio com *Luzia-Homem* (1903) e, é claro, de Inglês de Sousa com *O Missionário* (1891).

---

<sup>30</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3 ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, José Olympio, 1973. p. 130.

<sup>31</sup> O baixo clero brasileiro do Império era bastante relapso em matéria de fé e prática religiosa, além de subserviente ao Estado — como demonstra a posição majoritariamente realista dos padres parlamentares. A Questão Episcopo-maçônica, opondo políticos e religiosos liberais contra bispos ultramontanos, foi uma disputa sobre a definição das esferas de responsabilidade da Igreja e do governo civil sobre assuntos eclesiásticos e não exatamente um movimento anticlerical (Barros, 1974). O anticlericalismo nos romances naturalistas brasileiros — retratando os sacerdotes como cínicos, folgazões e desrespeitadores do celibato — deve-se mais à influência de Eça de Queirós e de Zola do que a um virulento movimento anticlerical local. Em *O Missionário*, por exemplo, “o anticlericalismo da obra se insinua com tal moderação e isento de ironia ou sarcasmo caricaturais que repugna admitir plena intencionalidade na visão de ironia ou sarcas” em suma, demonstra “intenções mais estéticas que combativas”. MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.p. 58-59.

<sup>32</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3.ed. Rio de Janeiro: INL/MEC, José Olympio, 1973.

Outros, embora evitassem o modismo patológico, foram presas fáceis da presunção cientificista, como demonstra o abuso da terminologia médica e fisiológica por Rodolfo Teófilo em seu ciclo de romances regionalistas inspirados no interior nordestino. Ao privilegiarem a crítica e seletivamente alguns dos aspectos mais questionáveis do modelo de Naturalismo importado, tais obras perderam muito em originalidade e criatividade. Dessa forma, no duro julgamento de Nelson Werneck Sodré, o movimento não passou de um modismo transoceânico mal assimilado: “Contrastando com o meio, o naturalismo no [Brasil] dura pouco.”<sup>33</sup> (...),prende-se demais ao modelo externo e se salva em parte pela reconstituição do quadro de costume-se salva, pois, pelo que, nele, não é específico<sup>34</sup>.

Entretanto, por paradoxal que possa ser, foi providencialmente graças a essa preocupação em reconstituírem minuciosamente os costumes nacionais que nossos autores naturalistas, no conjunto de suas produções, souberam dispor da observação meticolosas, por vezes apaixonadas.<sup>35</sup> Foi precisamente por esquadriharem o cotidiano, retratando os hábitos e os costumes populares contemporâneos, que suas obras podem ser consideradas como uma fonte preciosa de informações a respeito da vida social em seu tempo, pois revelam dados e minúcias que são de inestimável valia para uma leitura sócio-antropológica da literatura. Os romances naturalistas deixam transparecer cenas de costumes provincianos, tanto em ambientes rurais quanto urbanos, e abordam situações e contextos sociais variados: aspectos da vida comunitária e doméstica: Trabalho, Lazer, Especificidades regionais, Práticas alimentares, Mentalidade, O imaginário, Crenças e Superstições populares, etc. Os preconceitos sociais, raciais e as representações culturais — da sociedade e do escritor — a respeito das camadas pobres, dos negros, mulatos e mestiços também se evidenciam de forma mais ou menos destacada, dependendo do autor ou do tema abordado. Mas, antes de concluir esse capítulo, deve-se ratificar que essa tendência em reconstituir o quadro de costumes local não foi uma inovação do Naturalismo. A incorporação de assuntos

---

<sup>33</sup> Prende-se demais ao modelo externo e se salva em parte pela reconstituição do quadro de costume-se salva, pois, pelo que, nele, não é específico” (SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 385).

<sup>34</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *Op. cit.*, p. 385.

<sup>35</sup> Pelo menos fixou indelevelmente alguns instantes brasileiros, com aquela fidelidade nítida que faz do romance o espelho do tempo e da vida. (MONTELLLO, Josué. *A Ficção Naturalista: Aluísio de Azevedo Inglês de Sousa Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha*. In: *A Literatura na Brasil*. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1955. v. 2, p. 68).

brasileiros sob um prisma realista, no que se refere à observação da vida cotidiana, foi uma herança ampliada das sementes de realismo que se manifestaram desde os primórdios de nossa literatura romântica.

Numa época em que o Realismo-Naturalismo<sup>36</sup> ainda não se fazia presente na literatura nacional, o jurista e romancista Inglês de Sousa afiguram-se como o precursor desse estilo em seus romances *O Cacaulista* (1876), *História de um Pescador* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877). A respeito do primeiro conto e do último, Antônio Olivieri diz-nos que em ambos a objetividade e a análise dos “fatos” predominam<sup>37</sup>. Apreciação que, sem dúvida, se poderia também estender ao segundo conto. Dentre todas as obras literárias de inglês de Sousa, e mais especificamente ainda em *O Coronel Sangrado*, manifesta-se, embora de maneira difusa e moderada, a influência naturalista que faria desses romances as primeiras obras publicadas no Brasil em que é possível desvelar-se alguns elementos constitutivos da proposta literária do Realismo-Naturalismo<sup>38</sup>.

O Romantismo encontrara na cultura francesa, como vimos, condições favoráveis de enraizamento e propagação, mas suas breves conquistas não alcançaram de todo vencer os remanescentes clássicos nem os movimentos de idéias gerada no bojo da Revolução Francesa e inspirado no Enciclopedismo, tendo o progresso como algo da razão como força motriz. Como se não pudesse absorver as manifestações vanguardistas do espírito científico setecentista, embora empecido pelo mesmo ardor revolucionário, o Romantismo extremou-se no culto do sentimento e da Natureza, deixando espaço aberto aos herdeiros convictos da Revolução,

---

<sup>36</sup> Após essa breve sinopse histórica toma-se mais fácil esclarecer o porquê do emprego da forma aglutinada Realismo-naturalismo para designar essas duas correntes no contexto literário nacional. Enquanto na França esses dois movimentos constituíram tendências estética e cronologicamente diferenciadas, não obstante o muito que partilhavam em comum, no Brasil a assimilação tardia dessas duas escolas fez com que aqui assumissem uma forma compósita, combinando como que numa única vertente a objetividade de Flaubert e o fisiologismo de Zola. Talvez por isso Bella Jozef tenha achado difícil estabelecer uma clara diferença entre realistas e naturalistas em nossa literatura. Todavia, mesmo assim cabe também esclarecer que os romancistas brasileiros não incorporaram uniformemente essas duas tendências: uma coisa é o Realismo sóbrio de Machado de Assis e outra o Realismo-Naturalismo vinculado aos preceitos ortodoxos dessa escola como se vê, por exemplo, em Aluísio Azevedo e em Júlio Ribeiro.

<sup>37</sup> OLIVIERI, Antonio. Por que ler o *Missionário*. In: *O Missionário*. São Paulo: Ática, 1988. p. 5: “Já se encontram princípios que iriam nortear a prosa naturalista, como a investigação das relações homem/meio, ou a projeção de um romance seriado que constituísse um amplo documento da vida social na Amazônia”.

<sup>38</sup> MONTELLO, Josué. A Ficção Naturalista: Aluísio de Azevedo, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha. In: *A Literatura na Brasil*. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1955, v. 2, p. 68.

enfeixados sob o rótulo de Ideólogos. Contra eles, que propugnavam o experimentalismo e a observação, cultivavam o fato e, levados pela fé no antidogmatismo, propunham-se a organizar a ciência das idéias, travaram-se por volta de 1820, as derradeiras escaramuças em prol da estética romântica. derrotadas, não por defenderem tais doutrinas, se não por lhes faltar o apoio da conjuntura, inclinada aos românticos, e as versatilidades estilísticas dos adversários, nem por isso deixaram de reagir contra a nova moda, prenunciando o advento do Realismo.

Entretanto, as origens mais próximas do ideário realista devem ser procuradas nas artes plásticas, que conheciam, em meados do século XIX, um período de tal efervescência que não poucos homens de letras francesas, dentre eles Vítor Hugo, Gautier, Musset, também manejavam com habilidade o pincel ou o lápis. Nesse clima, não estranha que surgissem opositores à moda vigente: Gustave Courbet expõe, no salão de 1850-1851. *O enterro em Ornans*, em 1853. *As Banhistas*, telas suficientemente escandalosas para serem recusadas na Exposição Universal de 1855. E na introdução ao catálogo da exposição faz profissão de fé anti-romântica: começando por explicar que “o título de realista [lhe] foi imposto, assim como o título de românticos aos homens de 1830”, põe-se contra o princípio da “arte pela arte” e termina por afirmar que seu objetivo consistia em “traduzir os costumes, as idéias, o aspecto de [sua] época segundo [sua] apreciação, em suma fazer arte viva” . Posteriormente, numa conferência pronunciada em Anvers (1861), o pintor acrescentaria, num rasgo de convicção e orgulho, que “o núcleo do Realismo é a negação do ideal. *O Enterro em Ornans* foi o enterro do romantismo”.

O gesto indignado do artista rebelde — afinal de contas ainda a reagir como bom romântico — vinha acompanhado de manifestações literárias dirigidas no mesmo rumo: em 1848, Henri Murger publica, em folhetins, *as Cenas da Vida Boêmia*, onde, a propósito de retratar os meios artísticos do tempo, focalizando os costumes da Burguesia. Contemporaneamente, Champfleury, pseudônimo de Jules Husson, dá a público uma narrativa (*Chien-Caillou*, 1847) inspirada na vida de um gravador da época; em 1856, edita *La Gazette*, jornais efêmeros, destinados à defesa e ilustração de causa realista e, no ano seguinte, publicam *O Realismo*, espécie de livro-manifesto.

O ano chave, esse de 1857, pois além de presenciar o auge da fase polêmica em favor das idéias realistas, marca o aparecimento de duas obras definidoras de mudança anunciada: *As Flores do Mal*, de Baudelaire, fonte das principais linhas de força da poesia moderna; e *Madame Bovary*, de Flaubert, que inaugura, com sua impiedosa crítica à hipocrisia burguesa, o romance realista. Pode-se dizer que o ano de 1857 assinala a vitória, na França, das novas idéias sobre o Romantismo. Passados dez anos, Zola introduzia o romance naturalista com *Thérèse Raquin*, assim levando ao grau mais alto as propostas realistas no campo literário.

Toda a querela entre românticos e realistas esbatia-se num horizonte cultural prenhe de comoções, anunciadoras de metamorfoses que a própria revolução romântica implicava, como se, em verdade, os ideais de Chateaubriand, Lamartine e outros tivessem de negar-se para ver-se concretizados: a rigor, como tem apontado a historiografia literária, não existe solução de continuidade entre o Romantismo e o Realismo, porquanto é de regra que entre as estéticas haja um liame estreito e profundo, mas também porque as veleidades românticamente revolucionariam precisavam contradizer-se para realizar-se. A íntima contradição em que flutuava a arte romântica pressupunha a necessidade de um movimento dialético para efetivar-se, aparecendo na tese o sentimento e a idealidade, e na antítese o apelo à missão altruística que se impunham os homens das letras, e, portanto, o contato com a realidade imediata. Exaurindo os pólos egocêntricos, é natural que buscassem o extremo oposto. A análise do quadro cultural e das obras escritas à luz do ideário realista e naturalista virá demonstrar, porém, que o substrato continuava a ser dominado pelo paradoxo original: A paixão permanece alimentando uma visão do mundo ainda bafejada pelos ventos do idealismo, embora soprando em outra direção.

De resto, quando os líderes do naturalismo avançaram para a estética realista, declarava-se ser "a obra de arte um recanto da natureza visto através de um temperamento", apontava-se o dualismo inextricável, afinal das contas determinado pelo próprio objeto da arte, em que acabaria naufragando o propósito de objetividade que nutria a geração anti-romântica. Na verdade, nem é preciso recorrer à presença subterrânea de traços românticos para explicar a dualidade do movimento realista; basta pensar no abismo que separa toda teoria estética de sua prática: entre repelir a idealidade romântica em manifestos e folhetos carbonários e

produzir obras coerentes com tais princípios, vai a distância que separa a utopia da realidade. E foi graças a essa contradição, inerente a todo movimento literário, que o realismo pode, à medida que se afastava do seu decálogo, gerar textos de superior valia estética.

A revolução de fevereiro de 1848, denominada (revolução permanente)<sup>39</sup> da França, é o primeiro acontecimento a reagir nesse contexto. O Realismo será filho da revolução de 1848, — ou antes, os acontecimentos de 1848, revelando-o a si próprio, lhe darão consciência de ser. Nesse mesmo ano, Karl Marx dá início, com *O Manifesto Comunista*, a uma longa obra de análise da burguesia e do capitalismo, em impacto ainda vivo, pelas ressonâncias gerais que desencadeou; e Renan escreve *O Futuro da Ciência* (inédito até 1890), testemunho de fé no valor da ciência, no qual ecoava o magistério de Augusto Comte, cujas idéias se disseminariam por todos os quadrantes do saber. Seu *Curso de Filosofia Positiva*, exposto a partir de 1826 e publicado a partir de 1826, em seis volumes, entre 1830 e 1842, propunha-se como uma tentativa de sistematização do conhecimento humano em forma de pirâmide cujo vértice seria ocupado pela Sociologia. Fazendo apologia da ciência, tinha o pensador como objetivo exercer benefícios sobre o corpo social, para tanto, refutava a teologia, porque baseada na fé e vulnerável a análise da filosofia e a Metafísica, por não resistir ao crivo da ciência. Interessavam-lhe os fatos, concretos, "positivos", suscetíveis de análise e experimentação, de forma que, com base no bom senso, se procurasse saber, não o "porquê" ou "quê", ou "para quê", mas o "como" dos fenômenos reais. Apesar da reação provocada, a filosofia positivista exerceu larga influência, de que resultaram certas estreitezas de idéias e certas afirmações ridículas e pretensiosas de cientistas e romancistas naturalistas.

Dentre os pensadores que se deixam seduzir pela doutrina positivista, destaca-se Proudhon: voltado para as questões sociais, num misto de individualismo e anarquia, pregava a abolição da propriedade privada, punha-se contra a Igreja, o comunismo, o sufrágio universal, rejeitava o princípio da arte pela arte em prol de uma arte destinada à coletividade (*Sistema das Contradições Econômicas*, 1846; *Teoria da Propriedade*, 1866). Não menos vinculado ao pensamento de Comte,

---

<sup>39</sup> Em 1848 preparava-se uma revolta popular que colhia alguma simpatia por parte da burguesia. A burguesia industrial nomeadamente conseguiu a reforma do direito de sufrágio e a redução do censo eleitoral. Os operários reclamavam a instauração de uma república e exigiam um reforma.

Taine tornou-se o verdadeiro filósofo do Realismo.

O pano de fundo científico e filosófico sobre que se projeta a renovação realista ainda é atravessado por outros acontecimentos relevantes, como *A Origem das Espécies* (1859), de Darwin, propondo a seleção natural como fator decisivo na evolução das espécies, de modo que o condicionamento do meio se manifestaria na escola dos mais fortes e no repúdio aos menos resistentes; *a Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* (1865), de Claude Bernard, defendendo o método experimental de Zola; as idéias de Schopenhauer, fundadas num pessimismo extremo (*O Mundo como Vontade e Representação*, 1818; *Da vontade da Natureza*, 1836): o pensador alemão considera que o ser humano, submetido a determinismos morais, se destina à dor e ao sofrimento, e o mundo, imenso palco de ilusões, acena com alegrias logo dissipadas pelo esforço em atingi-las.

A valorização da ciência é a primeira inferência a tirar do quadro cultural em que se desenrola a eclosão do Realismo. A análise das obras inspirada na mística científica mostrou até que ponto foi benéfica ou maléfica a subordinação da arte a um estatuto que lhe era ostensivamente antagônico. Enquanto não chegar a hora de fazer um o balanço entre a teoria e a prática, vejamos como a doutrina procurou enfrentar os problemas suscitados pela estranha aliança do positivismo com a imaginação.

Antes de qualquer coisa, porém, é preciso não perder de vista que o Realismo e Naturalismo, embora interligadas a ponto de o segundo continuar, afirmando e exagerando o primeiro, exibem características diferenciadoras que serão objeto de exame mais adiante, quando focalizarmos a prosa realista, ao passo que as comuns serão objeto das considerações seguintes.

Impulsionados pela positividade, e espectadores vibrantes da Revolução Industrial com suas generalizadas mudanças no estilo de vida e de cultura, os realistas começaram por ser, obviamente, anti-românticos. E como tal preconizava uma arte literária diametralmente oposta à romântica; bastaria, por isso, que se invertessem os artigos do código romântico para se chegar ao programa estético defendido pelos herdeiros da Revolução de 1848. Ao invés do subjetivismo, propunham a objetividade, amparados na idéia positiva do fato real; em lugar da

imaginação, a realidade contingente; assim, ao "eu", que os românticos erigiram como espaço ideal para suas pervagações fantásticas e imaginárias, os realistas opunham o "não-eu" a realidade física, o mundo concreto. A tônica situa-se, portanto, no "não-eu"; o "eu" não mais paira, como no romantismo, acima da realidade, mas no nível da realidade, a ponto de confundir-se com ela e se submeter às mesmas leis que a governam. E para alcançar a meta desejada, seria necessário repelir o sentimento em favor da única via de acesso à realidade concreta: a inteligência. Racionalistas, como pediam o cientificismo da época, procuravam a verdade impessoal e universal, não a individual, como julgavam os românticos. E a verdade localizava-se, a seu ver, na realidade, concebida como o mundo dos fenômenos físicos, suscetíveis de captação pelos sentidos.

Para tanto, abandonaram as preocupações teológicas e metafísicas, porque identificadas com o universo romântico, e aderiram à visão do mundo sugerida pelas ciências. O dado positivo, como ensinava Comte, passa a substituir o "mistério" e as alegorias do idealismo romântico, e os fatos, observáveis, documentáveis, analisáveis, experimentáveis, a ocupar o território antes ocupado pelo devaneio e a fantasia. Buscam, enfim, comportar-se perante a arte como autênticos cientistas. Descortinada ao natural, a psicologia se lhes afigura sujeita as leis da fisiologia, em íntimo paralelismo: os caracteres, pintados ao vivo, patenteiam desvios e mazelas, ao contrário da visão romântica, inspirada nos estereótipos imaginários; o dia-a-dia, com suas formas agressivas de violência, sujeira e fealdade, entra a preterir a idealidade de repassada de beleza pura e irreal.

Na esteira de Taine, admitiam que a obra de arte, bem como o ser humano, esta condicionada ao trinômio herança, ambiente e momento, em simbiose com a *faculté maîtresse*, o que significava postular que todo ser vivo é escravo das leis universais que regem o cosmo. Incluindo o Homem, tal simetria pretendia que entre a vida e matéria bruta houvesse similitude. A ciência prova que as condições de existências de todo fenômeno são as mesmas tanto nos corpos vivos como nos brutos; daí que a fisiologia se aposse, paulatinamente, das certezas da Química e da Física. O homem deixava, assim, de ser o centro do Universo e medida de todas as coisas, como pedia o romantismo egolátrico, para se transformar numa engrenagem do mecanismo cósmico e natural, com funções análogas às das outras peças, pertencentes ao reino animal, vegetal ou mineral. Concepções mecanicistas, atentas

à fenomenologia do real, refratária invisível e ao culto, postulando uma teoria do conhecimento que não dava margem a dúvidas ou aporias instrumentadoras da especulação, num otimismo em relação à ciência que logo se mostraria excessiva e tão idealista quanto o adversário que anelava derrubar, exerceu notável influência em todas as províncias literárias.

Criada em tal ambiência, a obra literária passou a ser considerada utensílio, arma de combate, voltada para as reformas do corpo social, tendo em vista um limite de perfeição calçado nas conquistas da ciência. Repelindo a "arte pela arte", desinteressada e egocêntrica, os adeptos do Realismo, sobre tudo os mais ortodoxos, pregavam a arte compromissada, ou engajada. Os poetas, endeusando a ciência como veículo apropriado à solução dos males sociais advenientes dos valores burgueses, acreditavam que seus poemas devessem esta a serviços das causas redentoras e não da confissão estéril de vagos estados d'alma; em suma, entendiam que devessem poesia científica, revolucionária, polêmica, erguida em nome da modificação completa do organismo social.

Por sua vez, os romancistas faziam obras de tese: à semelhança do cientista que no laboratório, empreende seguidas experiências objetivando o conhecimento positivo de um fato, o romancista se valeria da narrativa para demonstrar que a situação dramática, protagonizada por figurantes submissos aos fatores hereditários, ambientais e de momento, fatalmente deveria resolver-se de acordo com as forças em presença. O romance deixava de ser fabulação de ordem sentimental para ser experimenta: Zola, seu teórico, principia dizendo que "o romancista parte à procura de uma verdade", e termina por asseverar que "o romance experimental (...) é simplesmente os processos — verbais da experiência, que o romancista repete sobre os olhos da natureza, e a seguir estudar-lhes o mecanismo, que age sobre eles pelas modificações das circunstâncias e dos meios, sem jamais se afastar das leis da natureza. No fim, processa o conhecimento do homem, o conhecimento científico, na sua ação individual e social. E como a prevenir objeções a esse mecanismo subserviente, acrescenta, não sem contra-dizer. Partimos dos fatos verdadeiros, que são nossa base indestrutível; mas, para mostrar-lhes o mecanismo, é preciso que produzamos e dirijamos os fenômenos; eis aí nossa parte de invenção, de talento, na obra".

## 1.2 A Etnografia de Inglês de Sousa

A etnografia como uma abordagem de investigação científica é explorada nesse texto, especialmente aquelas que se interessam pelos estudos das desigualdades sociais e dos processos de exclusão. A etnografia desenvolve aspectos que envolvem o trabalho, informando que fazer etnografia implica:

- 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura entendida;
- 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais;
- 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a refletividade sobre a ação de pesquisar.

Etnologia é um termo originário do século XIX, para designar estudos comparativos dos modos de vida dos seres humanos. Neste período da história muitos estudos voltaram-se para a origem da vida humana: por exemplo, a arqueologia, a lingüística histórica, desenvolveu-se na tentativa de revelar a origem da linguagem, a origem do homem. Etnologia emerge como ciência neste contexto, juntamente com a arqueologia, filologia, lingüística histórica, paleontologia e a teoria geral da evolução em biologia. Uma das grandes questões do início do século XIX foi o desenvolvimento histórico. Ao mesmo tempo em que a questão da diversidade de desenvolvimento também emerge neste contexto ainda no mesmo período, os europeus ocidentais estavam engajados no colonialismo em todo o mundo, descobrindo uma variedade imensa de sociedades desconhecidas e radicalmente diferentes nas formas básicas de organização de grupamentos humanos, religião, linguagem. Interesses em estudos comparativos emergiram deste contexto.

Portanto, a etnologia apareceu primeiramente em estudos antropológicos ingleses, 50 ou 60 anos antes do aparecimento da etnografia desenvolve-se no final do século XIX e início do século XX, como uma tentativa de observação mais holística dos modos de vida das pessoas. Foi encontrada primeiramente em livros de viagem, descrevendo sociedades exóticas. Muitos desses livros foram criticados por serem incompletos ou por dramatizarem excessivamente os fatos descritos. Houve,

também, neste período um estudo de caso descrevendo os modos de vida desses "povos exóticos", introduzindo desta forma a etnografia que daí se desenvolveu. No entanto, a etnologia ficou ainda e permanece como suporte para a etnografia moderna<sup>40</sup>.

A maior preocupação da etnografia é obter descrições densas, as mais completas possíveis, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm; esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente. O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categorial cultural. Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação.

Etnografia é escrita do visível.

Tradicionalmente, os homens fazem comparações entre sua própria cultura e as de outros povos. Como também, pessoas hierarquicamente mais afluentes observam e comparam as pessoas de menos afluência, sempre observando o outro como diferente de si mesmo. Neste sentido, o que sempre existiu foi uma comparação entre os modos de vida de outros povos que eu estou descrevendo e o meu próprio. Existiu também uma comparação no sentido mais amplo, uma idéia de que o modo de viver comunitário é representativo de um conjunto de opções, por modos de organizações que eram muito mais variados do que as opções oferecidas. Por analogia, este é o modo como pensamos a linguagem como representativa de uma certa escolha na forma de organização social, o que é muito parecido com o que fazemos hoje como etnógrafos. A etnografia sempre teve interesse na comparação etnológica e a maioria das pessoas que faz este trabalho hoje continua a utilizar este instrumento de análise. Ao estudarmos uma sociedade tentamos estudar o todo desta sociedade — os jovens, os idosos, as áreas urbana e rural, as relações intergeracionais, relações de gênero, de classe — os fatos sociais que ocorrem neste contexto.

---

<sup>40</sup> Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações. "o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa (GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 15).

Na moderna etnografia, o legado da etnologia é o interesse no desenvolvimento como um todo, dentro de uma dada sociedade, e o interesse em todos os tipos de variações deste desenvolvimento. Uma distinção entre a etnologia e etnografia existe particularmente em estudos de casos comparativos. Em etnografia existe o interesse da sociedade local ou grupo estudado em descobrir e relatar o mais detalhadamente possível todos os tipos de variações que ocorrem dentro deste grupo. Não estamos interessados numa forma única de variação em relação ao total da variação humana. Se numa comunidade local existem mais de uma maneira de organização social do grupo, por exemplo: em relação à linguagem, classe social e gênero, nós sempre vamos querer descobrir todos os modos de agrupamento daquele grupo em particular.

Já os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano. Nas leituras mais militantes, por certo, esses atores são recuperados, mas como sujeitos de estratégias políticas como o orçamento participativo, um "urbanismo socialmente includente", associações de vários tipos etc.

A presença de migrantes<sup>41</sup>, visitantes, moradores temporários e de minorias; de segmentos diferenciados com relação à orientação sexual, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças; de grupos articulados em torno de opções políticas e estratégias de ação contestatórias ou prepositivas e de segmentos marcados pela exclusão — toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo atomizado, mas na possibilidade de sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes.

A partir de meados do século XIX, as grandes cidades litorâneas do Brasil — Rio de Janeiro, Recife, Salvador, São Luís e Belém — cresceram não somente em tamanho e em população, mas também experimentaram visíveis melhorias no que

---

<sup>41</sup> Um mulato de Pernambuco, uns sujeitos perigosos, incorrigíveis, um dos subchefes do bando talvez um dos mais importantes de todos. Cf. SOUSA, Inglês de. "O Rebelde" In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 164.

diz respeito aos serviços de infra-estrutura urbana. Ao mesmo tempo, suas elites passaram por um processo de “reeuropeização”, segundo os moldes anglo-franceses, cristalizando um estilo de vida citadino burguês, o que contribuiu para diferenciar cada vez mais as cidades do campo.<sup>42</sup> Esse padrão de civilidade burguês europeu, que lentamente se difundia pelo Brasil, valorizava as cidades e o modo de vida urbano em detrimento da vida simples das áreas rurais, do interior em geral, que passou a ser considerado o espaço do atraso e da rusticidade<sup>43</sup>. Apesar de as condições materiais e sociais da cidade e do campo não serem radicalmente contrastantes nessa época, o fato é que se estabeleceu, pelo menos em nível sócio-cultural, uma nítida separação entre o estilo de vida urbano e rural, na qual os habitantes das cidades consideravam-se mais “civilizados” do que os habitantes do campo<sup>44</sup>.

Na Amazônia as duas capitais regionais, Belém e Manaus, experimentaram, com o início da exploração da borracha, algumas melhorias urbanas e o influxo de costumes e comportamentos próprios da modernidade européia<sup>45</sup>. Até então a economia da região havia-se esteado no extrativismo de produtos tropicais e numa modesta agricultura comercial, com especial destaque para o cacau<sup>46</sup>. Depois dessa época, a borracha progressivamente superou o cacau tornando-se o principal produto de exportação regional. Entre as conseqüências da exploração do látex, podemos mencionar à intensificação do comércio interno e externo, proporcionado pela introdução da navegação a vapor e pelo aumento da população.

Foi durante essa fase de transição econômica, em que a borracha assumia a primazia na economia regional, que o escritor realista-naturalista paraense Inglês de Sousa (1853-1918) encetou a publicação de sua série de romances *Genas da Vida do Amazonas: O Cacaalista* (1876), *História de um Pescador* (1876) e *O Coronel*

---

<sup>42</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

<sup>43</sup> MORAIS, José. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. In: PRADO, Maria; CAPELATO, Maria (coord.). 3. ed. São Paulo. 1994.

<sup>44</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, Maria. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos. Edusp, 1978.

<sup>45</sup> DAOU, Ana. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 (Coleção Descobrimdo o Brasil).

<sup>46</sup> BARATA, Manoel. “A antiga produção e exportação do Pará”. In: BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará: obras reunidas*. Belém: UFPA, 1973 (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo); SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T. Queiroz. BCS, 1980.

*Sangrado* (1877).<sup>47</sup> Eram obras que retratavam o cotidiano e o modo de vida na sociedade cacauicultora amazônica ao redor da cidade de Óbidos e nas margens do igarapé de Alenquer. Posteriormente, mais dois livros — não inclusos na série, mas tratando do mesmo tema, embora em outras localidades amazônicas — juntaram-se àqueles primeiros: *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1893).<sup>48</sup> Em todas essas obras, Inglês de Sousa procurou fixar o contexto social contemporâneo da região e o modo de vida da população ribeirinha local, tanto dos que moravam nas pequenas vilas quanto dos que residiam nas fazendas de cacau ou nos sítios da área rural. Na Amazônia da década de 60-70, do século XIX, a vida urbana ainda engatinhava. Belém, a maior cidade da região, era considerada, pelos contemporâneos, como um grande centro civilizado<sup>49</sup>, embora mantivesse a aparência e a estrutura de uma cidade-aldeia<sup>50</sup>. As outras cidades e vilas, inclusive Manaus, pouco mais eram do que modestas povoações que funcionavam como entrepostos comerciais. A maioria não passava de remotas e paupérrimas aldeias de palha que mal mereciam o nome de vilas, sendo a maioria de seus moradores mestiços semicivilizados, que levavam, até a introdução do barco a vapor, uma vida de quase completo isolamento.

Mesmo nas localidades mais desenvolvidas, como Óbidos, por exemplo, a vida cotidiana era calma e sem muitas novidades. As vilas interioranas só perdiam seu ar monótono por ocasião das missas dominicais e das festas religiosas, em dia de acontecimentos sociais relevantes, como enterros ou casamentos de gente influente, ou durante a época dos sufrágios políticos, cujas sessões escrutinadoras funcionavam nas paróquias das cidades. Era, sobretudo nessas ocasiões, que se quebrava “a tranqüilidade morna” que caracterizava “o modo ordinário duma povoação sertaneja<sup>51</sup> perdida na imensa selva amazônica. Festas folclórico-religiosas de origem indígena, como o Sairé, também atraíam periodicamente um grande número de pessoas para as vilas e cidades.”

---

<sup>47</sup> SOUSA, Inglês de. *O Cacaulista*. Belém: UFPA, 1973. *História de um Pescador*. 2. ed. Belém: FCPTN/ SECULT, 1990 (Série Lendo o Pará n. 8); *O Coronel Sangrado*. Belém: UFPA, 1968.

<sup>48</sup> SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.

<sup>49</sup> SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado*. Belém: UFPA, 1968, p. 42.

<sup>50</sup> LEITE, Marcos. A construção da Imagem das Cidades Amazônicas no século XIX. In: *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Rio de Janeiro: PROUB. 1997; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

<sup>51</sup> SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 26.

Apesar das grandes diferenças de desenvolvimento entre a capital do Pará e as cidades interioranas, nos romances inglesiano pode-se constatar que os habitantes das pequenas localidades da área rural — como Óbidos e Silves, cidades abordadas em suas obras<sup>52</sup> — não obstante, reconhecerem a superioridade de Belém, como um centro maior. Postos avançados da civilização quando comparadas com outras povoações menores. Configurava-se, assim, uma espécie de escala ou hierarquia de civilidade, em que a capital do Pará, Belém, era considerada a cidade mais civilizada da região, enquanto as cidades interioranas emulavam entre si, tentando ocupar, uma em relação à outra, a melhor posição hierárquica. Esse tipo de mentalidade era decorrente da ideologia da civilidade que se consolidava na Amazônia da era do vapor.

Embora o interior, de um modo geral, fosse considerado um lugar atrasado e ermo, até mesmo pelos que lá residiam<sup>53</sup>, a vida nas pequenas vilas ribeirinhas da área rural era reputada como superior a que se levava nas distantes e solitárias fazendas. As vilas ofereciam, na visão um tanto quanto condescendente de seus moradores, as condições materiais e sociais mínimas para aspirarem a uma existência civilizada.

Em *O Missionário*, encontramos um trecho que elucida muito bem o assunto “tipo de mentalidade”. Durante um almoço de recepção ao novo vigário da vila de Silves, os convivas fizeram uma comparação entre a vida citadina e sertaneja. Com exceção do pároco, todos elogiaram a vida nas vilas<sup>54</sup>.

“Há gente com quem conversar, há recursos, vêem-se caras novas”. dizia um. A vida monótona da roça foi considerada como um sacrifício, pois para, “um homem inteligente, o sertão é uma sepultura”<sup>55</sup> afirmava outro. Asseveravam que apenas nas cidades se poderia encontrar agitação e gente nova todos os dias, e se era verdade que Silves não era tão grande quanto Belém ou Manaus, ainda assim era melhor que muitas vilas do médio Amazonas. No final do diálogo, os presentes ainda se gabaram do fato de que em Silves existiam boas lojas, enquanto Vila Bela (Parintins), uma localidade próxima, contava apenas com uma e mesmo assim não

---

<sup>52</sup> Ver Anexo pág., o mapa das cidades abordadas nos contos.

<sup>53</sup> SOUSA, Inglês de. *O Cacauleta*. Belém: UFPA, 1973. p. 60.

<sup>54</sup> Idem. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 77.

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 25.

tão boa<sup>56</sup>. Pelo visto, os moradores de Silves cotejavam o nível de progresso de sua cidade com o de outros lugarejos considerados mais atrasados ou adiantados.

No romance *O Coronel Sangrado* vê-se que o mesmo fato ocorria em Óbidos, à cidade do Baixo Amazonas e terra natal de Inglês de Sousa. No decurso da campanha eleitoral para a Câmara da cidade, um dos candidatos à vereança, Félix Labareda, discursava veementemente exigindo uma melhoria nas posturas urbanas municipais, fazendo comparações com outras vilas amazônicas: “É preciso mostrar a esta gente que Óbidos não é Juruti nem Anderá (Barreirinha), que é uma cidade civilizada”<sup>57</sup>. O ideal de civilidade preconizado na fala dessa personagem exigia que o cotidiano da população obidense fosse alterado pela remoção de tudo aquilo que simbolizasse o atraso e a insalubridade urbana, o que apenas refletia a ideologia da modernidade burguesa no que concerne ao disciplinamento do espaço urbano. A necessidade de um código de posturas mais rigoroso para gerir Óbidos era defendida por Félix Labareda, tendo como exemplo Belém, a capital da província:

Deus queira que os senhores tomem a peito o bem do município. Olhem que Óbidos já é uma cidade civilizada; é preciso que os nossos vereadores se lembrem disto. Que quer dizer o Manuel do Porto a soltar os cavalos no centro da cidade, deixar que os bois pastem na rua de São Francisco? Uma coisa que é preciso acabar é com o péssimo costume de criar porcos nos quintais..., há de por força fazer mal à saúde. Eu pela minha parte estou disposto a cumprir honrosamente o meu dever, grite quem gritar. Olhem lá — continuou ele abaixando a voz —, não são só os pequenos que não se importam com as posturas. Que é do capitão Batista se mandou capinar a frente de minha casa? Nem nisso cuida, e, no entanto, ele é que devia dar o exemplo. Eu cá por mim não tenho considerações, grite quem gritar. As ruas estão péssimas, cheias de covões; os lampiões apagam-se às nove horas... dizem que o Caetano compra querosene muito ordinário que o *remexido* vende por uma ninharia. Ora, isto assim não pode continuar! Óbidos não há de ser toda vida uma aldeia. O Senhor Faria, que chegou da capital, deve saber como se governa uma cidade. Vão lá der se no Pará o Antônio do Cabo cria galinhas no meio da rua.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>57</sup> SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado*. 2.ed. Belém: UFPA, 1986, p. 125.

<sup>58</sup> SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado*. 2.ed. Belém: UFPA, 1986.

Nosso inflamado orador acreditava que Óbidos já era ou, pelo menos, tinha que ser uma cidade civilizada e não podia mais tolerar o descaso anti-higiênico com que os habitantes tratavam as vias públicas, criando soltos animais domésticos como galinhas e porcos<sup>59</sup>.

Na literatura inglesiana percebe-se que um cidadão citadino civilizado era reconhecido por sua educação, postura, proveniência e trajés. Essas características estão presentes no Alferes Moreira,<sup>60</sup> em Miguel Faria, após sua estadia em Belém<sup>61</sup> e no padre Antônio de Moraes; neste último, aliás, o que impressionou Clarinha, além de sua aparência física, foi que o “hóspede tinha hábitos duma elegância desconhecida, naturalmente apreendida nas cidades em que bebera a instrução que o sagrara superior aos outros homens”.<sup>62</sup> A indumentária era, sem dúvida, um elemento importante na hora de se distinguir os cidadãos civilizados dos roceiros. Depois que fixasse residência em Óbidos, como esperava após seu casamento, a personagem Rita de *O Cacaulista*, pretendia vestir-se como uma típica citadina, afirmava ela: “Lá na cidade hei de andar todo dia de sapato e meias, se me faz favor, e até de vestido da cassa ou musselina nos domingos, que não querem que pensem que sou matuta, que não sei me vestir”<sup>63</sup>. A moda era copiada de Belém, de onde se propagava para os mais distantes rincões da Amazônia por meio dos vapores. Todos queriam estar afinados com a última vestimenta em voga na capital do Pará. O Totônio Bernardino, uma almofadinha de Silves, “só vestia roupas feitas no Pará, umas coisas elegantes e novas”<sup>64</sup>.

Com efeito, conforme mencionado, os cidadãos dos grandes centros urbanos consideravam-se e eram considerados pelos interioranos, superiores aos matutos por seus hábitos civilizados e por sua educação formal. O padre José Fernandes de *O Cacaulista* considerava os advogados da comarca de Óbidos, “todos de grosseira educação”, menos preparados que os faraônicos, que eram “moços mais bem educados do que aqueles que nunca saíram destes matos...e até sabem latim!”<sup>65</sup>. Por essa razão, alguns citadinos instruídos e bem adaptados ao modo de vida

---

<sup>59</sup> Idem. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 125-126.

<sup>60</sup> Idem. *O Cacaulista*. Belém: UFPA, 2004. p. 37.

<sup>61</sup> Idem. *O Coronel Sangrado*. 2. ed. Belém: UFPA, 1968. p. 23- 37- 40.

<sup>62</sup> Idem. *O Missionário*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 178.

<sup>63</sup> Idem. *O Cacaulista*. 2.ed. Belém: EDUFPA, 2004. p. 129

<sup>64</sup> SOUSA, Inglês de. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 63.

<sup>65</sup> Idem. *O Cacaulista*. Belém: UFPA, 2004. p. 49.

urbana podiam se comportar de maneira arrogante em relação aos interioranos. E o que vemos acontecer em *O Missionário* quando o pedante juiz municipal de Silves, o Dr. Anselmo Natividade, formado em Direito em Recife, sentiu-se humilhado por ter seu pedido de dança recusado por uma jovem durante uma festa, o que o levou a desdenhar da moça evocando sua condição de matuta:

— Não é que eu faça empenho em dançar com estas matutinhas, explicava. Graças a Deus, lá no Recife, fartei-me de dançar com os melhores pares. (...) Dancei com baronesas e condessas, e graças a Deus, nunca ninguém me fez uma desfeita. Foi preciso vir a esta aldeia, para acontecer uma coisa assim.<sup>66</sup>

Num dos *Contos Amazônicos*, por exemplo: "Amor de Maria", o autor retrata o impacto que o jovem Lourenço de Miranda provocou ao chegar ao remoto povoado de Vila Bela (Parintins). Na narrativa, o rapaz é apresentado como um autêntico cidadão de hábitos urbanos e, por isso mesmo, comportava-se de maneira altiva e presunçosa, o que constrangia os moradores da povoação:

O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem apessoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda gente é morena e baixa. Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado. Quando olhava para algum dos rapazes da vila, através de sua luneta de cristal e ouro, o pobre matuto ficava ardendo em febre. Demais, chegara do Pará, sabia as novidades, criativa com graça os defeitos das moças. E montava cavalo com uma elegância nunca vista, e que eu (apesar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia) não podia deixar de admirar. Foi um acontecimento a chegada do Lourenço de Miranda. O capitão Amâncio, todo orgulhoso, apresentou-o logo à metade da população. Toda gente era obrigada a fazer-lhe elogios, posto que os muitos não agradassem aqueles modos petulantes, que pareciam dizer: — *Vocês são uns bobos!* Quem se saiu com essa, em primeiro lugar, foi à espirituosa Mariquinha, que o vira pela primeira vez na missa do Natal, mas que, coitada! Logo depois foi castigada pela liberdade com que falara do homem, cuja vida seria ligada ao seu destino.<sup>67</sup>

<sup>66</sup> Idem. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992. p.72.

<sup>67</sup> SOUSA. Inglês de. "Amor de Maria". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p.58-59.

Entretanto, não obstante a idealização do modo de vida urbano, da civilidade e da educação, isto não significava de modo algum que nas relações entre citadinos e matutos não existissem fricções devido a diferenças culturais e a preconceitos subjacentes de classe, raça e origem social. Um choque que podia ser observado desde o período regencial, como demonstra o conto inglesiano “O Rebelde”, ao abordar as revoltas sócio-raciais da fase pré-cabana na Amazônia, conflitos que colocaram em lados opostos dois segmentos bem específicos da sociedade amazônica: o branco rico e o caboclo pobre, o cidadão urbano e o roceiro.<sup>68</sup> Os moradores das áreas rurais podiam também mostrar-se desconfiado em relação aos citadinos na medida em que o mundo urbano e as idéias propagadas nas cidades, às vezes colidiam frontalmente com as crenças e tradições religiosas dos interioranos. Noutro conto do autor, “A Feiticeira” o narrador lastima a descrença e o ceticismo que grassava nos círculos estudantis na capital paraense.<sup>69</sup>

O sentimento de superioridade que os citadinos cultivavam em relação aos caboclos interioranos é atestado também, de forma bem humorada em *O Missionário*. No dia da chegada do padre Antônio de Moraes à vila de Silves, os viajantes embarcados no vapor viam do navio os matutos quase como criaturas exóticas, desdenhando-lhes os modos incultos e a aparência:

Ora, toda esta gente olhava para os homens da terra, como se estivesse vendo bichos, e tornava-se incômoda afinal. Macário estava em brasas, não por si, afinal era filho de Manaus, duma capital, estava acostumado a ver gente, mas pelos companheiros — coitados! que não sabiam como evitar aqueles olhares curiosos e impertinentes!<sup>70</sup>

Os rapazes da cidade, como o citado Lourenço de Miranda, eram

---

<sup>68</sup> DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: A Revolução Popular da Amazônia*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1990.

<sup>69</sup> Quereis saber uma coisa? Filho meu não freqüentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém, parece que todas as crenças velhas vão pela água a baixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos princípios que os pais lhe inculiram no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, (...) As coisas sagradas, os mistérios são cobertos de motejos. SOUSA. Inglês de. “A Feiticeira”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p.46.

<sup>70</sup> SOUSA. Inglês de. *O Missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 19.

considerados namoradores volúveis ou inconstantes<sup>71</sup> que, por vezes, com sua leviana insinceridade, despertavam arrebatadoras paixões nas impressionáveis moças interioranas<sup>72</sup>. Mas apesar de volúveis, eram particularmente visados pelas matutas que sonhavam em conseguir um bom casamento.<sup>73</sup> De todo modo, um cidadão civilizado, a antítese do matuto, usufruía incontestáveis vantagens frente a um roceiro, quando se tratava de preferências matrimoniais. Não é à toa, portanto, que na literatura inglesiana o grande confronto entre a civilidade e a matutice dá-se, metaforicamente, na disputa de Miguel Faria com o Alferes Pedro Moreira Bentes pelo amor da volúvel mulata Rita no romance *O Cacaulista*. O Alferes Moreira era o protótipo do cidadão: branco, instruído e de boa família belenense, embora financeiramente arruinada. Já o matuto Miguel Faria, ainda que branco, era um simples cacaulista das proximidades de Óbidos e que só tomaria contato com os requintes da vida urbana após residir cerca de quatro anos em Belém. Analisando-se as características de ambas as personagens, podem-se observar como os interioranos representavam os estereótipos do homem civilizado e do matuto.

Começemos pelo alferes Moreira. Como um rapaz da cidade,<sup>74</sup> deleitava-se sem acanhamento algum em troçar da ingenuidade dos matutos conforme atesta o depoimento de Rita: — Outro dia seu Moreira contou uma porção de histórias de roceiros, que iam pela primeira vez à cidade. Eu já não podia de me rir “<sup>75</sup>. Moreira acreditava realmente que a vida sertaneja, por seu isolamento, era capaz de piorar intelectualmente um homem.” Por mais que um homem seja inteligente, metendo-se por esses matos, acabou-se”. E, mais à frente acrescenta, “Aqui não tem uma pessoa muitas ocasiões de exercitar o que aprendeu”.<sup>76</sup> Concluindo, o Alferes arrematou: “Dizia o Dr. B... que antes queria morrer do que habitar longe dos centros populosos, onde não se encontrasse gente pensadora”.<sup>77</sup> Essas idéias expressam claramente as representações que teriam os moradores da capital paraense a respeito dos habitantes da área rural, considerada domínio do atraso.

Um jovem cidadão tão convencido de sua condição civilizada não poderia

---

<sup>71</sup> SOUSA, Inglês de. *O Cacaulista*. Belém: UFPA, 2004. p. 96-112.

<sup>72</sup> Idem. *Contos Amazônicos*. Belém. EDUFPA, 2005. p. 46-47.

<sup>73</sup> Idem. *O Cacaulista*. Belém: UFPA, 1973. p. 77-78, 109-111.

<sup>74</sup> Idem, ibidem, p. 54.

<sup>75</sup> Idem, ibidem, p. 78.

<sup>76</sup> Idem, ibidem, p. 60.

<sup>77</sup> Idem, ibidem, p. 60.

deixar de atrair a atenção da oportunista Rita, que nunca escondeu sua predileção pelo Alferes desde que o conheceu. O Alferes Moreira leva a vantagem sobre Miguel porque, como um rapaz da capital e oficial da Guarda Nacional, atraía a atenção das matutas interioranas que. “Notavam-lhe o andar, o penteado, a barba, o trajar, admiravam-lhe a dança, repetiam as chalaças que lhe tinham ouvido, e terminavam por uma indireta a Miguel, que como matuto, que era, estava longe de ter todas as perfeições do cidadão”.<sup>78</sup> Rita admirava Moreira e não conseguia ver em Miguel mais que “um matuto, que nem sequer tinha uma calça de casimira, um homem que não sabia dançar”.<sup>79</sup> Rita, apesar de ser uma lédima matuta, não queria casar com um matuto! Além disso, o casamento com o Moreira era a chance de realizar seu velho sonho de residir numa cidade. Comentando os preparativos que o noivo fazia para o casamento, dizia: “Seu Moreira já está preparando a casa na cidade (Óbidos) desta vez vou para a cidade. Ele disse que não queria morar no mato”. Morar na cidade como civilizado, não no mato como os matutos da roça, o texto não poderia ser mais explícito.

Todavia, Miguel Faria experimentou as duas faces da moeda: foi matuto, mas, depois de morar alguns anos em Belém, convivendo com a sociedade mais culta do Pará, adquiriu os hábitos e aparência de um homem civilizado. Quando retornou a Óbidos todos se admiraram com sua transformação,<sup>80</sup> pois agora o antigo roceiro “tinha todos os exteriores do homem civilizado”.<sup>81</sup> Realmente sua volta despertou a curiosidade dos moradores de Óbidos, e seus trajes e modos elegantes de cidadão atraíram a atenção das moças da cidade, que passaram a vê-lo como um bom partido nupcial.<sup>82</sup> No entanto, depois que retornou à sua fazenda, Miguel ficou desgostoso com o tratamento que passou a receber de seus antigos vizinhos, que se mostravam retraídos e até inibidos de se aproximarem dele, agora que era tido como cidadão civilizado. Realmente todos achavam que o Paraná-Mir não era mais lugar para Miguel, afetado pelas “Fidalguias l do Paraná”.<sup>83</sup> Tudo isso deixava Miguel

---

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, p. 37.

<sup>79</sup> Idem, *ibidem*, p. 109.

<sup>80</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>81</sup> Idem, *ibidem*, p. 42.

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, p. 97.

acabrunhado<sup>84</sup>.

Esse episódio, aparentemente banal, evidencia, contudo o fato premente de que, apesar de exaltada e admirada a civilidade — carregada de valores e símbolos novos, também, levantava suspeita e desconfianças entre os moradores do interior.

---

<sup>84</sup> “Sou para todos o moço do Pará, um estranho. Um ser importuno, cujas ironias se temem, e cujas maneiras são uma crítica acerba e ultrajante aos simplíssimos costumes do Amazonas. Sou um homem em cuja presença a gente precisa estar com cerimônias e civilidades, e a quem se oculta o coração, como uma coisa que serviria de pasto à zombada. (...) ninguém quer conversar comigo, porque receiam todos dizer alguma tolice que eu note em minha carteira de viagem”. (SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado*. Belém: UFPA. 1968. p.89).

## 2. O LEITOR E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

*Minha tarefa pode ser comparada à obra da arte de um explorador que penetra numa terra desconhecida. Descobrimo um povo, aprendendo sua língua, decifrando sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização.*

(Arno Stern)

### 2.1. Idéias e Recortes

Para a reflexão que propomos nesta dissertação, é importante a apresentação do conceito de *leitor* segundo a Estética da Recepção. Tal conceito já foi antes discutido por outros pesquisadores, entre eles destaca-se Hans Robert Jauss — maior expoente da Estética da Recepção — que, com seu artigo exposto durante uma conferência na Universidade de Constança (Alemanha Ocidental), lança questionamentos sobre a atuação do *leitor* no processo de valoração do texto artístico.

Não poderíamos deixar de abordar igualmente Wolfgang Iser, figura importante no cenário da interpretação literária, visto que, ao analisar o *efeito* provocado pelo texto no *leitor*, mostra a diferença entre os conceitos explorados na análise.

Para o recorte que apresentamos, além das teses formuladas por Jauss e dos postulados de Iser, utilizamos as reflexões de Luiz Costa Lima,<sup>85</sup> Terry Eagleton<sup>86</sup> e Regina Zilberman<sup>87</sup> para a elaboração deste capítulo. Essas leituras serviram como fonte de consulta para os registros efetuados e, embora fontes secundárias, sejam importantes documentos para a melhor compreensão sobre o papel do *leitor* na fruição de textos literários inglesiano. Além desses teóricos, utilizamos ainda Antoine

---

<sup>85</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. A *Literatura e o leitor*: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss. et al. coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

<sup>86</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*: uma introdução / trad. Waltensir Dutra. 5 ed. Martins Fontes, 2003.

<sup>87</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004.

Compagnon<sup>88</sup> e Vincent Jouve<sup>89</sup>.

Destaca-se aqui a importante contribuição de Luiz Costa Lima e Regina Zilberman como teorizadores dos pressupostos da Estética da Recepção, no Brasil.

## 2.2. O leitor — tecendo um conceito

O conceito de *leitor*, na forma como se apresenta no *Dicionário de Teoria da Narrativa* elaborado por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), identifica um *leitor real* e um *leitor ideal*.

O leitor empírico, ou real, identifica-se, em termos semióticos, com o receptor; o destinatário, enquanto leitor ideal, não funciona, em termos semióticos, como receptor do texto, mas antes como um elemento com relevância na estruturação do próprio texto. Todavia, o leitor ideal nunca pode ser configurado ou construído pelo emissor com autonomia absoluta em relação aos virtuais leitores empíricos contemporâneos, mesmo quando na sua construção se projeta um desígnio de ruptura radical com a maioria desses mesmos presumíveis leitores contemporâneos.<sup>90</sup>

Dessa forma, percebe-se que o leitor assume dois papéis distintos, mas relacionados. No primeiro deles, apresenta-se como um indivíduo concreto que de fato realiza o ato de leitura com o objeto livro nas mãos. Já no segundo papel, também designado por Umberto Eco (1979) como *leitor modelo* e por Wolfgang Iser,<sup>91</sup> como *leitor implícito*, temos uma figura virtual idealizada pelo autor, inscrito no próprio texto para quem se destina.

De acordo com Regina Zilberman, para Hans Robert Jauss existe uma distinção entre o *leitor implícito* e o *leitor histórico*. Ele explica que:

---

<sup>88</sup> COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Literatura e senso comum. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

<sup>89</sup> JOUVE, Vicent. *A Leitura*. Trad: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP. 2002.

<sup>90</sup> REIS, Carlos. *O Conhecimento da Literatura*. Introdução aos estudos Literários. 2 ed. Coimbra: Livraria Almedina. 1997. p. 51-54.

<sup>91</sup> ISER, W. "O Ato de Ler" — *uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: ed. 34. 1996, v. I.

Segundo Hans. Robert. Jauss consiste no foco a partir do qual cumpre examinar a literatura, a estética da recepção sendo o resultado dessa virada. Ele distingue entre o leitor implícito [é uma] noção importada de Wolfgang.Iser, discernido a partir das estruturas objetivas do texto, e o leitor explícito [um] indivíduo histórico que acolhe positiva ou negativamente uma criação artística, sendo, pois, responsável pela recepção propriamente dita dessa.<sup>92</sup>

Vincent Jouve, definindo as relações entre esse leitor abstrato e o leitor de carne e osso, explica que é preciso considerar o primeiro como um papel proposto ao segundo. Papel que sempre é possível recusar. E mais, que:

Simetricamente, o receptor é ao mesmo tempo os leitores reais, cujos traços psicológicos, sociológicos e culturais podem variar infinitamente, e uma figura abstrata postulada pelo narrador pelo simples fato de que todo texto dirige-se necessariamente a alguém. Mediante o que diz e do modo como diz, um texto supõe sempre um tipo de leitor um “narratário” relativamente definido<sup>93</sup>.

No entanto, o conceito de leitor utilizado pela Estética da Recepção, não foi desde o início pensado dessa forma. Que caminhos foram percorridos para que se chegasse a esse conceito? Nessa trajetória muitos participaram, entre eles apresentaremos a seguir alguns pesquisadores, evidenciando suas contribuições.

É sabido que foi Aristóteles (384-322 ac.) o mais remoto precursor da Estética da Recepção. Foi este pensador grego que conferiu ao receptor e ao efeito sobre ele causado pela obra uma importância que só voltará a se manifestar significativamente no século XIX e, sobretudo no século XX.

Para o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), “o ato de pensar e o objeto do pensamento estão internamente relacionados, são mutuamente dependentes”.<sup>94</sup> Portanto, segundo ele, os fenômenos não precisariam ser

---

<sup>92</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004. p. 114.

<sup>93</sup> JOUVE, Vicent. “*A Leitura*”. Trad: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP. 2002. p. 36.

<sup>94</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. trad. Waltensir Dutra; 5 ed. Martins Fontes, 2003. p.76.

interpretados. Edmund Husserl sugere que ser e significar sempre estão atados um ao outro.

Como se pode perceber, Edmund Husserl não atribui ao leitor papel relevante quanto à interpretação de uma obra literária. O pensador afirma que o significado é inalterável porque é sempre um ato intencional de uma pessoa — o autor — num determinado momento do tempo. Diz que “o entendimento não é, em primeiro lugar uma “Cognição” isolável, um ato particular que pratico, mas parte de sua estrutura de existência humana”<sup>95</sup>.

Martin Heidegger (1889-1976), alemão discípulo de Edmund Husserl, rompendo com o sistema de pensamento de seu mestre, mostra que a existência humana é um diálogo com o mundo. Negou que a interpretação literária estivesse fundamentada apenas na atividade humana, revelando que ela “não é alguma coisa que fazemos, mas que devemos deixar que aconteça. Devemos abrir-nos passivamente ao texto, submetendo-nos ao seu ser misteriosamente inesgotável, deixando-nos interrogar por ele”<sup>96</sup>.

O que podemos apreender por meio destas idéias é que Martin Heidegger atribui ao leitor um papel passivo no trato com a obra literária. Embora reconheça a existência de seu trabalho, este não assume nenhuma responsabilidade maior que a de receber o que já fora pensado por outro.

Foi com o Formalismo Russo, na década de 20, que verificamos algumas mudanças significativas quanto ao receptor. A eles devemos a noção de estranhamento — efeito a ser obtido junto ao sujeito da recepção — que tem como objetivo formar e transformar a percepção estética do receptor. De acordo com Iuri Tynyanov “um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor”.<sup>97</sup>

É o conceito de estranhamento, utilizado por Iuri Tynyanov, importante por reconhecer uma função para o leitor e também por provocar uma permanente

---

<sup>95</sup> Idem, ibidem. p. 86.

<sup>96</sup> Idem, ibidem. p. 89.

<sup>97</sup> Idem, ibidem. p. 89.

renovação para alcançar o desejado efeito de estranhamento. Contudo, esse leitor ainda é visto como um mero objeto para a realização do procedimento e conserva sua passividade frente ao texto.

Regina Zilberman, explicando essa relação, diz que “a obra de arte é um signo, porque a significação é um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estético”.<sup>98</sup>

Jean Mukarovsky ainda reconhece que o recebedor é uma consciência coletiva que liga a visão imanente da obra de arte à sociologia. Chega ao conceito de norma, sua principal contribuição para a Teoria da Literatura. Regina Zilberman explica que normas para ele — “são elementos de estabilização do sistema e incluem não somente critérios literários, mas ideológicos, morais, sociais, etc”.<sup>99</sup> Afirma a pesquisadora que este conceito é importante por indicar um caráter coletivo da percepção estética, configurando “um horizonte reconstituído pela história da literatura”. Dessa forma, coloca a literatura como um fenômeno contínuo e transformador. A norma liga leitor à obra literária, pois este precisa completar vazios presentes no objeto estético.

Felix Vodicka, seguidor de Jean Mukarovsky, anos 40, valida o pensamento formalista de que a percepção da obra de arte não se dá de modo direto. Propõe uma nova história da literatura apoiada na noção de repercussão e recepção. Felix Vodicka parte do conceito de concretização. Discordando de Roman Ingarden que considera que o leitor concretiza aspectos esquematizados do mundo ficcional apresentado a ele — o pesquisador afirma que a concretização se realiza por meio de um código introjetado pelo recebedor.

Em *A validade da interpretação*, E. D. Hirsch Jr. (1967), ampliando o significado da fenomenologia de Edmund Husserl, afirma que “pode haver várias interpretações diferentes e válidas, mas todas elas devem se situar dentro do “sistema de expectativas e probabilidades típicas” que o sentido do autor permitir”. A obra literária “pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas em diferentes épocas”. Ainda que “as significações variam ao longo da história, ao passo que os

---

<sup>98</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 21.

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*, p. 2004.

sentidos permanecem constantes, os autores dão sentido às suas obras, ao passo que os leitores lhes atribuem significações”<sup>100</sup>.

No entanto, sua posição é vista como autoritária e jurídica, posto que considera o significado pretendido pelo autor, o sensor definitivo para a interpretação de um texto. Para, E. D. Hirsch Jr., “o significado é o que o autor pretendeu que fosse, e não deve ser roubado ou invadido pelo leitor. O significado do texto não deve ser socializado, não deve se transformar em propriedade pública de seus vários leitores”. Contrapondo-se às idéias de E.D Hirsch Jr., Gadamer compreende que:

O significado da linguagem é uma questão social: há um sentido real no qual a linguagem pertence à minha sociedade antes de pertencer a mim. Porém Hans-Georg Gadamer afirma que: O significado de uma obra literária não se esgota nunca pelas intenções do seu autor; quando passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem dela ser, extraído, provavelmente nunca imaginados pelo autor ou pelo público contemporâneo.

É reconhecido que as idéias de Hans-Georg Gadamer se aproximam consideravelmente do conceito de leitor que a Estética da Recepção nos apresenta. Ele já reconhece em seus estudos que “a interpretação é situacional, modelada e limitada pelos critérios historicamente relativos de uma determinada cultura”. Mais que isso, também reconhece que “a interpretação de uma obra do passado consiste num diálogo entre o passado e o presente [e que] o presente só é compreensível em função do passado com o qual forma uma viva continuidade”. Em suas palavras constata-se que “o entendimento ocorre quando nosso ”horizonte” de significados e suposições históricas se “funde” com o “horizonte” dentro do qual a própria obra está colocada”<sup>101</sup>.

Segundo Regina Zilberman, Hans-Georg Gadamer: Ofereceu ao pensamento alemão a possibilidade de uma reflexão filosófica que, prosseguindo as investigações de Schleiermacher e Dilthey no século XIX, Martin Heidegger, no século XX, renova o estatuto da hermenêutica e possibilitava a (re) visão da história

---

<sup>100</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 5 ed. Martins Fontes, 2003. p. 92.

<sup>101</sup> Idem, *ibidem*. p. 98-99.

sem ter de percorrer a trilha, talvez já demais batida, do marxismo<sup>102</sup>.

Contribuíram também para a formação do conceito de leitor, os postulados de Ingarden sobre a concretização. Segundo esse teórico polonês, o leitor seleciona e organiza seus elementos em todos coerentes, excluindo alguns e destacando outros *concretizando* certos itens:

A leitura não é um movimento linear progressivo, uma questão meramente cumulativa: nossas especulações iniciais geram um quadro de referências para a interpretação do que vem a seguir, mas o que vem a seguir pode transformar retrospectivamente o nosso entendimento original, ressaltando certos aspectos e colocando outros em segundo plano<sup>103</sup>.

A nova proposta chamada de “Estética da Recepção” ou “Teoria da Recepção” inova no campo da teoria da literatura, quando questiona a experiência estética e suas manifestações na história da arte e da literatura. No interior dessa estética, encontramos, entre outros nomes, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

Explicando a atuação do leitor implícito, Antoine Compagnon (*O Demônio da Teoria — Literatura e senso Comum*) observa que:

A análise da recepção visa o efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta ao texto considerado como estímulo. Ainda que os trabalhos desse gênero se repartem em duas grandes categorias: por um lado, os que dizem respeito à fenomenologia do ato individual de leitura (originalmente em Roman Ingarden, depois em Wolfgang Iser), por outro lado, aqueles que se interessam pela hermenêutica da resposta pública ao texto (em Hans-Georg Gadamer e particularmente Hans Robert Jauss)<sup>104</sup>.

Nota-se que, para chegarmos às categorias indicadas por Iser e Jauss — horizontes de expectativas, o efeito e a recepção, a concretização; a distância estética; a experiência estética — um caminho de pesquisas e constatações se

---

<sup>102</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004. p. 11- 12.

<sup>103</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução/trad.* Waltensir Dutra; 5 ed. Martins Fontes, 2003. p. 106.

<sup>104</sup> COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Literatura e senso comum. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG. 2003. p. 148.

fizeram presentes ao longo do tempo. Tais categorias são essenciais para a visão de um leitor atual, que não mais é visto apenas como um mero receptor, alguém que apenas executa o ato de leitura como se este não tivesse nenhuma implicação no entendimento do texto.

### 2.3. Construção de sentidos — o efeito e a recepção

A concretização da leitura, as normas e os valores extraliterários, as expectativas do leitor, a maneira como se lê e como se faz à construção dos sentidos, tanto do leitor virtual quanto do leitor coletivo, conceitos distintos, são dados vitais para o entendimento das duas grandes categorias que se colocam agora como fatores importantes para a compreensão do que é o leitor. E, para isso, observamos a distinção estabelecida por Jauss entre o que é o efeito e recepção. Quanto ao primeiro, observa-se que é determinado pela obra, o segundo, que depende do destinatário ativo e livre<sup>105</sup>.

Segundo Hans Robert Jauss, “a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. Ela se realiza pela sintonia de seu efeito estético na. Portanto, continua ele, “faz-se necessário diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos”<sup>106</sup>.

Iser também reconhece essa distinção quando ele diz que a obra literária tem dois pólos: o artístico e o estético. Quanto ao primeiro, ele argumenta que se refere ao texto produzido pelo autor. Já o segundo, diz respeito à concretização realizada pelo leitor. Justificando essa divisão, ele afirma que:

É claro que a própria obra não pode ser idêntica ao texto nem a sua concretização, mas deve situar-se em algum lugar entre os

---

<sup>105</sup> Idem, *ibidem*. 127.

<sup>106</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.46.

dois. Ela deve inevitavelmente ser de caráter virtual, pois não pode reduzir-se nem à realidade do texto nem à subjetividade do leitor, e é dessa virtualidade que ela deriva seu dinamismo. Como o leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relaciona suas diferentes visões a esquemas, ele põe a obra em movimento, e se põe ele próprio igualmente em movimento.<sup>107</sup>

O que se conclui com os dizeres de Iser é que a construção dos sentidos se dá por um efeito experimentado pelo leitor e não apenas por uma definição preestabelecida pelo autor da obra. Explicando essa interação, Antoine Compagnon afirma que “A literatura tem uma existência dupla e heterogênea que se concretiza somente pela leitura”. O Objeto literário autêntico é a própria interação do texto como o leitor, um esquema virtual em que o texto instrui e o leitor constrói.

Para Wolfgang Iser o leitor implícito “É uma construção presente no texto e percebida pelo leitor real por meio das instruções do próprio texto”. Esta dinâmica se estabelece como um jogo. Ele ainda afirma que “o conceito de leitor implícito designa uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto.” Portanto, explica Antoine Compagnon, o leitor nesta perspectiva é reconhecido como uma estrutura textual bem como um ato estruturado. Iser ainda observa como fator importante o repertório trazido pelo leitor. Trata-se este de “um conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à sua leitura.” Para que a leitura se efetive, de acordo com este pensador, é necessária uma interseção entre o repertório do leitor real e o repertório do leitor implícito.

O leitor de Iser é caracterizado por Antoine Compagnon como um ser de “um espírito aberto, liberal, generoso, disposto a fazer o jogo do texto. Um leitor ideal, crítico e culto, familiarizado com estruturas dos textos canônicos, mas curioso em relação aos modernos”. No entanto, Iser sofreu críticas severas por sua posição moderada quanto à pluralidade de sentidos dos textos e por ignorar, a seu modo, a posição do leitor na história. O centro de sua análise visa, sobretudo, aos aspectos “estéticos” da obra.

---

<sup>107</sup> ISER, W. “O Ato de Ler” — *uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34. 1996, v. I. p. 48.

A segunda grande categoria proposta pela Estética da Recepção diz respeito à dimensão coletiva da leitura. Hans Robert Jauss, segundo Terry Eagleton, “procura situar a obra literária num ‘horizonte’ histórico, o contexto dos significados culturais dentro dos quais ela foi produzida, para em seguida explorar as relações variáveis entre ela e os “horizontes” também variáveis, dos seus leitores históricos.<sup>108</sup>

É notório que a conferência ministrada por Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, em 1967, teve como um de seus objetivos principais colocar em cheque as convenções vigentes na história da literatura,<sup>109</sup> até então. Além disso, assinalar posição contrária aos métodos de ensino da literatura e propor novos caminhos. Ao criticar formalistas e marxistas, Hans Robert Jauss afirma que:

Seus métodos apreendem o fato literário no circuito fechado de uma estética da produção e da representação; com isso, eles despojam a literatura de uma dimensão que é, contudo, necessariamente inerente à sua própria natureza de fenômeno estético e à sua função social: a dimensão do efeito produzido (Wirkung) por uma obra e do sentido que lhe atribui um público de sua “recepção”. O leitor, o ouvinte, o espectador — numa palavra: o público enquanto fator específico, só representa, numa e noutra teoria, um papel absolutamente reduzido.<sup>110</sup>

Hans Robert Jauss continua sua crítica dizendo que a estética marxista ortodoxa não trata o leitor de forma diferente da que trata o autor, interrogando-o apenas quanto a sua situação social. Quanto aos Formalistas, ele evidencia que a obra só precisa do leitor enquanto sujeito da percepção que, segundo as incitações do texto, deve discernir a forma ou descobrir o procedimento técnico.

A solução proposta por Hans Robert Jauss para esse impasse passa, segundo Regina Zilberman, pelo reconhecimento e incorporação da dimensão de recepção e efeito da literatura. Hans Robert Jauss mostra com suas premissas que o caráter estético e o papel social da arte se concretiza na relação obra/leitor. Ele diz

---

<sup>108</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 5 ed. Martins Fontes, 2003. p. 114.

<sup>109</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004. p. 30.

<sup>110</sup> JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-44.

que “a vida da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário”. Dessa forma, Hans Robert Jauss confere ao leitor uma importância decisiva enquanto sujeito da percepção na relação proposta.

#### **2.4. Uma leitura de Jauss segundo Regina Zilberman**

O projeto de reformulação da história da literatura proposto por Jauss. Para isso nos valem das sete teses de Jauss e das considerações de Regina Zilberman *Estética da Recepção e História da Literatura*, 2004 — em que ela sintetiza com bastante eficiência o projeto desse teórico. Desse ponto em diante, apenas a registrar as informações, não emitindo nenhum juízo de valor ou considerações de outros pesquisadores.

Hans Robert Jauss, ao observar as escolas marxista e formalista quanto ao papel do leitor, constata que o grande desafio da ciência literária é a superação do “abismo entre literatura e história, entre conhecimento histórico e o estético”. Ele mostra que o leitor, ignorado em seu papel pelos dois métodos, “é imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente a obra literária visa”.<sup>111</sup>

Continuando sua análise, o pesquisador afirma que a obra literária é condicionada pela relação dialógica entre literatura e leitor, numa relação que possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A partir dessas constatações, Jauss questiona a forma como se poderia, então, “fundamentar metodologicamente e reescrever a história da literatura”. Para explicar seu ponto de vista sobre a questão, Jauss formula um projeto dividindo-o em sete teses. Regina Zilberman analisa os pressupostos do teórico, orientando que, das sete teses do projeto, as quatro primeiras oferecem as linhas mestras da metodologia explicitada nas três últimas.

1ª tese — Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A

---

<sup>111</sup> JAUSS, H. R. *A Estética da Recepção: colocações gerais*. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecida *post factum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre de novamente fazer-se ele próprio, leitor. Em outras palavras: ele tem de ser capaz de fundamentar seu próprio juízo tomando em conta sua posição presente na série histórica dos leitores<sup>112</sup>.

Segundo Regina Zilberman, a atualização natureza eminentemente histórica da literatura, manifesta-se durante o processo de recepção e efeito de uma obra, isto é, quando esta se mostra apta à leitura. A obra pode atualizar-se como o resultado da leitura. Esta atualização ocorre com um indivíduo capaz de efetivá-la — o leitor. Este, nesse momento, é visto enquanto subjetividades variáveis, dependentes de suas experiências pessoais.

2ª tese — A análise da experiência literária do leitor escapa ao psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir do sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como da oposição entre a linguagem poética e a linguagem prática<sup>113</sup>.

A experiência literária do leitor constitui seu saber prévio. Segundo Hans Robert Jauss, os elementos necessários para medir a recepção de um texto encontram-se no interior do sistema literário. O pesquisador se refere, portanto, a um saber virtual prévio. A obra não se apresenta como novidade absoluta num vazio informativo, se não que “predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas conhecidas ou avisos implícitos”. A obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário.

Para Hans Robert Jauss, ela evoca um “horizonte de expectativas e regras do jogo” familiares ao leitor que “são imediatamente alteradas, corrigidas,

---

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>113</sup> Idem, *ibidem*, p. 27.

transformadas ou também apenas reproduzidas. Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social. Este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo “trans-subjetivo”, condiciona a ação do texto”.<sup>114</sup>

3ª tese — O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativas preexistente e a aparição de uma obra nova — cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência uma ‘mudança de horizonte — tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia)<sup>115</sup>.

De acordo com as reflexões de Regina Zilberman sobre essa tese, Hans Robert Jauss acredita que o valor de uma obra decorre da percepção estética que ela pode suscitar (nesse momento se aproxima dos formalistas e estruturalistas). Deduz-se que só é boa à criação que contraria a percepção usual do sujeito. O valor se estabelece proporcionalmente, quanto maior à distância entre leitor e obra, maior a arte.

4ª tese — A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem às questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte — em geral aplicadas inconscientemente — e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época. Além disso, traz à luz a diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente de uma obra, dá a conhecer a história de sua recepção que intermedeia ambas as posições — e coloca em questão, como um dogma platonizante da metafísica filológica,

<sup>114</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 34.

<sup>115</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 31.

a aparente obviedade segundo a qual a poesia encontra-se atemporalmente presente no texto literário, e seu significado objetivo, cunhado de forma definitiva, eterna e imediatamente acessível ao intérprete<sup>116</sup>.

Da distância estética trata a quarta tese de Hans Robert Jauss. e Regina Zilberman afirma que esta é mais comprometida com a hermenêutica por que procura examinar melhor a relação do texto com a época de seu aparecimento. Ao explicar essa relação, a pesquisadora justifica que a reconstituição do horizonte de expectativas, diante do qual foi criada e recebida uma obra, possibilita chegar às perguntas a que este respondeu. Isto significa, segundo ela, descobrir como o leitor da época pôde percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou. “Por responder a novas questões em épocas distintas o texto explicita sua historicidade, concomitantemente contrariando a idéia de estar possuído por um ‘presente atemporal’, com um sentido fixado para sempre”<sup>117</sup>.

Citando Hans-Georg Gadamer, a pesquisadora argumenta que “compreender é sempre proceder ao processo de fusão dos horizontes aparentemente independentes um do outro”. Todo texto incorpora interpretações e recepções acumuladas no tempo, equivalentes a “história dos efeitos”<sup>118</sup>.

Regina Zilberman, considerando as quatro teses relacionadas anteriormente, afirma que Jauss esclarece e investiga a literatura sob tríplice aspecto: o diacrônico (relativo á recepção das obras literárias ao longo do tempo); o sincrônico (mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas); e o relacionamento entre a literatura e a vida prática.

5ª tese — A teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua “série literária”, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura. No passo que conduz de uma história da recepção das obras à história da literatura, como

---

<sup>116</sup>JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 35.

<sup>117</sup>ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 2004. p. 36.

<sup>118</sup>Idem, *ibidem*. p. 37.

acontecimento, esta última revela-se um processo no qual a recepção passiva de leitor e crítica transforma-se na recepção ativa e na nova produção do autor — ou, visto de outra perspectiva, um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas.<sup>119</sup>

Regina Zilberman, ao explicar o caráter diacrônico, afirma que este é relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo. Sua argumentação continua afirmando que para situar uma obra literária na história é preciso levar em conta a experiência literária que a propiciou, ou seja, a história dos efeitos. Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu. O novo é uma qualidade móvel, com sentido estético e também histórico, quando provoca o resgate de períodos passados. A História deixa de ser vista como progresso e evolução. Ela se faz de avanços e recuos, reavaliações e retomadas de outras épocas.

6ª tese — Os resultados obtidos pela lingüística com a diferenciação e vinculação metodologicamente da análise diacrônica e da sincrônica ensejam, também no âmbito da história da literatura, a superação da contemplação diacrônica, até hoje a única habitualmente empregada. Se já a perspectiva histórico-recepcional depara constantemente com relações interdependentes a pressupor um nexos funcional. (“posições bloqueadas ou ocupadas diferentemente”) nas modificações da produção literária, então há de ser igualmente possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento, classificar a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas, segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelar um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico. Poder-se-ia, então, desenvolver o princípio expositivo de uma nova história da literatura dispondo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, a mudança estrutural na literatura.<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 41.

<sup>120</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 46.

Esta tese, na análise de Regina Zilberman, aborda a Literatura e seu caráter sincrônico mostrando o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses. Portanto, observa uma obra entre outras do próprio sistema literário a que pertence. Tal observação focaliza o momento histórico e a articulação da referida obra com outras que podem compor uma multiplicidade não simultânea. Segundo a pesquisadora:

Esta multiplicidade de manifestações literárias volta a constituir para o público que as percebe como Obras de sua atualidade e relaciona-as umas com as outras, a unidade de um horizonte, comum e gerador de significados, expectativas, recordações e antecipações literárias. E preciso proceder à análise do simultâneo, bem como das mudanças, comparando cortes e descobrindo os pontos de interseção, a fim de definir que obras têm caráter articulador, acionando o processo da “evolução literária”, em seus momentos formadores e nas rupturas.<sup>121</sup>

Finalmente a última tese:

7ª tese — A tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas também como história particular, em sua relação própria com a história geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.<sup>122</sup>

Ao abordar o relacionamento entre a literatura e a vida prática, Regina Zilberman observa que Hans Robert Jauss apresenta as relações entre literatura e sociedade. Segundo ela, não sendo marxista, esse pensador enfatiza a função formadora da literatura: a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor,

---

<sup>121</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 38.

<sup>122</sup> JAUSS, H.R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor — textos de estética da recepção*. Seleção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 50.

repercutindo então em seu comportamento social. Arte existe para contrariar expectativas, pode levar o leitor a uma nova percepção de seu universo. “a relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto no terreno sensorial como estímulo à percepção estética, como também no terreno ético enquanto exortação à reflexão moral”. Este é fundamento para uma nova ciência literária.

De acordo com Regina Zilberman, a ciência precisa examinar seu objeto desde o ângulo da ação que provoca. Para ela, Hans Robert Jauss, assumindo os méritos e problemas dos conceitos adotados por formalistas e estruturalistas, supera a aceção essencialista de valor.

Regina Zilberman mostra que as noções de recepção e efeito muitas vezes se confundem. No entanto, o efeito significa um impacto da obra na sociedade e na história, outras vezes, resposta do leitor a sua experiência. Regina Zilberman explica que as teses formuladas por Hans Robert Jauss se destinam ao campo aplicado, visando conhecer melhor o produto artístico analisado pela história da literatura.

### 3. O MOVIMENTO DOS CABANOS

De certa forma, os naturalistas que vinham à Amazônia em busca de conhecimentos científicos, acabavam se apaixonando pela Hiléia<sup>123</sup> e passavam a contribuir com as idéias de transformações sócias. É comum em toda história, o aparecimento de idéias renovadoras nos movimentos revolucionários da época. O clima de libertação afluava na juventude, especialmente nas dos filhos dos próprios imigrantes, quer dos europeus, como os das penínsulas ibéricas, que na realidade, eram palestinos convertidos, onde muitos deles trocavam seus sobrenomes (diáspora) afim de não serem perseguidos pela igreja católica.

A exploração do sistema vigente começava a despertar na população um novo paradigma de vida. As idéias liberais que a revolução francesa espalhava pelo mundo, sacudindo-o para novas experiências políticas, alcançavam a Amazônia dos anos 1821. As distorções sociais, os sofrimentos que amarguravam a vida das populações nativas, proporcionavam seguramente possibilidade de adventos das novidades que era a democracia dos filósofos e dos pensadores franceses. No primeiro momento, os amazoníadas haviam considerado a situação à luz de preocupações política, se de manter a Amazônia fiel à Lusitânia enquanto o da gente de terra pensava na autonomia que lhe garantisse o direito de depor dos seus interesses sem a interferência do homem vindo de fora. O choque entre essas duas opiniões que se acastelavam desde Belém ao Rio Negro, cada vez mais crescia.

Félix António Clemente Malcher filho de Monte Alegre, partia para Belém, com o espírito angustiante e cheio de revolta, tais as atrocidades que eram cometidas contra os povos nativos.

A recrudescência dos movimentos liberais se espalhavam pelo mundo. E, em 1816, o frade francês Luiz Zagallo, visitava a Vila de Cametá. Seus pensamentos eram considerados pelos governantes, como bastante perigosos, tanto que, seduzia os jovens intelectuais da época a se rebelarem contra o sistema vigente, parte do Clero já havia se posicionando a favor das idéias do sacerdote francês, especialmente o cônego João Batista Gonçalves Campos, 1782/1834, que anos

---

<sup>123</sup> Refiro-me a Floresta Amazônica.

depois, se tornaria o grande mentor intelectual do Movimento da Cabanagem.

As novas idéias inflamavam a juventude, as panfletagens e os discursos da época, passaram a ser considerado de subversivos. Para reprimir o avanço das idéias revolucionárias, o conde de Vila Flor, executou algumas medidas radicais: expulsou os franceses considerados criminosos políticos e também proibiu a entrada de jornais portugueses não recomendados pela Corte.

Mas, apesar de todas essas medidas proibitivas, o pensamento revolucionário atravessavam as fronteiras das Vilas e aldeias amazônicas. O nascimento do primeiro jornal, denominado "O Paraense", no dia 22 de maio de 1822, expressava o sentimento de revolta dos jovens intelectuais e também de insatisfação reinante em toda a Amazônia.

A Revolução Liberal do Porto, em Portugal, iniciada em agosto de 1820, logo entusiasmou os paraenses que sonhavam com as grandes mudanças políticas e sociais. A Revolução Vintista seduziu o Pará, prometendo, no início, uma constituição onde estariam garantidos os direitos plenos da cidadania.

Porém, formada a Assembléia Constituinte, os portugueses logo trataram de formar a nova Constituição. E, em seguida, uma junta Governativa Provisória. Em setembro de 1821, as Cortes Constituintes dão mais um golpe sobre os paraenses, determinando que somente ocupariam cargos políticos, as autoridades que fossem portugueses.

Inconformados com a tomada de posição determinada pelos portugueses, os paraenses reagiram e elegeram uma Câmara Municipal, esmagando assim, o partido dos portugueses fixados no Pará. Deste episódio, começou os capítulos do rompimento da Amazônia com o reino de Portugal. Apesar da vitória esmagadora dos paraenses nas eleições, o brigadeiro José Maria de Moura se mantinha inflexível. Tratou logo de criar uma Guarda Civil voluntária de cavalaria da cidade para impedir possíveis avanços de rebeldes.

Com tantas resistências promovidas pelo português e paraenses, ficou difícil uma intervenção por parte do Império do Brasil, no interesse de Portugal. Para encontrar uma solução pacífica e diplomática, D. Pedro I, enviou o comandante

inglês John Greenfell, afim, de impor a ordem e de já erguer a bandeira Imperial do Brasil, no Palácio do Governo: Ao chegar na Baía do Guajará, em 11 de agosto de 1823, o comandante Greenfell reconheceu que os paraenses possuíam muitos armamentos, e para desarmá-los, Greenfell arquitetou um plano mentiroso: disse trazer consigo, uma poderosa esquadra. Em 15 de agosto daquele ano, foi feita a Adesão do Pará com o Império do Brasil, pois os paraenses, ribeirinhos, negros, caboclos e os índios, não mais aceitavam as injunções de Portugal, queriam a qualquer custo, a independência, seja ela qual fosse. E assim, proclamaram a adesão. Daí por diante, o Brasil começou a se achar o dono da Amazônia.

Dias depois, ficou comprovado a inexistência de poderosa esquadra, o que provocou ódio contra o comandante inglês. O que acabou com inúmeras prisões e mortes, inclusive culminando com episódio do brigue "palhaço", navio prisão. Os soldados de Greenjell, por achar que os prisioneiros estavam fazendo badernas no porão do navio, acharam por bem, lançar cal virgem, em meio aos presos, o que culminou com a morte de 252 prisioneiros, por asfixia.

Mesmo assim, os ânimos dos políticos não serenaram. O novo presidente não conseguia conter os ânimos da população. Que cada vez mais, crescia a revolta popular, e com ela, os ideais do Cônego Batista Campos.

As expectativas revolucionárias cresceram por toda Amazônia, estimulando cada vez mais, os ânimos dos amazoniadas, especialmente, a do monte-alegrense Félix António Clemente Malcher, companheiro de ideários do cônego Batista Campos, e que preparava nas cercanias da Vila do Acará, o grande contingente de cabanos (guerrilheiros).

Anos depois, mas precisamente, em 31 de dezembro de 1834, fugindo das ameaças de prisão, e estando nas cercanias da vila de Barcarena, morre o Cônego Batista Campo, vítima de um corte acidental de uma espinha quando fazia sua barba. Com a morte do padre, os ânimos dos cabanos se exaltaram, e em 07 de janeiro de 1835, mesmo tendo governador Lobo de Sousa, prendendo dias antes, o chefe da armada da cabanagem Felix António Clemente Malcher, os irmãos Francisco Pedro e António Vinagre e Eduardo Francisco Nogueira (Angelim), deram início à revolta e a tomada do poder; libertando logo a seguir, o grande chefe

Clemente Malcher.

Efetivada a vitória do Movimento da Cabanagem, Félix António Clemente Malcher, nascido em Monte Alegre, 1782/1835, filho de António José Malcher e Anastácia Josefa de Sousa, casado com Rosa Maria Henrique de Lima; assume a Presidência da Província do Grão-Pará, em 07 de janeiro de 1.835.

Quando da adesão do Pará à Independência, em 15 de agosto de 1823, Malcher foi eleito membro da junta de Governo, sendo ele e Batistas Campos, os únicos nacionalistas dessa junta. Era então Malcher, porta-bandeira de milícias. Em 13 de setembro daquele ano foi promovido a alferes e no dia 23 a tenente; a 12 de outubro a capitão e, finalmente, a tenente-coronel a 2 de dezembro. Empossado como presidente, Malcher faz a leitura do seu pronunciamento, presta juramento de praxe e enfatiza que: "meu governo será sempre de Solidariedade ao Império do Brasil, excluindo a expressão de Fidelidade ao Império," como desejava a Regência governativa do Brasil.

O movimento da cabanagem se enriquecia e a população delineava o grande sonho republicano, ou seja, de uma nova nação livre e soberana. Todavia, Clemente Malcher, segundo seus familiares, era um homem muito calmo e prudente, jamais se precipitaria em uma nova aventura, tinha que usar a astúcia e a inteligência para minimizar os interesses que a Regência do Brasil tinha com relação à Amazônia, e até porque, a guerra tinha deixado um saldo bastante sangrento e negativo, centenas de companheiros haviam tombado até aquela altura. E que certamente, aquele que não era momento para desafiar qualquer outro conflito, ou melhor, as tramas do padre regente Diogo António Feijó. Bastava assegurar como já havia dito: "que as ordens do Império, só seriam acatadas quando da maior idade de D. Pedro II".

As idéias de Clemente Malcher eram as mesmas que de todos os paraenses. Malcher era por excelência, um estrategista, o jogo de palavras com o Brasil já havia feito durante o juramento de posse; sabia que precisava de tempo para se reestruturar, não havia mais armamentos e munições para um novo confronto. Sabia também que estava cercado dos interesses internacionais: ingleses, espanhóis e franceses, além do próprio Império brasileiro que assistiam do largo da baía, os

confrontos sangrentos. E qualquer erro tático ou político, poderia ser o fim da longa jornada de lutas. Tal como ocorreu depois de sua morte.

Instituído o novo governo, Malcher tomou conhecimento dos abusos de mortes, praticados por Vicente Lavor e Eduardo Angelim. Discordando dos atos, determinou a seus guardas que prendessem. Deste episódio, Malcher fustigou a ira do seu comandante militar, Francisco Pedro Vinagre. Visto que o irmão António Vinagre era amigo inseparável de Lavor e de Angelim.

A insubordinação de alguns companheiros combatentes começou a provocar o enfraquecimento do movimento perante a opinião pública. Clemente Malcher demite seu comandante militar, com isso, Francisco Pedro Vinagre se rebelou e dividiu o movimento em duas facções: a do Malcher e dos Vinagres. Culminando com a derrota de Malcher. Francisco Pedro Vinagre ascendem ao governo, obrigando Malcher a pedir asilo na escuna de guerra "Bela Maria", a serviço da Regência brasileira, e que se encontrava ancorada na baía do Guajará, aguardando os desfechos do movimento que se enfraquecia diante da população, tal as divergências internas.

Dias depois, diante das pressões Vinagre acata o pedido do capitão George Daniell, Comandante do Navio de Guerra Inglesa Dispatch, que declarara que só receberia Vinagre em seu navio, se ele reconhecesse expressamente a supremacia do Governo Imperial no Rio de Janeiro, o que seu antecessor, Malcher, havia se recusado a fazer, e tendo Vinagre acatado a decisão, o capitão George Daniell, o recebeu com as honra devidas à sua posição. — Diário de bordo do navio de guerra inglês Dispatch, 21 de março de 1835. pág. 163 do livro: Cabanagem — Documentos Ingleses. (Ver Anexo pág. 124).

A partir de então, Vinagre propõe fidelidade ao Império brasileiro, em troca, quer Malcher, o que de pronto foi aceito pelo comandante da fragata a serviço da Regência do Brasil.

Na baía do Guajará, estavam ancoradas as fragatas inglesas, espanholas, francesas e as do Império Brasileiro, que de perto, assistiam os desfechos das lutas, tal os interesses pela Amazônia.

Consta ainda nos relatos de bordo da fragata inglesa, que seus militares sabiam que Clemente Malcher era verdadeiramente o grande líder e estrategista do movimento; e que aquela proposta de troca, era na verdade, o início da capitulação do movimento e a morte de Malcher. A aceitação da entrega de Malcher foi deliberada, bem como o primeiro grande golpe do Império, contra o movimento que havia heroicamente se instalado.

Felix Clemente Malcher, que havia comandado e assumido a Presidência da Província do Grão-Pará, em 07 de janeiro de 1835, sob aplausos do povo e de seus companheiros de lutas, passava a ser prisioneiro do próprio movimento que tanto ajudara a criar. Em 26 de fevereiro daquele ano, Malcher foi entregue pelo comandante da escuna Bela Maria, aos integrantes do grupo de Francisco Pedro Vinagre, os quais tinham a ordem de matá-los. Contam, que no trajeto da canoa para o arsenal, onde deveria ficar preso, houve uma provocação contra Malcher, dela resultando no frio assassinato do primeiro e grande líder do movimento da Cabanagem.

Félix António Clemente Malcher, acabou seus dias de vida, com o corpo arrastado nas ruas de Belém e pelas mãos de seus ex-companheiros subalternos.

Meses depois, Francisco Pedro Vinagre, reconhece sua incapacidade de governabilidade e propõe entregar o governo da Província, ao Império Brasileiro. Em troca, exige sua anistia e de seus companheiros. A posição do Presidente, revolta o próprio irmão António Vinagre e seu companheiro inseparável Eduardo Angelim. Insatisfeitos com a atitude passam a viver na clandestinidade, e na região do Acará, mas precisamente, nas terras de Clemente Malcher.

No ano seguinte, Antônio e Angelim, reagrupando os companheiros, voltaram a guerrear. Só que desta feita, estavam enfrentando os portugueses de Portugal e o Império Brasileiro, sob o comando do Capitão-General Francisco Souza Soares André e do comandante mercenário inglês John Taylor, que derrotados, foram obrigados a se refugiarem em Cametá.

Num dos confrontos da cidade de Belém, morre António Vinagre, e assume a liderança do movimento, Eduardo Angelim, que após a reconquista, assume a presidência da Província do Grão-Pará.

Eduardo Francisco Nogueira Angelim, tornou-se o 3º Presidente Cabano, aos 21 anos de idade.

Angelim nascera na freguesia de Aracate, Província do Ceará, em 06 de julho de 1814. Filho de Pedro João Nogueira e Maria José de Jesus. Em 13 de maio de 1836, Eduardo Angelim renunciava o governo e o movimento da Cabanagem, visto os constantes ataques que eram proferidos pelo General Francisco de Souza Soares Andréa e o então comandante mercenário inglês John Taylor. Ambos, a serviço do Regente Feijó, que em nome do Império, contra-atacavam sistematicamente.

Eduardo Angelim chegou ainda jovem em Belém, aos 13 anos aprendeu a ler e a escrever com o professor Felipe Nery Pereira de Assis. Muito vivaz; altivo e insinuante. Não era nome de político, de aventureiro e prepotente; e sim uma legenda de civismo, de probidade; uma lição às gerações moços que pretendem a vida pública com atividade política. Angelim foi o apelido que recebera carinhosamente dos companheiros, por ser considerados duros e firmes como a árvore do mesmo nome.

Angelim foi preso e deportado para a cidade do Rio de Janeiro e posteriormente para Ilha de Fernando de Noronha, onde cumpriu sua pena de prisão. Mesmo sem lideranças, o movimento da Cabanagem ainda perdurou vivo até 1840 pelos interiores da Amazônia, e segundo consta, cerca de 40.000 pessoas, entre ribeirinhos, índios, negros, caboclos e portugueses, foram mortos em combates.

Cumprida a pena de prisão, Angelim retornou à vila do Acará para terminar seus dias em companhia de sua filha única, Maria Clara. Mas antes de morrer, voltou a Belém para tratamento de uma enfermidade e recebeu assistência médica do governo vigente. Mas ao sair do hospital, fez um agradecimento no jornal o "Diário de Belém". Nesta nota, o ex-presidente do Pará, agradecia ao Dr. José da Gama Malcher, 1º Vice-Presidente do Pará, no exercício da Presidência, a prontidão com que ocorreu ao seu leito de dor, para lhe aplicar os recursos da medicina. Disse Angelim: "foi tão generoso, humano e delicado comigo, que me sinto esmagado pela sua bondade".

A história não relata com transparências os acontecimentos ocorridos pelo

movimento da cabanagem, especialmente, na vila de Monte Alegre, terra natal de Félix Antônio Clemente Malcher. Mas Angelim era sabedor de que o Dr. José da Gama Malcher era sobrinho afetivo de Clemente Malcher. Eis o porque de Angelim ter se sentido "esmagado pela sua bondade".

Com o fim da cabanagem, a Amazônia foi definitivamente incorporada ao Brasil e sem direito de resgatar seu passado histórico, sua língua falada e seus verdadeiros costumes. E desde então, a Amazônia tem sido o almoxarifado e a colônia dos brasileiros, e nos dias de hoje, também das multinacionais.

E até quando?

Mesmo sendo um lacônico relato da história da cabanagem, o Almanaque Abril de 2000, é um dos poucos veículos de informações do Brasil que transcreve com certas fidelidades históricas, os acontecimentos marcantes que ocorreram com os Povos da Floresta Amazônica, que assim transcreve.

“Cabanagem — Ocorreu no Pará entre 1835 a 1840. De caráter fortemente popular, envolve, sobretudo os moradores pobres das cidades e vilarejos ribeirinhos — os cabanos —, índios, negros e mestiços. A revolta irrompe em Belém, em 7 de janeiro de 1835, com o assassinato das duas principais autoridades provinciais, o presidente e o comandante das armas. Os chefes cabanos formam um governo revolucionário, liderado pelo fazendeiro Clemente Malcher, e anunciam a autonomia da província em relação à Regência até a maior idade de D. Pedro II”.

Divergências internas, porém, provocam conflitos entre os próprios cabanos. Malcher é substituído por um líder popular, Francisco Vinagre. Em julho, tropas imperiais do Rio de Janeiro sob as ordens de Manoel Jorge Rodrigues, com o apoio de mercenários ingleses comandados por John Taylor, entram em Belém e expulsam os rebeldes.

Governo popular em violenta reação, os cabanos retomam a capital em agosto e forma um novo governo, de caráter ainda mais radical e popular, liderado por Eduardo Angelim. Proclamam a independência do Pará, instituem a república e expropriam armazéns e depósitos de alimentos para distribuir comida à população pobre. A partir de maio de 1836, a repressão oficial ganha força e o governo rebelde

é destituído. Liderado por António Vinagre, irmão de Francisco, que consegue escapar da repressão, os revoltosos dispersam-se no interior da província.

Mobilizando as populações ribeirinhas do rio Amazonas e do baixo Tocantins, os cabanos mantêm sua rebelião até 1840. Nos últimos três anos da revolta, estima-se que cerca de 30.000 cabanos tenham sido mortos, as maiorias homens.

Causas da revolta como todas as revoltas desse período, a cabanagem é uma insurreição provincial contra o governo central do império, enfraquecido pela crise da Regência. Mas a revolta apresenta algumas características particulares. O Pará havia sido uma das províncias brasileira mais envolvida na luta pela independência, entre 1821 e 1823, o que fortaleceu em suas elites o espírito autonomista. Além disso, durante a colonização, o estado teve relações comerciais mais constantes com Lisboa do que com o Rio de Janeiro. Com a independência do país e a separação da antiga metrópole, a situação econômica da província se complica. Os grandes proprietários e comerciantes, muitos deles portugueses, queixam-se do excesso de impostos, da falta de incentivos às exportações e do alto preço dos escravos. Por isso inicialmente aprovam a revolta dos cabanos. A população pobre, no entanto, é mais duramente atingida pelo agravamento das dificuldades econômicas. São suas necessidades e aspirações que sustentam a luta quando as elites retiram seu apoio, no momento em que lideranças populares assumem o controle do movimento.

### **3.1. Antecedentes do Movimento**

O recrudescimento da exploração da força de trabalho indígena e da perseguição armada, adotada através das sucessivas Cartas régias, principalmente, com a vinda da família real ao Brasil (1808), teve implicações ainda mais desastrosas no que diz respeito à demografia da região.

Apesar da drástica redução da população indígena, os efeitos das violentas ações colonizadoras na região não conseguiram transformar a conformação étnica da região. A Amazônia permanecia predominantemente indígena.

Esse quadro começou a sofrer mudanças somente no século após a consolidação da independência brasileira. A dizimação da face preponderantemente indígena da região será obra do estado nacional brasileiro. Contribuíram ainda para que isso ocorresse às doenças, as epidemias, as disputas políticas e a regressão do governo central às populações da região. A perseguição e o silenciamento dos cabanos constituíram o mais representativo exemplo dessa repressão. Esta realidade é expressivamente percebida na representação literária do conto inglesiano na passagem em que o narrador descreve o estado de desespero em que se encontrava a população do vilarejo, no conto “O Rebelde”:

“O pânico era enorme”.

Ora dizia-se que os cabanos vinham tomar de assalto a vila e queimar vivo os habitantes, ora que haviam sido completamente batidos pelas tropas legais antes de descerem a Santarém.<sup>124</sup>

A situação em toda a província era de calamidade extrema. A população pobre fosse ela livre ou escrava, era enormemente explorada pelos fazendeiros, os quais também estavam insatisfeitos com o governo do Pará em face da crise econômica que se abatia sobre a região.

Diante dessa situação o movimento revolucionário paraense, revela um conjunto de fatores que influenciaram para esse acontecimento inesquecível para o Brasil, dentre eles estão:

a) a procedência e a hegemonia do Estado português sobre a sociedade brasileira em formação, criando uma dicotomia estrutural no processo histórico sucessivo, que ainda hoje existe e persiste;

b) a desintegração indígena, através da destribalização compulsória, que alcançou, com o Marquês de Pombal, os limites da intolerância, proibindo o Nheengatu e operando um verdadeiro genocídio lingüístico;

c) o hiato cultural-pedagógico que se seguiu à expulsão dos jesuítas, decretada pelo despotismo pombalino, com reflexos em toda uma estrutura brasileira

---

<sup>124</sup> SOUSA. Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 122.

de ensino;

d) a constituição de uma subsociedade dos caboclos, aos quais se negava o direito de cidadania, tornando-os assim estrangeiros em sua própria terra e semi-escravos no trabalho de suas próprias riquezas.

A vila ia ficando deserta, à medida que os terríveis inimigos dos portugueses e dos maçons se aproximavam de Óbidos. Os cacaulistas retiravam-se para os sítios. Aqueles que tinham alfaias ou dinheiro tratavam de escondê-los, enterrando-os. A desconfiança era geral, o pai não se fiava no filho, o irmão não confiava os segredos ao irmão.<sup>125</sup>

Miséria e penúria alastravam-se ao longo das beiradas dos rios, onde morava, o povo pobre e faminto. Daí o nome de cabanos.

Costumava-se considerar a *Cabanagem*<sup>126</sup> como um movimento nativista popular de braços e armas, mas sem “cabeça”, isto é, ideologicamente inconsistente. Porém, quando estudamos a formação da revolta e as razões da queda do movimento, verificamos que isso não é bem assim.

Foi uma luta desigual entre fuzileiros e granada, entre massas cabanas ao descoberto e força legalista bem defendida. Depois de corresponderem aos vivas de Angelim, os revolucionários abriram fogo, dando uma descarga de fuzilaria. A reação dos legalistas foi imediata. Então, de cima, de todas as janelas do edifício começaram a lançar granadas e estas, fazendo terríveis explosões.

---

<sup>125</sup> SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 122.

<sup>126</sup> O movimento revolucionário *Cabanagem* ocorreu na Província do Grão-Pará entre 1835 e 1839, quando os Cabanos “resistiam ainda no rio Preto ou Tapajós, na Luzéia ou no rio Cuiabá:” (DI PAOLO. Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular na Amazônia*. Belém: Cejup. 1990. p. 347). Os “brasileiros”, índios, mulatos, mamelucos, cafuzos, negros e brancos nascidos em terra natal. Reagiram contra os governos impostos pelo reino Português sediado no Rio de Janeiro. “Existiam duas óticas principais de ver a *Cabanagem*: para alguns ela é uma série de *motins políticos* dos cabanos paraenses, cuja característica básica é a rebeldia contra o governo legal do Rio de Janeiro, durante o período da independência do Brasil”, Para outros o movimento cabano é uma *rebelião* das massas populares amazônicas, que não se chegou a transformar-se em uma revolução por falta de programa político e de guardo diferente. // Nossa tese é que *a cabanagem é revolução popular mais importante da Amazônia e entre as mais significativas da história do Brasil*. Explodiu depois da declaração da independência, em 7 de Janeiro de 1835, pela saturação da paciência cabocla diante da sistemática do governo central em negar os mais antigos habitantes da região o direito elementar da cidadania.

É bastante provável terem existido outros ideólogos e instigadores políticos do povo cabano. No entanto os nomes marcados na história foram o do cônego Batista Campos e do jornalista Vicente Ferreira Lavor.

Cônego Batista Campos apoiando as insurreições populares contra o governo central, Batista Campos difundia seus ideais nacionalistas e de justiça, inicialmente através do jornal *O Paraense*, bem como por intermédio de suas pregações no interior da província. O cônego possuía um grande prestígio entre os índios, os mestiços e os negros, o que colaborava para que seus apelos revolucionários foram assimilados pelas populações pobres dos rios e igarapés da região. Perseguido pelas tropas oficiais; Batista Campos refugiou-se no interior da província, onde conseguiu organizar a população e preparar levante, chegando, inclusive, a submeter ao seu poder, em 1832, o então presidente da Província do Grão-Pará, Machado de Oliveira, que se sujeitou à orientação política do cônego.

Vicente Ferreira Lavor teve uma grande influência no movimento da cabanagem fazia se concreta por intermédio de seus artigos no periódico “A Sentinela”, do Maranhão. Difundindo idéias nacionalistas e criticando de um modo veemente o governo da província, esse jornalista instigava o fogo revolucionário das massas do beirada dos rios, impulsionando, assim, o movimento.

Os cabanos abarcavam o variado conjunto formado por índios aldeados e destribalizados (tapuios). Os negros e os mestiços submetidos à exploração absoluta e ao abandono completo. Inteiramente insatisfeitos, os cabanos uniram-se para pôr fim a toda essa situação imposta, segundo eles, pelos brancos que governavam a província.

Aproveitando a insatisfação popular, os fazendeiros paraenses, conforme alguns estudiosos, aderiram ao movimento para lutar contra o governo central, pois se opunham ao fato de as autoridades da província serem nomeadas pelos regentes, o que impedia a participação dos fazendeiros e comerciantes na política social local.

A crise se expandia cada vez mais, especialmente com o declínio da economia gerada com o comércio das “drogas do sertão”, atingindo segmentos anteriormente privilegiados da região. Esta condição assim está expressa no conto

“O Rebelde”:

Não se falava senão na cabanagem, e os pobres velhos, rebeldes de 1817, era esquecido pelos rebeldes do tempo. Todos os dias tapuios desertavam do serviço dos patrões e fugiam em alguma canoa furtada, descendo o rio para se irem encontrar com os brasileiros<sup>127</sup>.

Era preciso que alguma coisa fosse feita, porém não se deslumbrava qualquer perspectiva de mudança com os que estavam no comando do governo da província. Com isso, inicialmente alguns, posteriormente quase todo o povo foi chegando à conclusão de que se os que presidiam a província eram incapazes de mudar as políticas para a região. Era necessário, então, destituí-los do governo do governo provincial. Iniciava-se, assim, a difusão das idéias e motivações básicas da *Cabanagem*.

### 3.2. A Cabanagem: Explode a Revolta

Como vimos, um ambiente de tensão e revolta tomava conta da província desde que as “tropas” cabanas, comandado pelo cônego Batista Campos, tinham conseguido submeter o presidente da província, Machado de Oliveira, em 1832.

O governo central tratou de nomear, imediatamente, novas autoridades para presidir o Grão Para. Em 1833, José Mariani e Inácio Correa Vasconcelos, instituído, respectivamente, como presidente e comandante de armas pelo controle da província. Porém nem chegaram a completar o desembarque, sendo repelidos à força pelos cabanos, que foi apoiado inclusive pelo conselho da província, cujo inteiro controle estava sobre o comando de Batista Campos. Numa nova tentativa de dominar situação, em dezembro do mesmo ano, a regência nomeia novas autoridades.

Na década de 1830, a província do Grão-Pará, que compreendia os estados do Pará e do Amazonas, tinha um pouco mais de 80 mil habitantes (sem incluir a população indígena não-aldeada). De cada cem pessoas, quarenta eram escravos

---

<sup>127</sup> SOUSA. Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 122.

indígenas, negros, mestiços ou *tapuios*, isto é, indígenas que moravam nas vilas.

Belém, nessa época, não passava de uma pequena cidade com 24 mil habitantes, apesar de importante centro comercial por onde eram exportados cravo, salsa, fumo, cacau e algodão

A independência do Brasil despertou grande expectativa no povo da região. Os indígenas e tapuios esperavam ter seus direitos reconhecidos e não serem mais obrigados a trabalhar como escravos nas roças e manufaturas dos aldeamentos; os escravos negros queriam a abolição da escravatura; profissionais liberais nacionalistas e parte do clero lutavam por uma independência mais efetiva que afastasse os portugueses e ingleses do controle político e econômico. O resto da população — constituída de mestiços e homens livres — entusiasmada com as idéias libertárias, participou do movimento, imprimindo-lhe um conteúdo mais amplo e mais radical.

A grande rebelião popular, que aconteceu em 1833, teve origem num movimento de contestação, ocorrido dez anos antes e que havia sido sufocado com muita violência, conhecido como “rebelião do navio Palhaço”.

O descontentamento que dominava não só Belém, mas igualmente o interior do Pará, aumentou com a nomeação do novo presidente da província, Lobo de Souza. O cônego João Batista Campos, importante líder das revoltas ocorridas em 1823 e duramente reprimidas, tornou-se novamente porta-voz dos descontentes, principalmente da igreja e dos profissionais liberais.

A Guarda Municipal, pró-brasileira, era conscientizada por um de seus membros, Eduardo Angelim, que denunciava, sobretudo os agentes infiltrados em toda parte.

A partir de 1834, as manifestações de rua se multiplicaram e o governo reagiu prendendo as lideranças. Batista Campos, Angelim e outros líderes refugiaram-se na fazenda de Félix Clemente Malcher, onde já se encontravam os irmãos Vinagre. Ali foi planejada a resistência armada. Iniciava-se a Cabanagem, a mais importante revolta popular da Regência.

As forças militares foram extremamente violentas, incendiando a fazenda de

Malcher e prendendo-o juntamente com outros líderes. Revoltado, o povo de Belém acompanhava os acontecimentos. O destacamento militar de Abaeté se rebelou em protesto contra a perseguição feita a Eduardo Angelim. Após a morte de Batista Campos, o grupo se rearticulou em quatro frentes e atacou Belém. Com a adesão de guarnições da cidade, a vitória foi total. O presidente da província, Lobo de Souza, e o comandante das tropas portuguesas foram mortos, e os revolucionários foram soltos. Malcher foi aclamado presidente da província.

Iniciava-se o primeiro governo cabano. Sem muitas lideranças, o povo escolheu Clemente Malcher, por ser um homem respeitado por todos. Porém, ele continuava com “cabeça” de fazendeiro e começou a tomar atitudes que os cabanos consideraram traição. Os desentendimentos levaram a primeira importante ruptura das lideranças: de um lado, Malcher e as elites dominantes, e, de outro, o Vinagre e Angelim, juntamente com os cabanos e boa parte da tropa. Malcher foi preso, mas, a caminho da cadeia onde ficaria por algum tempo, foi morto por um popular.

Com a morte de Clemente Malcher firmaram-se as lideranças mais combativas, como os irmãos Antônio e Francisco Vinagre e Eduardo Angelim. A 20 de fevereiro de 1835 foi aclamado presidente da província Francisco Vinagre, que tentou organizar a revolução. Procurou colocar ordem na capital, ao reestruturar a guarda municipal e prometer eleições.

A *Cabanagem*, espalhada por quase todos os rios amazônicos, contava com a participação de muitos indígenas, principalmente com os Sataré — Mawé<sup>128</sup> e os Mura. Em toda parte o povo invadiu armazéns, expulsou os portugueses e tomaram as suas armas. Um dos grandes líderes cabanos da região do baixo Madeira foi o cacique Mawé Leão Crispim.

A história da chamada "aculturação" dos Apiaká é uma triste repetição do que ocorreu com outros grupos indígenas. No início da colonização, os Apiaká eram um povo guerreiro e muito temido que vivia na bacia do Tapajós. Em menos de

---

<sup>128</sup> O povo Sataré — Mawé habita a região do médio rio Amazonas, na divisa dos Estados do Amazonas e do Pará. A Terra indígena Andirá — Marau, demarcada pela FUNAI em 1982 com 788,528 hectares abrange os municípios de Maués, Barreirinha e Parintins no Amazonas e Itaituba no Pará. O termo Sataré — Mawé é composto de Sataré que significa “largata de fogo” e Mawé “Papagaio falante”. A designação é a autodenominação do grupo, que apresenta uma organização cultural e social bem definida, preservando a língua e os rituais apesar de mais de três séculos de contato. Também são conhecidos como filhos do guaraná.

duzentos anos, a sociedade nacional quase exterminou esse povo. Hoje vivem nas cidades da região do Tapajós e na área indígena do rio dos Peixes, perdendo a língua e parte de seus costumes

Infelizmente Francisco Vinagre não conseguiu levar adiante os anseios dos cabanos. Traíndo seus comandados, concordou em negociar com o governo central, que havia mandado a Belém uma esquadra com cerca de seiscentos homens, e aceitou o novo presidente da província, Manuel Jorge Rodrigues.

Iniciava-se a terceira etapa da revolução. Antônio Vinagre e Angelim refugiaram-se no interior. Reorganizaram suas forças — tropas de tapuios, índios, caboclos e negros — e voltaram a atacar Belém à frente de 3000 mil homens. Após nove dias de lutas, Belém voltou a ficar sob o controle dos cabanos. Com o desaparecimento de Francisco Vinagre, morto em combate, assumiu o governo provincial Eduardo Angelim, com apenas 21 anos de idade.

Uma das reivindicações dos cabanos era a libertação dos escravos. Por ser casado com uma fazendeira, Angelim não teve a coragem de dar esse passo. Muitos resolveram, então, fazê-lo à sua maneira, o que provocou mortes e saques. Por três dias comemoraram esta etapa de luta com danças e discursos pelas ruas.

Livres dos opressores e dos *legalistas*, isto é, dos que apoiavam o imperador, os cabanos tiveram de enfrentar um novo inimigo: a fome. Durante este tempo de guerra às plantações foram abandonadas e a carne que vinha da ilha de Marajó foi bloqueada pelos navios da Marinha. A fome em Belém era tanta que, segundo um escritor da época, o povo só tinha para comer “ervas agrestes dos quintais abandonados, raízes e couro seco, reduzido a uma espécie de cola dura e indigesta”.

### **3.3. A Violenta Repressão**

Sem muita estrutura e organização, os problemas do novo governo aumentaram. A falta de comida estimulava as intrigas e as divergências. Em abril de 1836, chegava a Belém uns novos governadores, acompanhados de um grande

número de soldados, mercenários estrangeiros e criminosos soltos das prisões do Sul e do Nordeste.

Sem condições de enfrentar este novo ataque, Angelim e os cabanos fugiram para o interior, onde a resistência continuou. A repressão desencadeada pelo governador foi terrível. De uma população de 80 mil pessoas que viviam em toda a província, foram mortas quase 30 mil, isto é, cerca de 40% da população. Qualquer denúncia bastava para alguém ser considerado cabano e, em seguida, morta. Os mais atingidos foram os indígenas e os tapuios. Na região de Tapajós, onde, em 1820, havia trinta mil indígenas, quarenta anos depois só restavam três mil pessoas indígenas.

Em 1839, o governo do Rio de Janeiro, diante da insistência dos cabanos em continuar a luta, resolveu anistiar os líderes revolucionários, exceto os que cometeram homicídio e os dois chefes, Antônio Vinagre e Eduardo Angelim, que foram deportados.

Ainda hoje, 173 anos depois, o povo se lembra dessa luta e chega a dizer: “a *Cabanagem* não acabou: veja o povo na rua”. A *Cabanagem* continua sendo a maior revolta popular do Brasil.

Foi na Amazônia que o Brasil indígena reagiu por mais tempo contra a invasão européia. Ainda hoje, apesar das leis de Pombal, muitas nações indígenas falam o *nheengatu*, a língua usada para o comércio e a comunicação.

Ao mesmo tempo, os caboclos conservavam muita coisa de sua cultura de origem. Viviam em pequenas posses, que eram propriedades não-legalizadas, onde cultivavam alimentos para o consumo próprio e para a troca com outros produtos. Isto durou até surgir à exploração da borracha, iniciada na segunda metade do século XIX.

A chegada dos nordestinos na região, em 1870, que fugiam da seca, provocou outra invasão na Amazônia. Muitos povos indígenas foram mortos ou tiveram de se submeter a esses novos “patrões”, que faziam deles o que queriam. Era uma nova escravidão que surgia.

As lideranças da *Cabanagem* idealizaram o indígena e fixaram-no

empunhando o arco e a flecha em sua bandeira. Contudo, qual foi a sua participação nesta luta que durou mais de oito anos.

Numa relação de presos, levados para o navio-prisão *Defensora*, em 1837, pode-se ter uma amostra dessa participação. Dos 299 presos, 91 eram tapuios (indígenas não aldeados) e treze eram indígenas; os mestiços com sangue indígena (cafuzos e mamelucos) eram 63. Esses dados demonstram que 73% dos revolucionários presos eram índios ou descendentes de índios. Os outros segmentos eram bem menos expressivos: 36 mulatos, dez negros e dezesseis brancos.

Quanto aos indígenas aldeados, destacaram-se dois grupos: os Mura e os Mawé. Os Mura, que viviam no médio Amazonas, sempre foram discriminados e perseguidos pelo poder colonial, que os acusava de viver de pirataria nos rios. Eles participaram ativamente ao lado dos cabanos e foram responsáveis pela morte de Ambrósio Ayres, o Bararoá, um dos líderes mais violentos das forças oficiais.

Pagaram um preço alto por esta ousadia. De 50 mil que eram em 1826, quinze anos depois estavam reduzidos a 6.000 mil. Hoje são em torno de 1.400 pessoas.

Os Mawé foram os que lideraram a revolução em Parintins e em Tupinambarana. Sob o comando do cacique Manoel Marques atacaram Luzéa, matando os trinta soldados do destacamento militar e os moradores portugueses do lugarejo, transformando a vila em reduto cabano.

Em Tupinambarana e Andirá os revoltosos foram liderados pelo cacique Crispim Leão. Incendiaram esta última vila, obrigando os moradores a se refugiarem em Óbidos. No combate, o cacique foi morto à bala.

Em 1840, quando 980 cabanos se renderam em Luzéa, todos portavam apenas arcos e flechas.

Convém destacar que o povo Karipuna que vive na região do Oiapoque, ao norte do Amapá, é remanescentes de cabanos, vindos do baixo Amazonas, de Bragança e Abaetetuba. Provavelmente eram tapuios que para lá fugiram, pois falavam o *nheengatu*, a língua geral tupi. Hoje são cerca de setecentas pessoas que falam o *creol*, língua que agrega elementos do francês, de línguas indígenas e

africanas.

Os martírios aplicados aos cabanos chegaram a chocar o frio bacharel Souza Franco e o prevenido historiógrafo Raiol: “Ninguém imagina os martírios de que foram vítimas infelizes que caíram em poder das chamadas expedições! Falam somente da selvageria dos cabanos, e esquecem a brutalidade dos apregoados legais! Destes referem atos cruéis que não depõem menos contra a natureza humana!”.

O quadro de torturas que se instalou na Amazônia foi sem precedentes pela ferocidade e pela extensão: Os rebeldes, verdadeiros ou supostos, eram procurados por toda parte e perseguidos como animais ferozes! Metidos em troncos e amarrados, sofriam suplícios bárbaros que muitas vezes lhes ocasionavam a morte! Houve até quem considerasse como padrão de glória trazer rosários de orelhas secas de cabanos! Conhecemos uns célebres comandantes dessas expedições, que se desvanecia em descrever com ostentação o seu feitos de atrocidade e equiparando os rebeldes a cobras venenosas, dizia que não deviam em caso algum ser perdoado! Muitos dos entroncados nas viagens por canoas o lançou nos rios, e outros muitos mandou espingardear nos calabouços a pretexto de quererem arrombar as prisões! Nos dias de pior humor fazia pendurar, em cordas presas ao teto da casa de sua moradia, os que lhe inspirava maior antipatia, e com prazer em arremessá-los com violência de encontro às paredes, de mãos e pés atados, sem nenhum meio de poderem eles evitar os terríveis choques que lhes fraturavam os ossos!”. O número de mortos nos martírios e torturas tornou-se incalculável: “Consta aproximadamente à mortandade dos rebeldes que pereceram nos navios de guerra, nas prisões, nos hospitais e nos conflitos; mas é inteiramente desconhecida a que teve lugar em maior escala pelo centro da província, nas correrias das expedições e longe das vistas do governo.<sup>129</sup>

### 3.4. O Fim da Cabanagem

Abalados pelas sucessivas traições de seus diversos líderes, desgastados

---

<sup>129</sup> DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular na Amazônia*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1990. p. 350-351.

pela árdua luta que se prolongava, enfraquecidos por epidemias que assolavam as populações indígenas e ribeirinhas, divididas por conflitos internos e diante da falta de recursos (armas e alimentos) para sustentar a resistência, os cabanos, por fim, descreditavam profundamente na vitória final.

A esperança no pleno êxito da revolta, a última e mais essencial arma cabana que estivera acesa como uma vigorosa labareda, desde as primeiras agitações do movimento, por fim apagara-se, e, com ela, tombaram os sonhos que sustentavam o empunhar das armas e que confortavam a dor da lembrança dos que viram os seus sucumbirem as constantes lutas frente ao opressor:

— Nós — tornou Paulo da Rocha, possuído pelo entusiasmo que dele se apodera sempre que se referia à revolução de 17, e nem parecendo ouvir a contestação do cabano. Nós não matávamos os velhos e as crianças, nem roubávamos os bens alheios. Se derramamos sangue, foi em combate, expondo a nossa vida sempre em numero inferior ao das tropas legais. E os cabanos que fazem o que querem? Dizem que são brasileiros, mas roubam e matam os brasileiros. Dizem que são religiosos e tementes a Deus, mas matam padres, mulheres e crianças.<sup>130</sup>

Dessa forma, quando a tropa legal desembarcou, sob confronto, no Pará, em 1836, trazendo o novo presidente da província: brigadeiro Francisco José de Souza Soares, os cabanos já não ofereciam grande resistência e, com isso, foram sumariamente dizimados pela vingança desnecessária da Marinha regencial, cujo potencial de fogo era visivelmente superior.

A partir de então, o movimento seria reprimido até 1840. Os cabanos foram perseguidos, torturados, assassinados e reduzido à escravidão. Tribos inteiras foram chacinadas e todos os documentos dos governos cabanos foram destruídos. Até bem pouco tempo, certos historiadores faziam questão de “esquecer” ou desqualificar essa revolução da “ralé”. Que sem patentes, doutores, iluminados ou heróis elevou não poder um povo que sobrevivia subjugada pela miséria e pela opressão.

---

<sup>130</sup> SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 151-152.

Caro custou a revolta cabana para os que dela participaram, seja por via direta ou indiretamente, porém pode pagar o seu significado para todos que lutaram e lutam por liberdade e condições de vida mais justas: A *Cabanagem* foi à única revolta que efetivamente ocupou o poder de uma província, durante certo tempo, com relativa estabilidade.

Faltava-lhe, entretanto, em discutir uns projetos político mais profundos, consistentes que tivesse sido assimilado pela massa, o qual constituísse o alicerce do movimento. “Unidos em pacto secreto para dar cabo de tudo o que é branco”, eis como se expressou o general Soares Andréa para falar do objetivo único e maior dos cabanos, para os quais havia necessidade de manter a luta. Contudo, subestimou-se a urgência de conceder uma direção mais empreendedora, no sentido da realização de aspirações também imprescindíveis, ainda que no plano da subsistência, ao próprio movimento. Mais cedo ao mais tarde, a estrutura iria, realmente, ruir, tal como acabou acontecendo, inclusive a partir de seus próprios líderes, os quais se guiavam, exclusivamente, por determinações pessoais, sem qualquer marco ou metas políticas do movimento.

Isso fez da Cabanagem um movimento de tronco, braços e pernas, porém sem direção, ou seja, teve-se um povo forte em numero e em armas, mas sem um projeto ou orientação política maior para implementar, diferenciando de outros movimentos, intelectualizados e elitistas, nos quais só se tinha cabeça (o projeto), mas faltava o corpo (gente para lutar).

Após a repressão à *Cabanagem*, mais de 30% da população da região havia desaparecido e quase metade da população masculina havia sido morta. Em números, fala-se entre 30 e 40 mil mortos, o que provocou uma sensível baixa demográfica no Amazonas e em toda a Amazônia.

Algumas tribos, como a dos índios mura, foram extremamente perseguidas e dizimadas por terem ajudado e mesmo participado da *Cabanagem*.

A situação da mortalidade entre as populações indígenas agravou-se ainda mais, durante e após a *Cabanagem*, em função das epidemias que proliferaram na região.

Por fim, entre as conseqüências da *Cabanagem*, não se pode negar sua relevância para, para de certo modo, acelerar o processo de elevação da capitania do São José do Rio Negro, obtendo autonomia administrativa e deixando de se submeter ao governo paraense.

## 4. OS CONTOS AMAZÔNICOS: ANÁLISE E RECEPÇÃO

### 4.1 Introdução à leitura dos contos

Os *Contos amazônicos* são narrativos que encampam a formação do homem caboclo do Brasil. Ao leitor dos contos *Voluntário*, *O Donativo do Capitão Silvestre*, *A Quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*, contos estes que tematizam momentos históricos, ser-lhe-ão reportados episódios políticos determinantes para a consumação da soberania daquele povo. Os demais contos: *A Feiticeira*, *Amor de Maria*, *Acauã*, *O Gado do Valha-me Deus* e *O Baile do Judeu*, formadores da coletânea, elegem episódios em que os planos da natureza e da sobrenatureza interceptam-se. Esta segunda matéria, riquíssima de imaginário, é muito corrente nas histórias veiculadas pela oralidade. Portanto, ao lado das atividades políticas e econômicas, a mitologia também concorre como fator fundamental da existência do habitante da floresta. O Autor conduz a mitologia amazônica à escritura na forma do conto. A compor sua obra, ele recolhe da oralidade narrações lendárias e mitológicas, coeficientes da influência das três matrizes étnico-culturais referidas. Estas narrativas, escritas à semelhança de como se elaboram na oralidade, são imediatamente identificadas por viventes das terras amazônicas. É importante, nos estudos da literatura inglesiana, reconhecer que há, ali, o cotidiano de um universo singular, pois a fonte do Autor é singular — o caboclo, ímpar na composição étnica, nos costume e nas crenças.

Inglês de Sousa confeccionou quadros da memória da Amazônia paraense do final do século XIX. Nesses quadros, a natureza física não é privilegiada. É o homem, é uma civilização em formação que é flagrada em suas atividades diuturnas.

Nas páginas inglesianas em que há domínio de um dos campos de força — o histórico, (movedor de sua poética e também da vida do caboclo) Inglês de Sousa envereda por um conflito político revelador de um imperioso desejo de identidade nacional do caboclo. Isto pode ser situado no conto “A quadrilha de Jacó Patacho”, no qual se identificam referências ao movimento revolucionário da *Cabanagem*:

“Félix Salvaterra tinha fama de rico e era portuguesas, duas qualidades perigosas em tempo de Cabanagem”<sup>131</sup>.

No conto seguinte, “O rebelde”, há um episódio inusitado de entrelaçamento afetivo entre um menino descendente de portugueses e um simpatizante da *Cabanagem*, episódio que estabelece um momento de trégua em meio à sangrenta luta. Em função deste conto, pode-se dizer que há o estabelecimento de um liame entre as duas nações habitantes (portuguesa e brasileira), fator surpreendente por um aspecto que contraria a formação do autor, adepto das correntes deterministas vindas da Europa. Pela ótica do determinismo, o sensato seria que, um filho de português vergasse ao peso da genética e dos costumes herdados do pai; entretanto, o menino contraria as tendências de sua formação para abonar um “inimigo” de sua estirpe.<sup>132</sup> Só é possível entender a ligação entre o menino português e o revolucionário cabano ao argumentar que Inglês de Sousa pretendia, ao isentar-se de julgamentos, revelar os dois lados de um conflito — *a Cabanagem* —, reservando ao leitor, a escolha de qual dos lados se tornar partidário.

Não se falava senão na *Cabanagem*, e os pobres velhos, rebeldes de 1817, eram esquecidos pelos rebeldes do tempo. Todos os dias tapuios desertavam do serviço dos patrões e fugiam em alguma canoa furtada, descendo o rio para se irem encontrar com os *brasileiros*.<sup>133</sup>

A vila ia ficando deserta à medida que os terríveis inimigos dos portugueses e dos maçons se aproximavam de Óbidos. Os cacaulista retiravam-se para os sítios. Aqueles que tinham alfaias ou dinheiro tratavam de escondê-los, enterrando-os. A desconfiança era geral, o pai não se fiava no filho, o irmão não confiava os segredos ao irmão.

---

<sup>131</sup> SOUSA, Inglês de. “A Quadrilha de Jacó Patacho”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p.103.

<sup>132</sup> Meu Pai representava a civilização, a ordem, a luz, a abundância. Matias Paxiúba era a ignorância, a superstição, o fanatismo, a rebelião do pobre contra o rico, o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre insubmissa. Era como um protesto ambulante contra a civilização egoística e interesseira dos brancos, a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heróicos. (SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p.131).

<sup>133</sup> SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p.122.

Terrível efeito da guerra fratricida!

— Os, rebeldes acabam de entrar em Óbidos

Paulo da Rocha não se mexeu. No seu rosto cor de cobre não passou, sequer a sombra de uma emoção. Disse, depois de uma pausa, esboçando um sorriso:

— E então?

— E então? Tornou o Vigário descrevendo com a ponta da bengala uns arabescos no chão. E então? É que os habitantes de Óbidos fiaram-se nas promessas que os cabanos lhes fizeram e caíram na tolice de lhes abrirem as portas.<sup>134</sup>

Paulo da Rocha dissertou longamente sobre as causas da *Cabanagem*, a miséria originária das populações inferiores, a escravidão dos índios, a crueldade dos brancos, os inqualificáveis abusos com que esmagam o pobre tapuio, a longa paciência destes. Disse da sujeição em que jaziam os brasileiros, apesar da proclamação da independência do país, que fora um ato puramente político, precisando de seu complemento social. Mostrou que os portugueses continuavam a ser senhores do Pará, dispunham do dinheiro, dos cargos públicos, da maçonaria, de todas as fontes de influência, nem na política, nem no comércio o brasileiro nato podia concorrer com eles. Que enquanto durasse o predomínio despótico do estrangeiro, o negro no sul e o tapuio no norte continuariam vítimas de todas as prepotências, pois que eram brasileiros, e como tais condenados a sustentar com o suor do rosto a raça dos conquistadores.

Ele, Paulo da Rocha, não compreendia como o Governo do Rio de Janeiro, nascido de uma manifestação nacional, perseguia os caboclos do Pará, pois, afinal de contas, a *Cabanagem* não era mais do que um prolongamento sangrento e brutal é verdade, mas lógico. A revolta irrompe em Belém, em 7 de Janeiro de 1835, com o assassinato das duas principais autoridades provinciais, o presidente e o comandante das armas. Os chefes cabanos formam um governo revolucionário, liderado pelo fazendeiro Clemente Malcher, e anunciam a autonomia da Província em Regência até a maior idade de D. Pedro II.

Eram duas horas da tarde, e eu me banhava nas águas tépidas do rio, quando julguei ouvir barulho de remos e sons de vozes estranhas. Posto já houvesse esquecido o incidente da

---

<sup>134</sup> SOUSA, Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p.122-123.

conferência entre o mulato e o tapuio, que se dera alguns dias antes, uma viva desconfiança me assaltou. Pus-me atento e conheci que alguma canoa se aproximava do porto. Não tardou muito que não visse, tomado de espanto, dobrarem a ponta de uma ilha vizinha algumas canoas; eram três ou quatro compridas montarias, cheias de gente, mas de umas gentes esquisitas, desconhecidas, alguma coisa de fantástico e estranho que me excitou sobremaneira a imaginação. A primeira idéia que me assaltou a mente, logo que pude refletir, foi que aquela gente pertencia ao partido dos *brasileiros*.<sup>135</sup>

Os contos Amazônicos são marcados por muita liberdade de concepção. O conto “O Rebelde” é um caso que, pela reunião de núcleos narrativos, jamais poderia ser rotulado como conto e sim novela. Com tal liberdade, Inglês de Sousa impele seus personagens de um livro, de um conto ao outro, sempre apoiado numa linguagem coloquial, regional e espontânea, a fala movida à cadência do dia-a-dia, sem descurar do registro culto, se assim for preciso, em contos que formam um painel de rara beleza, todo disposto a espelhar as vastidões de maravilhas e a paisagem humana tão sofrida de uma Amazônia.

## 4.2 Os Mosaicos da Crítica

*Contos Amazônicos*, coletânea publicada em 1893, reúne nove ficções curtas de Inglês de Sousa, nascido em Óbidos, Região Amazônica, Estado do Pará. Apesar da convivência de poucos anos com a terra aonde veio à luz, as imagens da natureza, a magnificência, o intenso das cores e das formas, a condição reduzida dos seres humanos, ou do enorme contingente de vagantes esquecidos pelos ínvios recantos da Amazônia, todo esse complexo de imagens jamais desabrochou na consciência do escritor. Nascido em 1853, logo depois de residências e longas temporadas em Santarém, Manaus, Parintins e Belém, já em 1864 é mandado a estudar no Maranhão, após o que não mais retoma ao seu solo de nascença.

Em 1875, ano de escrita de *O Cacauleta*, 1876, ano de sua publicação, os

---

<sup>135</sup> SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p.145.

territórios da literatura, já escapes dos exageros clássicos, demarcavam-se entre linhas de força diversas, sobretudo depois de mais insubordinações estéticas, na verdade, revoluções, comandadas por Charles Baudelaire, Flaubert e Mallarmé, três grandes que, por primeiro, provocaram escândalos e comoções exacerbadas, a ponto de os dois primeiros serem processados judicialmente, e indigitados como promotores de indigna e mal disposta arte, dado que compassadas por suposta *feiúra* e *malignidade*. Por outro lado, em 1874, pintores e músicos impressionistas e outros integrados aos tantos movimentos de vanguarda atuantes à época assustavam, provocavam gestos encrespados, risotas e alaridos, porque abalariam as tradições com atitudes libertas do jugo oficial quanto às direções a imprimir no estabelecimento do objeto artístico.

Quando Inglês de Sousa pôs-se em campo para abrir sua poética, evidenciavam-se paralelamente, entremeavam-se ou chocavam-se concepções criativas diversas, dentre as quais pode destacar-se uma literatura romântica ainda vigente, retardatária, convicta de que o papel da arte é exprimir, antes, o fluxo de criação submetido à emoção individual, alguns criadores, porém, já mesclando o clamor à expressão da sensibilidade com rasgos de uma escrita objetiva e impessoal. Num outro posto, talvez em grande parte paralelo, predispunha-se a literatura a cumprir-se, com ênfase, para criticar um contexto social problemático, uma escrita que se requeria impessoal, objetiva, com vistas à conformação do texto a atmosfera ultracientificista então vigente. No âmbito dessas orientações, são decisivas as idéias de Charles Darwin, de H. Taine e de Augusto Comte, segundo as quais, os seres, incluídos os humanos, na luta por sobreviver, aniquilam os mais fracos, os menos capazes; são sempre condicionados pelo momento, pelo meio e pelas disposições genético-hereditárias; só alcançam os conhecimentos verdadeiros, provados, irrefutáveis — base do progresso, da ordem, da harmonia e da paz social — se situados longe de especulações, idealizações, abstrações.

O conjunto da obra de Inglês de Sousa se enraíza nos entroncamentos do romantismo e do realismo-naturalismo, este estilo, na perspectiva do ideário dos três filósofos citados. Menciono três ocorrências constantes do texto inglesiano para abonar as assertivas acima. A mudança ocorrida na índole da personagem Miguel de *O cacaulista* que, tangido do Paraná-mirí e de Óbidos, por ver-se vencido em disputas de terra com o cacaulista Ribeiro, permanece por cinco anos em convívio

com um meio culto em Belém. Quando retorna, no trecho de *O Coronel Sangrado*, vê-se transformado num *gentleman*, ele que, nos circuitos do romance anterior, é caracterizado por traços de rudeza, por atitudes impulsivas absorvidas no meio inculto e de maneiras desabridas, segundo o narrador, comuns nas matas às margens do Baixo Amazonas. Ou seja, Miguel retorna a Óbidos cultivado pela Belém *civilizada*, esta cidade, o meio elegante e comedido, que transformaria o ser não lapidado no homem racional, não mais comandado pelos ímpetos, tal como se comportava o Miguel de antes. Veja-se um exemplo de *O Coronel Sangrado*. 1968. p.44.<sup>136</sup>

Com efeito, o Miguel pré-estágio em Belém é indicado pelo narrador como um semi-selvagem, ser instintivo, desprovido de refino, não obstante sua sensibilidade e cordialidade. Transferido para a capital, passa por transformações tais que, ao voltar às margens do rio Amazonas, provoca estranhamento e pasmo por não querer saber de revanches nem de cultivar rixas antigas. Miguel passa a agir sob as guias da reflexão, da moderação e de um logicismo equilibrado, comportamento que a voz narradora exalta e atribui à nova ordem, desejável, regida pela temperança, pelo racional. O fato de no passado, ter abandonado tudo, até sua tão solitária mãe, de forma arrebatada, conduz a enunciação a enquadrá-lo sub-repticiamente nas raias da emoção e da impulsividade afinadas com o romantismo.

Na esfera do realismo, há ainda, espalhada pela obra em totalidade, um lastro de sensualidade ditada pela hereditariedade, uma lascívia fatal, porque a personagem, assim condicionada por seu aspecto biológico, não escapa do círculo do amor carnal, o que aponta para as instâncias do ser não impulsionado pelos ordenamentos racionais e sim pelo instinto, o ser instintivo assinalando-se um traço de naturalidade, que irmana homens e bichos, já que ambos não conseguem sair do estado, digamos, bruto, não culturável, cultivável, uma sexualidade doentia não

---

<sup>136</sup> Mas pouco a pouco, com o viver da capital, foram-se-lhe modificando as idéias à medida que se ia ilustrando mais o seu espírito. No Pará [Belém] Miguel fora empregado na casa de um excelente homem que o tratou como filho. O rapaz teve, pois, tempo de instruir-se lendo alguma coisa. O resultado dessa instrução e da convivência com o patrão e seus amigos, foi à resolução que o vimos tomar e que tanto desapontamento causou ao coronel Sangrado, e em geral à gente de Óbidos. E isto porque, em vista de seu antigo proceder, não se podia esperar outra coisa. O rapaz tomara, muito antes de voltar a Óbidos, e logo ao projetar essa volta, a resolução de esquecer tudo o que se passara com a família Ribeiro. Queria esquecer as injúrias recebidas. Era isto efeito do poderoso impulso da civilização, que lhe alargara a órbita estreita das idéias. Mas já dissemos que, se a civilização lhe modificara as idéias, não havia tido grande influência sobre os seus sentimentos.

apaziguada, que foge ao controle, à contenção, à serenidade.

Em *O Missionário*, por exemplo, o ímpeto evangelizador, santificador do padre Antônio Morais é arrefecido por uma lubricidade que domina o sujeito, ardor mais crescente à força da convivência com um meio lasso que amolece a têmpera do padre e que, de acordo com o narrador, decorre também da predisposição contemplativa, não ativa do caboclo perdido nas brenhas e nas águas da Amazônia. Também em observância às idéias que organizam a narrativa realista-naturalista, leia-se na citação abaixo uma análise de faceta humana bem urdida, obedecidas às leis do Determinismo de Hippolite. Taine:

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto. O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se lêem os devaneios íntimos, nascido da sujeição da inteligência ao mundo objetivo, e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado pela solidão.<sup>137</sup>

Mas Inglês de Sousa estabelece sua obra literária, puxando também meadas românticas, associadas, de preferência, ao pensamento do habitante inculto das brenhas e dos recônditos rios da Amazônia. Este habitante, o não assistido pelo Estado, pelo poder institucionalizado, pertence à camada pobre da sociedade; é o ser encurralado nas teias da solidão e de necessidades pungentes. São eles que expressam suas representações do mundo em consonância com a miséria da deseducação em que são lançados. Essa condição de abandono social se vincula à leitura mágico-fantástico-maravilhosa da vida e dos acontecimentos, entendimento contra o qual se opõem os trabalhos da narração, quando se espalha no narrado a palavra de discordância e de crítica político-social que embute chamados à racionalidade e ao progresso.

---

<sup>137</sup> SOUSA, Inglês de. "O voluntário". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 22-23.

Dentre os contos. "A Feiticeira", "Amor de Maria", "Acauã", "O Gado do Valhame Deus" e "O Baile do Judeu", têm personagens assim investidos sendo que, com exceção o conto "Amor de Maria", as narrativas oscilam entre um enfoque transitivo do fantástico ao maravilhoso, o que significa dizer que, nos quatro contos, há a exploração de um meio cuja formação se assenta numa visão anti-racional, discordante com o lineamento da estética realista-naturalista, porque concordam, com uma explicação mágico-mítico-fantástico-maravilhosa que impõe ao texto inglesiano também o primado da imaginação e da fantasia enraizadas nas fraldas do romantismo. Ressalte-se, que durante o desenrolar dos nove contos, se faz sentir a atitude interveniente de urna primeira pessoa, atitude que confere ao narrador o poder de decisão quanto às direções da narrativa que, então, se imprime com um alto teor de subjetividade e de emoção, pois a inquietação do doador do caso ficcional envereda pelo espontâneo e livre, duas palavras preciosas às notações românticas.

Dos nove textos, existente nos *Contos Amazônicos* ora privilegiam procedimentos arraigados no gosto romântico, ora seguem os padrões crítico-racionais do naturalismo e do realismo. Os quatro contos destacados se orientam por direções que imprimem modulações fantásticas que depois derivam às pautas do maravilhoso.

Antes de focar mais de perto esses textos, cabe levantar algumas breves considerações sobre as literaturas fantástica e maravilhosa. São muitas e às vezes conflitantes as definições de enunciação fantástica. Num enfoque geral, aproprio-me de pontos de vista de Tzvetan Todorov (*Introduction à la littérature fantastique*. Paris, Le Seuil, 1970), Joël Mathieu (*Fantastique*. Paris, Hachette, 1992) para afirmar que o fantástico "é uma irrupção insólita, quase insuportável no mundo real"; que "constitui uma intrusão brutal do mistério no quadro da vida real"; que "é a hesitação experimentada por alguém que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento na aparência sobrenatural"; que "é a experiência imaginária dos limites da razão"; que "O fantástico como a ciência decorre de uma espécie de olhar lançado sobre o desconhecido".

Como se vê, a discussão sobre o texto fantástico gera discordâncias e acúmulo de pontos de vista. Inquestionável, contudo, é que os quatro contos

indicados se situam nos cursos de uma literatura anti-racionalista e que, aceitar o enquadramento único da ficção de Inglês de Sousa nas fronteiras do estilo naturalista, é incorrer em equívoco grave porque obscurece, omite o procedimento poético dos quatro textos, uma das frações mais belas da obra do escritor. Nos quatro contos acontece a subversão das leis naturais quando se instala o insólito para decidir o desenrolar da história. Isto é, na perspectiva racional e científica, instala-se aquilo que se denomina em narrativas em cujo âmbito o acontecimento insólito se encaminharia à explicação regida pela ordem, pela normalidade, pela objetividade, isso talvez não no entender do narrador-autor, mas da lógica explicativa corrente no Baixo Amazonas.

Um caso patente ocorre no conto "A feiticeira", em que o problema que mantém a tensão narrativa são os poderes sobrenaturais e a cumplicidade da personagem Maria Mucuím com seres demoníacos e a total descrença da mente racionalista, positivista do tenente Antônio de Sousa "que se gabava de não crer em nada".<sup>138</sup> que não provasse, constatasse, experimentasse. Em "A feiticeira", um narrador, o velho Estevão, encarna a credulidade ingênua do povo dos confins da cidade de Óbidos e é ele que teme e defende as tramas irracionais da feiticeira, a Maria Mucuím, figura tão impressionante que surge, aqui e ali, em toda a ficção de Inglês de Sousa. Estevão também funciona como um porta-voz dos que se recusam a desligar-se das tradições.<sup>139</sup>

O tenente Sousa é o modelo paradigmático dos espíritos fortes, os que advogam os parâmetros da descrença às entidades sobrenaturais que interfeririam nos destinos das pessoas. Ele age como personificação da própria ciência, é aquele que precisa ver para crer e que, contrariando apelos, interna-se na noite pavorosa, sem medo, procura e invade a casa da feiticeira, situada na solidão do mais recôndito dos recônditos de uma curva perdida do rio. Ali o tenente, já temeroso, luta com a criação maligna de Maria Mucuím e, apesar de fugir às pressas, sai como o vencedor, o que constatou a malignidade da velha. Logo depois, enfrenta a terrível

---

<sup>138</sup> SOUSA, Inglês de. "A Feiticeira". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p.45.

<sup>139</sup> Quereis saber uma coisa? Filho meu não freqüentaria esses colégios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belém parece que todas as crenças velhas vão pela água abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos bons princípios que os pais lhe inculciam, no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo. Os maus livros, os livros novos, cheios de mentira são devorados avidamente. Idem. *ibidem* p.46.

vingança da feiticeira, e sucumbe, o que autoriza e certifica a perspectiva anticientífica do narrador e define o texto no rol da literatura maravilhosa, de vez que a crença no poder sobrenatural triunfa no conto, porque o caso descrito e a punição do tenente de Belém é mais uma afirmação do insólito. que interfere no curso da normalidade. É importante ressaltar o sentido simbólico que percorre o texto, na medida em que Maria Mucuí e Estevão significam para além do enredo articulado no conto. Ambos representam a crença, da tradição, do poder extra-humano de criaturas infernais e ela, a própria atuação desse poder sobrenatural. No outro pólo, Antônio de Sousa e a encarnação do pensamento positivista, científica que, aliás, sucumbe na cheia engendrada pela irracional Maria Mucuí.

Em “Amor de Maria”, por sua vez, é desmascarado o pretense poder de um tajá que resolveria um conflito amoroso, a volubilidade, a inconstância de um amado que ficaria bobo de amor à tão-só e mera ingestão do sumo mágico de um tajá, saída que se intenta e que termina pelo trágico, de vez que as personagens centrais falecem, são suprimidas da cena. Enquanto isso, o narrador afirma: “Custa-me a acabar esta triste história, que prova quão perniciosa é a crença do nosso povo em feitiços e feiticeiros.<sup>140</sup> Observe-se que agora o narrador, um procurador de Vila Bela, antiga Parintins, quer dizer, um homem culto que. “Com um sorriso entre sardônico e triste [...]” relata o caso ao mesmo velho Estevão crente, no conto anterior, nos poderes da feiticeira Maria Mucuí, no que se caracteriza o mesmo debate de idéias e choque de mentalidades. E flagrante no conto “Amor de Maria” o triunfo da razão concretizada na ação das personagens e em intervenção do narrador que numa passagem diz, em referência à sedução de Mariquinha, a palavra feiticeira, relacionando-a com a personagem Maria Mucuí: “Feiticeira, sim, e não como a do Paraná-mirí, abjeção do sexo, do poder fantástico e, com licença, compadre Estevão, inadmissível ante a boa razão e a lógica natural [...]”.<sup>141</sup>

Dentre os nove contos reunidos, o conto que mais organiza os elementos da inscrição fantástica, impessoal, é “Acauã”, um relato que, contrariamente, à soltura narrativa comum a outros textos da coletânea, fecha uma escrita em que os elementos narracionais costuram-se, fecham com certa rigidez a trama, sem a intervenção de uma voz em primeira pessoa. Seria preciso, para pôr em relevo a

---

<sup>140</sup> SOUSA, Inglês de. “Amor de Maria”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p.66.

<sup>141</sup> idem, ibidem p.56.

beleza de concepção fantástica de “Acauã”, um ensaio à parte. O narrador age agora apenas para doar uma história de acontecimentos insólitos que decidem os passos do transcurso dos eventos humanos. A ação se desenrola com uma gradação, parece que, a medida, e é notável o acionamento de um vocabulário, de uma frase do narrador ao leitor.

O andamento do texto se dá pontilhado de termos que dizem sem dizer claramente, em função de uma linguagem dúbia (parece, deve ser, tem-se a impressão, supunha, era como se, aquilo) que se reitera com sofreguidão. A hesitação submete o leitor a um campo que é o do discurso, porque o enredamento do caso é retilíneo, sem contorções e atalhos. No conjunto da obra de Inglês de Sousa, tido e havido indiscutivelmente como escritor naturalista, brilha este conto pela perfeita concepção no tratar as temáticas misteriosas correntes nas profundezas da floresta amazônica e na capacidade imaginativa do humano que a habita. No conto “Acauã”, a cobra grande, conjugação de forças aéreas e aquático-terrestres radicadas, antes de tudo, nas tramas do inconsciente, sobrevêm à linha da vida do homem real para aturdir, desnortear a tessitura, de um conto em que o autor movimentava a imersão do insólito a custo de poder, sobretudo costurar a malha de palavras.

É importante mencionar, para acentuar a excelência desse relato, a acumulação de significados dispostos para sustentar, numa só rede lingüística, a exploração de temas ousados à época da feitura dos contos. O texto conclama, uma grande carga de sutileza. Sob os velados do dizer-não-dizer, o narrador puxa a recepção a um trançado de lusco-fusco discursivo que, deixa no ar o tratamento de temas ao gosto do naturalismo, nas linhas de um conto fantástico. Refiro-me à sugestão de lesbianismo, à dominação e acasalamento das duas personagens centrais, as irmãs — às quais o texto também nomeia companheiras. Talvez a ambigüidade verbal, as velações do texto, o dizer-como-que-não-dizendo, sejam o cortinado tênue que o serviço lingüístico feche para cobrir/descobrir e abrir rio conto um tema proibido.

O conto “Gado do Valha-me Deus” abre-se à voz de um vaqueiro, pessoa simples, logo. E firma-se a partir da cosmovisão da gente inculta das brenhas. É um relato em que se consagra o poder de verbo, em que a sustentação do narrador são

os ponteados da linguagem mais oral e espontânea possível. Faz parte, e o início com o advérbio (SIM) não deixa dúvida, do conjunto de textos desta coletânea que guarda o modelo do falar intrinsecamente popular da população amazônica, marcada pelo caráter fragmentário, como se alguns contos situassem momentos de reunião para contação de causos. Os escritos que tendem às hesitações e ao sim-e-não do fantástico é repletos de termos regionais, uma nota rica para o conhecimento de um linguajar que se perde cada vez mais. E delicioso deixar-se ir à marola, de bubuia, diria amazonicamente, daquele correr sem fim dos vaqueiros à pega de uma vaca misteriosa que se enche de ar para amedrontar e pregar uma peça a inocentes, pois o proprietário da boiada, aquele que deveria ser punido, mantém-se defeso em sua vida afortunada. No fim, o conto inclui-se no modelo do relato maravilhoso de vez que tudo aquilo aconteceu e pronto, acabou-se a discussão, porque o conto impõe às artes do discurso a sua lógica assentada na crença imaginativa do simples que paira no tempo às margens infinitas do rio Amazonas.

O conto “O Baile do Judeu” se escreve como um jogo em cujo centro posta-se um boto dançarino que arrasta para os findos uma mulher casada. Trata-se de um conto em que, mais uma vez, atesta-se à capacidade descritiva de Inglês de Sousa ao armar uma trama, em que sob a escrita do mistério, evidencia também crítica aos costumes interesseiros dos moradores de uma pequena vila do rio Amazonas. Todos os moradores, com exceção do vigário, do sacristão e do andador das almas prestigiam um baile promovido por um judeu, sobre quem recaem discriminações, por se vincular aos judeus as dores de Cristo. Por si, a enunciação desse detalhe estabelece a crítica a uma religiosidade estreita e inconsistente. Assim, levado pela hipocrisia, o povo vai à festa, mesmo que seja promovida por um sujeito malvisto. É que, antes de tudo, acende-se o desejo à imaginação dos manjares e do prazer gratuito. Entra em cena o boto que não pune a quem se considera o grande pecador, o judeu, mas a uma dama que havia negaceado o amor a um rapaz, Lulu Valente, que se fina de paixão e acaba virando o boto que também comparece à festa e mata, a passos de uma dança vertiginosa, a personagem feminina a quem arrasta para o universo dos fundos das águas. O texto se destaca pelo sentido crítico. Ao baile acorre a gente grada, não os pobres, a quem cabe só olhar. Mesmo os religiosos contritos buscavam mesmo a cerveja Bass e os sequilhos de que se fartaram ao deslimite da gula. Criticam-se os músicos que tocavam onde bem se

lhes pagassem. Estes, aliás, o texto revela, tocavam na missa com os mesmos instrumentos que na festa do judeu para a dança dos interesseiros.

Os demais contos, “Voluntário”, “O Donativo do capitão Silvestre”, “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde” são todos vertidos dentro dos padrões da estética realista-naturalista, todos dispostos de modo a revelar um contexto histórico que se critica em nome do saber positivo, da ciência, do progresso e da paz. Ecoam por essas composições muitas vozes das quais se expande um tom autobiográfico bem marcado. Essas marcações verídicas, quem as expressa é o próprio narrador, quando assinala uma nomeação que indica nomes e sobrenomes inscritos na biografia de Inglês de Sousa. Um caso está registrado em “O Donativo do Capitão Silvestre” Silvestre José Rodrigues de Sousa seria o bisavô do escritor? Por essas lendas se verte um forte tecido de História propriamente dita, numa associação de verdade e ficção em perfeita disposição conforme os apelos veristas da escola realista-naturalista. Nessa vertente ainda neste conto se historia ficcionalmente a Questão Christie, momento em que a textualização se planifica de dados permeados de verdade documentais. Mas a narração, ao mesmo tempo em que distende a história, abre um discurso gozador para denunciar não só os interesses de patriotas em grande patriotada, como de que maneira se pode manipular e explorar o desprendimento e a boa fé do povo.

Alguns desses contos tecem uma divertida cadeia intertextual entre si e os romances. Em “O Donativo do Capitão Silvestre”, acodem os mesmos personagens de “O Cacaulista” e de “O Coronel Sangrado”, todos lubrificando suas vidinhas com má política e disse-me-disse, todos defendem seus interesses pessoais, todos ágeis à cata de enriquecimento fácil, enquanto os pobres pairam fora dos mínimos direitos satisfeitos. Essa crítica se faz igualmente nos contos mais envolvidos com um enredo fantástico-maravilhoso. O excuro, que transcrevo, faz parte de “Amor de Maria” e por ele se pode medir um desencanto político muito lá e cá atual:

Depois que o povo começou a tomar a sério esse negócio de partidos, que os doutores do Pará [Belém] e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, numa aldeola de trinta casas as famílias odeiam-se e descompõem-se, os homens mais sérios tornam-se patifes refinados, e tudo vai que é de tirar a coragem e dar vontade de abalar destes ótimos climas, destas

grandiosas regiões paraenses, ao pé do qual os outros países são como miniaturas mesquinhas. Sem conhecerem a força dos vocábulos, o fazendeiro Moraes é liberal e o capitão Jacinto é conservador. Por mim entendo, que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso cacau e da nossa seringa, que isso de política não leva ninguém adiante e só serve para desgostos e consumições.<sup>142</sup>

Esses contos de inscrição mais vertida à história dentro de uma esquematização realista trazem à cena muitas páginas da Cabanagem, uma Cabanagem que extrapola as demarcações factuais impressas. nos livros em cujo centro se estuda esse movimento revolucionário. “A Quadrilha de Jacó Patacho” situa sua trama em 1832, antes, logo, das datações oficiais. Essa visão de urna Cabanagem bandoleira expressa-se igualmente em “O Rebelde”, uma das mais comoventes e fascinantes textualizações dessa luta.

Embora o crítico Wilson Martins afirme que Inglês de Sousa tem sido espantosamente trelido em grande parte, superestimado<sup>143</sup>. Isto tem valência apenas para sua participação na escola naturalista e para a contribuição que dá com O Missionário à historiografia literária, e, ainda para seu papel de pioneiro da temática amazônica na ficção. Entre os críticos, historiadores e ensaístas brasileiros, poucos se detêm aos contos inglesiano com mais vagar. Ao abordarem a ficção do autor, é unânime entenderem que é imperativa uma análise global da sua obra, mesmo porque ele traça um plano sob o título “*Cenas da vida no Amazonas*”, do qual os contos fazem parte, a marcar a última publicação. Mas os estudos sobre a obra de Inglês de Sousa geralmente finalizam com poucas palavras a referir os contos. Um exemplo deste caso ocorre em Nelson Werneck Sodré, em *Historia da literatura brasileira*. 8. ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 1988. O qual cita repentinamente o título dos contos: “Com O missionário, porém, é que a sua obra se define, nos seus defeitos e em suas virtudes e apenas será complementada com os Contos Amazônicos”.

Lúcia Miguel-Pereira, em 1950, na obra *História brasileira — Prosa de ficção de 1870 a 1920*, atenta-se para a contribuição dos romances de Inglês de Sousa à

---

<sup>142</sup> SOUSA. Inglês de. “Amor de Maria”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 57.

<sup>143</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. 1. ed. São Paulo: Cultrix; Edusp. 1976. p. 379-384. v. 4.

literatura brasileira, principalmente sob o prisma do Naturalismo com *O Cacauleta* e *O Coronel Sangrado*. Segundo Bella Jozef, é Miguel-Pereira a primeira a analisar os textos de Inglês de Sousa no conjunto. Contudo, os estudos daquela sequer mencionam todos os contos. Os escritores posteriores a ela abordaram os contos com mais detalhes. De modo geral, Miguel-Pereira atina-se, em rápidas palavras sobre os nove Contos Amazônicos, para as histórias sobrenaturais. A narrativa, no esplêndido “Acauã” e no “Baile do judeu” é feita com arte segura, aproveitando lendas locais para dar um prolongamento misterioso a fatos reais ou verossímil “, e para as naturais.” No *Rebelde*, curta novela de grande intensidade, e na *Quadrilha de Jacó Patacho* vence o autor a prova difícil da ficção histórica”. Por fim, em rápido discurso, ela enfatiza que alguns contos históricos, “O rebelde” e “O voluntário”, apresentam o mesmo teor panfletário de *Historia de um pescador*.

Em Miguel-Pereira se encontra um estranhamento entre os críticos de Inglês de Sousa sobre a reduzida atenção que ele dá à descrição da natureza nos romances e nos contos. A perspectiva narrativa que imprime promove surpresas por ser do gosto dos escritores e do público da época a detalhada descrição da natureza: “o seu forte não foi à paisagem, em cuja descrição cai no vago ou na rotina.<sup>144</sup> Assim, a impressão que menos consegue dar da Amazônia é a da natureza.” Ao seu tempo, Werneck, na obra de 1988, já baliza a diferença entre o modo de captação da natureza deste escritor em face da tradição regionalista, “particularmente porque se despreocupa dos excessos descritivos, de colocar a natureza em primeiro plano”, e evita, sob a contribuição do Naturalismo, “os excessos a que tantos se atiraram depois, pretendendo imitar, nas letras, a exuberância da natureza, e sem nenhuma possibilidade para isso”.<sup>145</sup> Por sua vez, Afrânio Coutinho, a tratar do regionalismo na literatura nacional, no volume IV de *A literatura no Brasil*, obra do qual foi organizador, cuja publicação inicial parte da Editora Sul-Americana, 1955-1968, esclarece que à obra inglesiana interessa mais o homem que a selva, “como se esta, com a sua opulência, não interessasse ao romancista, que desejava apenas surpreender e apreender o elemento humano, nas suas lutas e nas suas fraquezas, nos seus caracteres e nas suas determinações, no

---

<sup>144</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 8 ed. Rio de Janeiro: INL/ MEC, José Olympio, 1973. p. 160.

<sup>145</sup> WERNECK. Sodré, Nelson. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 8. ed. Atualizada: 1988. p. 392-393.

seu plano exato quando narrativamente necessária, em relação com os personagens não como decoração nem alarde virtuosista”.<sup>146</sup> Para escapar do documentário regional e caricaturesco. Estas apreciações genéricas sobre a ficção de Inglês de Sousa elucidam o plano dos contos, isto é, a selva com seus ingredientes aparecem conforme a necessidade da narrativa que expõe o caboclo amazônida, ora despertado pela situação histórica do país, ora ocupado nas experiências diárias, ora a vivenciar episódios a olhos exógenos sobrenaturais, mas por eles aceitos naturalmente.

No “Prefácio” de *O Coronel Sangrado*, segunda edição da editora da Universidade Federal do Pará, em 2003, Amarílis Tupiassu atenta para a cronologia literária do ficcionista de Inglês de Sousa e para a um provável esboço de obra que define suas derradeiras criações. Observa acertadamente que o autor, ao profissionalizar-se e participar ativamente da vida pública brasileira, pouco se dedicou a continuar a produzir literatura de imaginação. Quando era estudante de Direito em Recife escreveu [...]. Dos quatro romances que escreveu, os três primeiros são publicados entre 1876 e 1877 sempre acerca do vivente da Amazônia, reservadamente com ênfase no Baixo Amazonas, por isso a trama entretecida entre estas obras, a que Tupiassu se reporta. As restantes, *O missionário* e *Contos Amazônicos* aparecem quatorze e quinze anos depois, nas quais Tupiassu flagra um processo demorado de construção dos textos em consequência das atividades várias do escritor.

Por esta razão, “Tudo indica que o prosador embrenhou-se de cabeça nas selvas mais acirradas da política, tanto que ressei da História de um pescador e de algumas peças dos *Contos Amazônicos* um tom de incompletude e de afogadilho, como se, vertidos à página, estes textos não mais tivessem sido revisitados num afã de aprimoramento”.<sup>147</sup> Esta escrita, sem provável acabamento pelo escritor, também é flagrada, por Massaud Moisés, 1966, em *História da Literatura Brasileira: Romantismo/Realismo*, julgando serem os *Contos Amazônicos* produto de exercício ou aproveitamento de materiais que não couberam nos romances<sup>148</sup>.

---

<sup>146</sup> JOZEF, Bella. Apresentação. In: *Inglês de Sousa — Textos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

<sup>147</sup> TUPIASSU, Amarílis. Prefácio. In: *O Coronel Sangrado*. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2003.

<sup>148</sup> MASSAUD, Moisés. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, v. 2. p. 311-390.

A obra de Inglês de Sousa é um texto ficcional integrado. A região onde transcorrem as narrativas dos *Contos Amazônicos* é o Baixo-Amazonas, mais exatamente o Oeste do Pará. Em consequência, os espaços narrativos se repetem, e personagens aparecem e reaparecem em diferentes obras. Massaud Moisés, no livro de 1966, anota que no conto “O donativo do capitão Silvestre”, a se desenvolver em Óbidos, surgem os personagens Coronel Gama e o Severino de Paiva, o Coronel Sangrado, da obra de título homônimo. Além deste cruzamento, Moisés também surpreende em “A feiticeira” a evocação de um episódio com seus personagens ocorridos em *O cacaulista* — o litígio entre o fazendeiro do Paraná-miri, região próximo a Óbidos, Te. Ribeiro, e Miguel Faria, o protagonista deste romance<sup>149</sup>. Reconhece as relações estruturais da obra inglesiana ao registrar o mesmo episódio que Moisés: “Não vos descreverei o sítio do Tenente Ribeiro, porque ninguém há em Óbidos que o não conheça principalmente daquela grande demanda que ele venceu contra Miguel Faria, por causa das terras do Uricurizal<sup>150</sup>”.

Entre os contos de evocação histórica, três são os que mais chamaram atenção da crítica, o “Voluntário”, “O rebelde” e “A quadrilha de Jacó Patacho”. Miguel-Pereira relaciona o romance “*História de um pescador*” aos contos “Voluntário” e “O rebelde”. Quanto à expressão da “literatura de combate”, tomando o narrador o partido dos mais fracos, dos oprimidos, a narrativa “O voluntário”, conto inicial da seleta, aborda a passagem conflituosa de um “recrutamento” forçado de um caboclo santareno à Guerra do Paraguai e dos insucessos de um advogado em livrá-lo do destino bélico. Para Vicente Salles (1990), o pai de Inglês de Sousa influenciou na composição deste conto. Marcos Antônio Rodrigues de Sousa, teria sido, no plano literário, o advogado que se empenhou em salvar o jovem paraense pelo princípio da legalidade de ser filho único. Salles percebe o referido conto como um protesto e uma denúncia. Por seu turno, Martins depreende que o enredo deste conto apresenta indiretamente um crime da Monarquia.<sup>151</sup>

---

<sup>149</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. v. 6. 1. ed. São Paulo: Cultrix. 1976-1979.

<sup>150</sup> Idem, *ibidem*. p. 428.

<sup>151</sup> Idem, *ibidem*. Vê-se bem que, se há uma “escola revisionista” no que se refere à história da Guerra do Paraguai, ela deve inscrever Inglês de Sousa entre os seus precursores mais indiscutíveis. O conto distingue-se precisamente a ilustrar os desmandos e inacreditáveis violências cometidas pelas autoridades locais no recrutamento dos “voluntários” o título, inútil dizê-lo, é uma ironia sarcástica.

O conto “O rebelde”, para Massaud Moisés, é um texto novelesco pelo tamanho e pelas cenas a sugerir alargamento, se realiza em torno de uma personagem remanescente da Revolução pernambucana de 1817, ao tempo da Revolta dos cabanos (1835-1840). Martins depreende que o conto censura a violência e a ignorância dos revoltosos e acusa a exploração econômica dos portugueses sobre os brasileiros. Quanto à “A quadrilha do Jacó Patacho”, Vicente Salles comenta a incursão à literatura de um notável cangaceiro das águas, à época da Cabanagem.

Sylvia Perlingeiro Paixão, na “Introdução” da segunda edição de Contos amazônicos, em 1988, aconselha que não se pode afiançar um discurso de Inglês de Sousa em defesa do povo amazônico, no sentido de despertar as consciências para uma região afastada dos grandes centros urbanos, promovendo mudanças sociais. O olho observador escreve a realidade sem segundas intenções a não ser a de descrever os fatos, sem que a subjetividade prejudique o real. No ponto de vista de Sylvia Perlingeiro Paixão, Inglês de Sousa tinha a preocupação em realizar um texto engajado de modo a formar uma consciência revolucionária, os contos com temas relacionados à história brasileira “denunciam o descaso do governo nacional, do Império e da primeira República, com a região amazônica”.<sup>152</sup> Quanto da publicação da terceira edição de os Contos Amazônicos. Olivieri reconhece que, nestes contos, Inglês de Sousa exhibe seu entendimento sobre sua realidade nacional, seu humanismo libertário, e também apresenta aguçada críticas sobre as mazelas brasileiras, além de sua surpreendente disposição junto às vítimas históricas, tendo sido ele participante da elite econômica e política da época.

A atenção sobre os contos de dimensão mítico-lendária é mais limitada do que sobre os contos de matiz histórico. O jornalista Antonio Carlos Olivieri, na resenha referida, entretanto, explana sucintamente os fundamentos da estilística dos contos.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> OLIVIERI, Antônio Carlos, na resenha “Resgate de um pioneiro da literatura regionalista no Brasil”, no *Jornal do Brasil On-line* (2 de outubro de 2004),

<sup>153</sup> A linguagem dos nove textos que compõem o volume é objetiva e bastante concisa, caracterizando-se por uma oralidade simpática e extremamente adequada, pois os contos reproduzem “causos” que diversos narradores estão trocando entre si, numa espécie de sarau narrativo, que o leitor vai presentindo por pequenas indicações dadas pelos próprios narradores, a partir do segundo conto do volume. OLIVIERI, Antônio Carlos, na resenha “Resgate de um pioneiro da literatura regionalista no Brasil”, no *Jornal do Brasil On-line* (2 de outubro de 2004),

No conto “A feiticeira” A oralidade, por sinal, atinge seu ápice no conto “O gado do Valha-me Deus”, que tem por narrador um vaqueiro, o Domingos Espalha, cuja sintaxe cheia de idas e voltas e rico vocabulário popular e regional evocam pioneiramente a linguagem do Riobaldo de Grande sertão: veredas, segundo o articulista mencionado.

Além dessa requintada elaboração estilística, em termos de linguagem literária, também cabe observar o brilhantismo com que Inglês de Sousa maneja o gênero conto. Comparando os gêneros literários às lutas de boxe, Cortazar afirmava que o romance se assemelha às lutas que devem ser vencidas por pontos, enquanto o conto deve se assemelhar àquelas que são vencidas por nocaute. De fato, é inegável que os grandes contos têm mesmo uma espécie de punch, deixando o leitor atordoado ou estupefato ao concluir a leitura.

De acordo com Lucia Miguel-Pereira, A narrativa, no esplendido “Acauã” e no “Baile do judeu” é feita com arte segura, aproveitando lendas locais para dar um prolongamento misterioso a fatos reais — ou verossímeis.

As narrativas que acolhem as crenças dos caboclos amazônicos promovem entendimentos equivocados sobre críticos de Inglês de Sousa. Massaud Moisés, que considera a dimensão regionalista mais relevante no plano dos contos, considera “estapafúrdio” um episódio em “O baile do judeu”. As informações deste conto agregam elementos que todo ribeirinho amazônico conhece sobre a lenda do Boto; nada há neste conto que se desvie das variantes acerca dos casos da aparição em uma festa de um jovem sedutor vestido de branco, com chapéu de modo a esconder a cabeça com furo no centro.

A obra de Inglês de Sousa, sempre definida pelos historiadores literários como construção de paisagem dispare em confronto com a tradição narrativa regionalista, em Sylvia Paixão encontram-se comentários com pouca afinidade sobre a realidade dos contos. A autora soma raros casos e sugere em um parágrafo o que seria uma freqüência nas histórias, com alguns excessos.<sup>154</sup>

---

<sup>154</sup> Infinitudes de aves são descritas através de um vocabulário de grande riqueza regional; plantas exóticas, estranhos costumes aparecem com coloridos vivos. Além de belezas, essas descrições suscitam a curiosidade, o interesse pelo diferente, pelo desconhecido, pelo excêntrico. Penas negras, bicos amarelados, caudas avermelhadas voam pelas páginas dos contos, sugerindo

As aves aparecem [...] “sem bicos amarelados” ou “caudas avermelhadas”. Em “Acauã”, a ave sombria se presentifica apenas pelo canto. Os narradores dos contos não apelam ao discurso marcadamente localista, nem há eloqüência na voz narrativa à descrição da natureza. Quanto aos costumes, cada lugar no mundo tem sua particularidade, assim os costumes dos caboclos amazônicos, como os das regiões menos cosmopolitas, obviamente são estranhos a um estrangeiro. Desse modo, o exotismo e a curiosidade, traçam o perfil da região amazônica, mencionando as atividades mais características no momento, como as plantações de cacau, o cultivo da cana de açúcar, assinalando sutilmente o hábito que tinham os moradores de beberem muita cachaça, conforme, na realidade, se queixavam alguns governantes da época.

A figura do herói romântico transmuta-se na do herói simplesmente, o homem como objeto das forças naturais a ele imposta numa região rica de motivos físicos e míticos para tal. Moisés quanto a outras narrativas, porém, como “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O gado do Valha-me-Deus”, o fantástico primitivo, em tensão com os valores civilizados, é verossímil e forte. Sem ser um contista de mão cheia, Inglês de Sousa, consegue equilíbrio na condução dos enredos e na descrição da natureza, marcada agora por sinais de comedimento quase poético.

Em todos os contos, a preocupação do autor não está em descrever estados de alma, concentrando-se mais em mostrar o caráter dos personagens, através da ação exterior dos mesmos. As cenas são descritas como se de fato estivessem acontecendo num palco, onde atores se mostram para uma platéia, sem a interferência do olho indiscreto de [...] um narrador [...] que porventura pudesse influenciar o espectador-leitor. Como podemos ver em “Acauã”, “Amor de Maria”, “O baile do Judeu” sobre a interpretação, demonstrando uma grande objetividade na análise dos fatos.

E a região da Amazônia, na verdade, a autora, a escritora; os ficcionistas maiores, que se esconde por trás de um autor que obedece, fascinado, à imposição naturalista de narrar o que lhe é dado ver e observar. É a Amazônia quem fala no silêncio das matas, no grito estridente das aves, compondo um quadro de estranhos

contrastes.<sup>155</sup>

As nove histórias que compõem o volume poderiam ser consideradas quase como crônicas de costumes da época. Personagens típicas da sociedade de Óbidos, no Pará, desfilam nas páginas do livro, ilustrando a vida social e política da época, embora não seja isto a principal característica da obra de Inglês de Sousa.

A influência do pai marca a formação do escritor. A profunda vivência e experiência de Marcos Antônio Rodrigues de Sousa não transparece, porém, de forma clara e decisiva, na sua obra. Teria sido o bacharel que tudo fez para livrar o tapuio Pedro do recrutamento forçado, o “Voluntário” apanhado a muque para lutar nos campos da guerra do Paraguai. O conto “O voluntário” é um protesto e uma denúncia. Marcos Antônio Rodrigues de Sousa bem poderia ter sido personagem de fatos reais transpostos para a ficção. O romancista também usou, sem dúvida, a figura do avô, capitão Silvestre José Rodrigues de Sousa, no conto “O donativo do Capitão Silvestre”. Outro parente, o padre José Nicolino de Sousa entra em suas aventuras missionárias, conversão dos gentios e busca dos lendários campos gerais, na composição do padre Antônio de Moraes, de *O missionário*, cruzando com fatos reais e recentes na história religiosa no Baixo Amazonas, época da questão dos bispos e da construção do navio-igreja Christophoro, quase delírio catequético apostólico de D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará.

O principal motivo dos aplausos, entretanto, é o valor histórico e literário dos *Contos Amazônicos*, um livro injustamente colocado em plano secundário pelos críticos e historiadores da literatura brasileira. Quando se fala na obra de Inglês de Sousa, menciona-se principalmente quando não de modo exclusivo — o romance *O Missionário* 1891, devido ao fato de ele se inserir no estilo de época predominante no Brasil da segunda metade do século XIX.

---

<sup>155</sup> [...] regionalismo de Inglês de Sousa, cujos contos procuram fixar o homem na paisagem amazônica, surpreendendo e apreendendo suas lutas e fraquezas em meio a um ambiente natural propício ao nascimento de deuses e demônios, de heróis e anti-heróis. E esta região hostil, exóticas, impregnadas de mistérios, lendas e mitos, que constrói a realidade do habitante da Amazônia, transformado em personagem fictício, mas com um destino sombrio, o que, se de alguma forma, caracteriza o Naturalismo, é também o reflexo de todo esse contexto onde habita o caboclo, o tapuio, o cabano. PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução In: SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. Rio de Janeiro: Martins Fontes. 2004. p. 26.

### 4.3. Estudo do Conto “A quadrilha de Jacó Patacho”

O conto a ser analisado é “A quadrilha de Jacó Patacho” que estabelece a ligação entre portugueses e paraenses, retratada como pouco amistosa. O conto trata da invasão da quadrilha de Jacó Patacho a aldeias ribeirinhas, com a dizimação da população. Neste caso, especificamente, os contos em análise “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde” nos desvendam a história paraense e suas lutas através do movimento cabano.

A linguagem dos nove textos é objetiva e bastante concisa, caracterizando-se por uma oralidade simpática e extremamente adequada, pois os contos reproduzem “causos” que diversos narradores estão trocando entre si, numa espécie de sarau narrativo, que o leitor vai pressentindo por pequenas indicações dadas pelos próprios narradores:

A sora Maria continuou a mostrar-se apreensiva. Muito se falava então nas façanhas de Jacó Patacho; nos assassinatos que o miúdo cometia; casos estupendos se contavam de um horror indizível: incêndios de casa depois de pregadas as portas e janelas para que não escapassem à morte dos moradores. Enchia as narrativas populares a personalidades do terrível Saraiva, o tenente da Quadrilha cujo não se pronunciava sem fazer arrepiar as carnes aos pacíficos habitantes do Amazonas<sup>156</sup>.

Para Lucien Goldmann<sup>157</sup>, se toda a atividade cognitiva é uma construção e se toda a linguagem é essencialmente criativa, os usos não literais não constituem problema especial. Isto porque a linguagem metafórica requer mais criatividade que a linguagem literal. A metáfora funciona como um convite para explorar o novo domínio de um predicado. Daí o seu papel criativo.

Muitos casos são comentados a respeito de como os caboclos vivem “de acordo com a natureza”. Isto é errôneo e merece nossa atenção. Vive o caboclo, como todo ser humano, de acordo com sua cultura. Não existe, entre os seres-

---

<sup>156</sup> SOUSA. Inglês de. “A Quadrilha de Jacó Patacho”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 102-103.

<sup>157</sup> GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. 3. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

humanos, maneira natural, instintiva ou inata de interagir com o meio ambiente. Toda a ação humana altera o estado natural dos materiais para melhor aproveitá-los e, assim, imprime à natureza as marcas características de uma determinada cultura.

O espaço das vilas<sup>158</sup> é o local mais ou menos fixo composto pelo conjunto de residências familiares. Não há modelo único para as vilas para o número de pessoas que as habitam, para o tempo em que permanecem num mesmo local. Em relação às habitações, também são muito variados os modelos das construções, a forma como são dispostas e o número de famílias que residem nelas. Temos que ter em mente que a arquitetura, os espaços das casas, os detalhes de construção e o traçado das vilas, não visam simplesmente suprir necessidades elementares e práticas de moradia e conforto, mas como tudo o mais, podem envolver explicações de ordem mítica e sobrenatural e implicam em considerações gerais sobre o mundo e sobre o espaço que homens, mulheres e crianças ocupam neste mundo:

A sua voz nervosa repercutiu como um brado de suprema angústia pela modéstia casinha, e o eco foi perder-se dolorosamente, ao longe, na margem do rio, dominando o ruído da corrente e os murmúrios noturnos da floresta.<sup>159</sup>

A culinária amazônica ou nortista, de influência cabocla, utiliza os peixes de água doce da bacia local, como pirarucu, tucunaré e tambaqui. Característicos dessa área é o pato ao tucupi, refogados e sopas de carne de tartaruga, caldeirada de peixe, tacacá e açáí, como o conto nos remete:

Terminara a ceia, composta de cebola cozida e *pirarucu* assado, o velho Salvaterra dera graças a deus pelos favores recebidos; a *sora* Maria dos prazeres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas; a Anica enfiava

---

<sup>158</sup> Lembremos aqui que vila refere-se a local de habitação, como os nossos termos cidade ou bairros, e não se confunde com povo ou etnia. A não ser povos com populações muito reduzidas que podem se concentrar inteiramente numa única vila, o mais comum é que cada grupo encontre-se dividido em várias vilas. Há vilas, por outro lado, que concentram pessoas provenientes de várias etnias. (ARRUDA, Misanira Freire de. *O Caboclo e o Direito de Ser Diferente pela Linguagem: estudo de uma comunidade da várzea em Santarém – Pará – Brasil*. Universidade Fernando Pessoa, 2000, p. 51.)

<sup>159</sup> SOUSA. Inglês de. "A Quadrilha de Jacó Patacho". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 109.

umas contas destinadas a formar um par de braceletes, e os dois rapazes, espreguiçando-se conversavam em voz baixa sobre a última caçada.<sup>160</sup>

Se no romance uma escolha mais apurada pode dar melhor idéia de concretude à personagem, através da descrição de suas características físicas, da definição de seus principais traços psicológicos, da enumeração dos objetos a rodeá-lo e pela maneira como ela reage a determinadas situações ou circunstâncias.<sup>161</sup> Os limites de representação da realidade são ainda mais diminutos e pretendem outra forma de atuação:

Então, dois caboclos aparecem no círculo de luz projetado fora da porta pela candeia de azeite. Trajavam calças e camisas de riscado e traziam na cabeça grande chapéu de palha. O seu aspecto nada oferecia de peculiar e distinto dos habitantes dos sítios do Tapajós.<sup>162</sup>

Alguns críticos afirmam que leitores menos preparados muitas vezes confundem a diferença entre os gêneros e põe-se a exigir a mesma completude das personagens do romance para com o conto. Nada mais apressado e errôneo. Para começar, o conto, como meio moderno por excelência, atribuiu para si — além da concisão característica — a tensão e intensidade como valores máximos a serem atingidos. Dessa forma, um conto nunca trata de mais de um tema, ao passo que no romance é comum o entrelaçamento de vários.

Os contos, como aconselham todos os seus cultuadores, deve prender o seu leitor de modo que este tendo principiado a leitura só a abandone no término da narrativa. Para atingir esse objetivo, o escritor deve buscar eliminar todos os elementos intermediários, recheios e explicações, favorecendo sempre a continuidade da ação em estado bruto. Assim se consegue o que chamamos de

---

<sup>160</sup> SOUSA. Inglês de. "A Quadrilha de Jacó Patacho". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 102.

<sup>161</sup> Os dois jovens se haviam aproximado um do outro com familiaridade e conversavam com amigos velhos. Havia-se dado uma reação nos seus corações. Falavam do outro tempo, das festas a que tinham ido juntos, alegres, vivos, retouçando-se pelos cacauais vizinhos, das filhas do José Lopes, do Paranairim, do velho capuxo e de quantas coisas e pessoas de lembravam. SOUSA. Inglês de. *O Coronel Sangrado*. Belém: UFPA, 2003. p. 120.

<sup>162</sup> SOUSA. Inglês de. "A Quadrilha de Jacó Patacho". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 103.

intensidade. A tensão é o que complementa a intensidade na sustentação do interesse do leitor de contos e pode ocorrer de duas maneiras: 1ª **Pela forma**: quando o arranjo poético e a escolha das palavras em cada frase criam um clima de surpresa e tensão. 2ª **Pelo sentido**: quando o encadeamento das idéias e significados das palavras dão novos rumos ao enredo da história<sup>163</sup>.

O mesmo não acontece no romance. As digressões não comprometem o todo e imprime-se uma série de artifícios que adiam ou preparam estados de tensão, fundamentais para dar relevo a um capítulo ou trecho específico. Afinal, o formato do romance, por ser mais longo, permite menor intensidade e uma leitura descontinuada.

Então, é fácil deduzir que é por necessidade que a personagem do conto não se constrói nas mesmas bases observadas nos demais gêneros. A descrição dos aspectos físicos, a psicologia e o proceder que as compõem podem ser meramente esboçados, se essa for a condição para se obter o que o contista almeja enquanto trabalho artístico. De igual modo, pode ocorrer que somente uma dessas características surja evidenciada no texto, pois sua dependência ao assunto faz-se vital para o êxito da obra.

A designação que damos à forma narrativa de menor extensão e que se diferencia do romance e da novela não só pelo seu tamanho, mas também por possuir características estruturais próprias. Ele possui os mesmos componentes do romance, mas evita análises, complicações do enredo e o tempo<sup>164</sup> e o espaço<sup>165</sup> são muito bem delimitados. “O conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia das personagens nem nas motivações de suas ações.” “O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e um só

---

<sup>163</sup> Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma luta horrível entre aqueles tapuios armados de terçados e de grandes cacete quinados de *maçaranduba*, e os três portugueses que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça, que, depois de descarregadas, serviram-lhes de formidáveis maças. (SOUSA. Inglês de. "A Quadrilha de Jacó Patacho". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 112).

<sup>164</sup> Quando passei com o meu tio Antônio, em junho de 1832, pelo sítio de Félix Salvaterra, o lúgubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumeeira um bando de urubus secava as asas ao sol, chamou-se à atenção; uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. (SOUSA. Inglês de. "A Quadrilha de Jacó Patacho". *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 112).

<sup>165</sup> Sobre o chão úmido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadáveres, quase totalmente devorados pelos urubus, enchiam a atmosfera de emanações deletérias. Era medonho de ver-se. (Idem. "A Quadrilha de Jacó Patacho". *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 112).

personagem principal, contém um só assunto cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão.

A Cabanagem foi um movimento popular que eclodiu na província do Grão-Pará no período de 1835-1840, este foi o único movimento popular do Brasil em que as camadas mais pobres conseguiram alcançar o poder. O movimento era heterogêneo formado por diferentes grupos sociais desde cabanos, nome dado à população mais pobre da região que moravam em cabanas, até as classes altas, como fazendeiros, religiosos e intelectuais. Os motivos da *Cabanagem* consistiam principalmente na condição social da população mais pobre da região e o autoritarismo de governos enviados pelo império.

Em ambos os momentos ocorreram à consagração de uma determinada memória da *Cabanagem* eleita por um grupo vivo, criando-se lugares de memória para perpetuação desta memória. A preocupação ao se realizar as comemorações teria sido muito mais político-ideológica do que propriamente histórica.

#### **4.4. Estudo do Conto “O Rebelde”**

O valor literário e histórico de os *Contos Amazonicos* é extraordinário. Não se trata apenas da glorificação do passado de uma região contado em forma de contos perfeitos, numa linguagem lapidar . É mais. É o registro de um tempo que transfigurou a história de uma região tão sofrida.

No conto “O rebelde” trata sobre o entrelaçamento afetivo entre um menino descendente de portugueses e um simpatizante da Cabanagem, momento de trégua em meio à sangrenta luta. Em função deste conto, pode-se dizer que há o estabelecimento de um liame entre as duas nações em conflito (portuguesa e brasileira).

Seu posicionamento no volume está entre as páginas (114 – 166), que com o prolongamento das cenas que existente no conto, faz com que a crítica se posicione contrária a forma dada ao mesmo, sendo que o mesmo é vista como uma novela e não um conto, por seu grande cenário narratório que, foi dividido em (09) tomos.

Os Espaços onde discorreram as cenas dos contos podem situar Mapa anexo pagina 148).

Nos contos as emoções humanas são compactas: o amor, o ódio, a ambição, a inveja, a cobiça, a vaidade, a coragem. Essa coletânea sintetiza o embate eterno entre o homem e a natureza, entre o fatalismo do destino e a força do livre-arbítrio, entre a demanda de absoluto que norteia os espíritos elevados e o limite de nossa condição humana. Difícil acreditar que outra pessoa tenha sabido expressar melhor o contraste entre o indivíduo e a grandeza do universo do que a que escreveu o conto de numero *O Rebelde*, de inglês de Sousa:

Não pude escapar ao influxo das idéias romanescas que me enchiam o cerebro e me exaltava a imaginação. Naquela hora tremenda, em que ia talvez decidir-se da minha vida e da sorte da minha mãe, senti-me transportado para o mundo ideal, de pura fantasia, mas que me afigurava presente e tangível e superexcitando-me os nervos colocava-me acima de qualquer receio e indiferente a tudo a que me fosse saçar os olhos e a imaginação naquele espetáculo extraordinário.<sup>166</sup>

Devemos lembrar ainda que, além de sua importante obra poética e de sua vasta colaboração com a imprensa, principalmente a paulista, Inglês de Sousa foi um romancista que abraçou varias causas de caráter nacionalista, uma experiência vasta na área da política, financeira e jornalista. Na literatura suas obras se encaixam dentro de um caráter regionalista com ênfase ao amor e a natureza.

Tratando de um *corpus* que abrange história de um pescador e o missionário, a idéia de uma evocação da Amazônia cimenta a unidade da novelística inglesiana, sob o subtítulo *Cenas da vida do amazonas*. “Nesse conjunto, o missionário seria o ultimo desses estudos, e só desenvolvimento se avantajas ao *Cacaulista* e ao *Coronel Sangrado*, que formam afinal um romance único”.<sup>167</sup>

De acordo com Roland Barthes, mestre no estudo da narrativa, "a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades,

<sup>166</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 145.

<sup>167</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: INL/ MEC, José Olympio, 1973.p. 159.

começa com a própria história da humanidade; é fruto do génio do narrador ou possui em comum com outras narrativas uma estrutura acessível à análise".

Nós, em Pernambuco, nos rebelamos por uma ideia grandiosa, ideia que ficou afogada em sangue, mas não morreu, há de surgir mais tarde ou mais cedo. A igualdade das raças há de ser proclamada, assim como o foi a Independência de nossa pátria, pela qual morreram, em 1817, os meus valentes chefes. Dos dois fins que a rebelião de Pernambuco tinha em mira, um já se conseguiu, ainda que incompletamente. O outro... Não há de tardar o dia da redenção dos cativos. Mas os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes, porque invejam a prosperidade dos brancos<sup>168</sup>.

No conto inglesiano "O Rebelde", podemos observar que a ação da narrativa é constituída por um número variável de sequências, ou seja, segmentos narrativos com princípio, meio e fim, e que podem aparecer articuladas a partir de modelos, tal como: alternância, em várias histórias ou sequências vão sendo narradas alternadamente, em primeira pessoa. Assim como podemos observar

O que se passou então foi coisa tão estupenda que, narrando-o após decurso de tantos anos, receio não ser acreditado. Eu vi aquela multidão de bandidos humilhar-se ante um homem desarmado. Vi os cabanos, os fanáticos caboclos que nada respeitavam, tremeram diante daquele velho alquebrado pêlos anos e murmurarem desculpas<sup>169</sup>.

Domingos Raiol, ao tratar da temática *motins* em uma de suas obras relata que aqueles ocorridos na Província do Grão Pará durante a década de 1820 e 1830, o autor recorre novamente ao marco da Revolução Francesa. Por sua ótica, a chamada "fase do terror" foi o resultado do "ódio das massas populares", suscitando o espírito de anarquia que levaria aos atos de violência cometidos pêlos líderes revolucionários. Revelando ao máximo sua intolerância com as que chamou "classes ínfimas da sociedade" faz o seguinte comentário sobre as classes populares envolvidas na Cabanagem:

---

<sup>168</sup> SOUSA. Inglês de. *Op. cit.*, p. 160.

<sup>169</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 149.

Homens de Ínfima classe social, sem educação nem moralidade, dados em sua maioria à embriagues e privados de discernimento, deixavam-se arrastar pêlos instintos de ferocidades e não estremeciam diante dos maiores atentados! Os seus intitulados chefes não tinham força moral para contê-los, nem se distinguiam por melhores sentimentos e dotes naturais, pelo que se faziam coniventes com os próprios subordinados. E em tais condições é de prever quantos desvarios não seriam eles capazes no domínio do terror em que viviam!<sup>170</sup>

A partir da diferenciação no interior das classes populares da sociedade paraense entre *povo e ralé*, o autor Raiol creditou à última, onde residiam elementos das "camadas ínfimas da população", as ações mais violentas, os atos irrefletidos e destituídos de conotações políticas. Daí a seguinte comparação dos atos das massas rebeldes cabanas:

É geralmente conhecido o conceito público sobre os promotores da célebre *cabanada* e dos processos instaurados na província pêlos crimes a que a mesma deu origem, consta que eles assaltavam as povoações como verdadeiros vândalos, sem nenhum fim político; entravam arrombando portas, invadindo casas, roubando o que achavam de melhor, castigando as mulheres com chicotes e palmatórias, assassinando os homens brancos que encontravam, a pretexto de serem maçons, caramurus e bicudos, praticando em uma palavra toda a sorte de malfeitorias e crueldades.

Nessa e em outras passagens, Raiol assinala que as sublevações populares são sempre o resultado das ações de classes superiores sobre grupos subalternos, os quais em sua ótica são naturalmente obedientes às leis e ao governo. Identificamos o mesmo teor em Inglês de Sousa, quando:

(...) Matias Paxiúba governa desde Óbidos até ao rio do Ramos. Pra baixo quem manda é o Pau-Ferro e no mar é Jacó Patacho<sup>171</sup>.

Tive ímpetos de repelir com indignação o conselho, mas o medo foi mais forte do que o filho de Guilherme da Silveira.

<sup>170</sup> RAIOL, Domingos António. *Motins Políticos*. Belém: UFPA, 1970. v. 1, p. 7.

<sup>171</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 152.

Calei a raiva e escondia a perturbação atrás de um esteio da varanda<sup>172</sup>.

Tendo em vista o teor dos trechos apresentados, constatamos uma tensão permanente no discurso em relação aos diferentes segmentos sociais implicados nas agitações políticas por ele narradas.

Antes apresentados como personagens algozes da história, os cabanos ressurgem em "O Rebelde" como vítimas do poder discricionário dos legalistas, revelando um ponto-de-vista ambíguo do autor, a princípio favorável às ações militares de repressão contra os rebeldes da Cabanagem.

Ainda assim, a visão de mundo expressa em seu discurso o situa como um *historiador de seu tempo*. Sua concepção da história dos movimentos sociais prende-se a noções universalizantes, compreendendo-os através de leis de funcionamento da sociedade, uma influência indireta da obra de Taine sobre a Revolução Francesa.

Contudo, assinalamos aparentes contradições em seu discurso quanto à visão que possuía sobre o comportamento violento das massas populares.

Na IX FEIRA PAN-AMAZÔNICA DO LIVRO, ocorrida no dia 24 de setembro de 2005, em palestra a pesquisadora Amarilis Tupiassú palestrou sobre o conto "O Rebelde", destacando o personagem Paulo da Rocha, que, fugido da insurreição de Pernambuco, se instala em Vila Bela, atual Óbidos, um dos palcos da Cabanagem, e sofre todo tipo de desconfiança da população local. Ele se recusa a lutar contra os cabanos, pois, em certo sentido, se considerava um deles.

Paulo da Rocha era pernambucano e fora um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel do Capitão Domingos José Martins, o espírito-santense<sup>173</sup>

Diziam as velhas mexeriqueiras, sentadas à soleira da porta por noites de luar, que ao bater da meia-noite via-se vagas pelas ruas a alma do pernambucano, a purgar culpas

---

<sup>172</sup> *Idem, ibidem*, p. 153.

<sup>173</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA. 2005. p. 114.

passadas. As crianças fugiam à presença do velho, e os matutos benziam-se quando o viam passar curvado sob o peso da meditação constante, ou de algum desgosto indefinido, arrimado no seu bastão de maçaranduba, com o crânio, a meio despido, exposto ao raio do sol<sup>174</sup>.

Para Amarilis Tupiassú, Paulo da Rocha se configura como um herói cabano. Na classe dos anti-heróis, segundo ela, está o personagem João Patacho do conto "A Quadrilha de João Patacho". Nesse conto, os personagens matam, saqueiam, cometem todo tipo de atrocidades, sob o comando de João Patacho.

Impera o banditismo. Nesse período a revolta está sem líder. Os três presidentes do movimento cabano ficaram no poder entre 1835 e 1836. Depois disso a população tomou as rédeas da revolta.

Amarilis Tupiassú disse ainda que na Cabanagem sempre há uma parte "que não entendemos muito bem. É uma parte que se interliga com as questões sociais de hoje", analisou.

Assim como para Pinon Frias, em sua obra *Amazônia a nação alienada* a história não relata com transparência os acontecimentos ocorridos pelo movimento da Cabanagem, de acordo com:

Com o fim da cabanagem, a Amazônia foi definitivamente incorporada ao Brasil e sem direito de resgatar seu passado histórico, sua língua falada e seus verdadeiros costumes. E desde então, a Amazônia tem sido o almoxarifado e a colônia dos brasileiros, e nos dias de hoje, também das multinacionais<sup>175</sup>

Em sua fala de encerramento Amarilis Tupiassú deixou uma interrogação que persiste na análise da Cabanagem. "Afinal o que foi a Cabanagem? Um movimento libertário de Portugal? Um anseio de uma classe que era submetida a todo tipo de desmando por parte da Regência? A Revolta de uma população que se encontrava em profunda miséria? Ou uma luta de brasileiros contra portugueses?"

---

<sup>174</sup> *Idem, ibidem*, p. 115.

<sup>175</sup> FRIAES, Pinon. *Amazônia: a nação alienada*. Belém: MGM, 2004. p. 46

Dentro deste questionamento da pesquisadora Amarilis Tupiassú, ressaltamos que a *Quadrilha de Jacó Patacho* narra em suas impressões que se tinha da Cabanagem, bem como "descreve" o ataque do grupo de Cabanos a família do português Felix Salvaterra. Somente duas mulheres, a professora Maria dos Prazeres e D. Anica, escaparam da morte, e, ao que tudo indica, a D. Anica é a única testemunha que contou a estória ao narrador:

A Anica tocara em partilha a Jacó Patacho, e, ainda o ano passado, a velha Ana, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os cruéis tormentos que sofrera em sua atribulada existência<sup>176</sup>.

Então, a Cabanagem, movimento que ocorreu na província do Grão-Pará, entre os anos de 1835 e 1840, pode ser vista como um prosseguimento da Guerra da Independência na região.

É consenso entre a maioria dos estudiosos apontar 1835 como o ano que inicia a Cabanagem. Este fato merece uma avaliação mais acurada, pois há outras obras literárias que apontam fatos "cabanos" anteriores à data usualmente delimitada, como é o caso de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo.

Quanto a essa questão das datas, devemos salientar que *O Rebelde* também tem seus principais episódios ocorridos nesse ano de 1832.

Desde a emancipação política, em 1822, a Província do Grão-Pará, vivia um clima agitado. Isolada do resto do país, era a parte mais ligada a Portugal. Declarada a Independência, a Província só foi reconhecê-la em agosto de 1823. A adesão ao governo de D. Pedro I foi penosa e violentamente imposta. Administrada por Juntas governativas que se apoiavam nas Cortes de Lisboa, os habitantes da Província já estavam acostumados a ver todos os cargos públicos e recursos económicos nas mãos dos portugueses.

A Independência não provocara mudanças na estrutura económica nem modificara as péssimas condições em que vivia a maior parte da população da região, formada por índios destribalizados, chamados de tapuios, índios aldeados, *negros forros* e escravos e mestiços. Dispersos pelo interior e nos arredores de

---

<sup>176</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 113.

Belém, viviam marginalizados em condições miseráveis, amontoados em cabanas a beira dos rios e igarapés e nas inúmeras ilhas do *estuário* do rio Amazonas. Essa população conhecida como "cabanos", era usada como mão-de-obra, em regime de semi-escavidão, pela economia da Província, baseada na exploração das "drogas do sertão" (cravo, pimenta, plantas medicinais, baunilha), na extração de madeiras, e na pesca.

A situação da Província do Grão-Pará era, portanto, favorável ao surgimento de movimentos que expressavam a luta de uma maioria de índios, mestiços e escravos, contra uma minoria branca formada, principalmente, por comerciantes portugueses. Essa minoria concentrava-se em Belém, cidade que na época abrigava cerca de 12 mil moradores dos quase 100 mil que habitaram o Grão-Pará. Entre 1822 e 1835 a Província passou por momentos de intranquilidade. No interior e na capital ocorreu uma série de levantes populares, que contaram com a adesão dos soldados da tropa, descontentes com o baixo soldo, com o poder central e com as autoridades locais.

A abdicação de D. Pedro I teve reflexos violentos no Grão-Pará. Sob a liderança do cônego Batista Campos, os cabanos depuseram uma série de governantes nomeados pelo Rio de Janeiro para a Província. Além disso, exigiam melhores condições materiais e a expulsão dos portugueses, vistos como os responsáveis pela miséria em que viviam.

Segundo o historiador Caio Prado Júnior, "é neste governo que propriamente se inicia a revolta dos cabanos." Logo após ser empossado, Lobo de Sousa iniciou uma violenta política repressiva. Perseguiu, efetuou prisões arbitrárias e deportações em massa. No entanto, foi o recrutamento para o Exército e a Armada imperiais, medida extremamente impopular, que precipitou uma rebelião generalizada. O recrutamento permitiu que fossem afastados os elementos considerados "incômodos" ao governo da Província. Para Domingos António Raiol, contemporâneo dos acontecimentos, a política de Lobo de Sousa conseguiu eliminar aqueles que "eram conhecidos por suas doutrinas subversivas, que pregavam e inoculavam no seio da população e que ameaçavam a ordem pública pela influência perigosa que exerciam entre as massas."

As atrocidades cometidas pêlos cabanos são postas em destaque nos textos inglesianos, porém a História Oficial aponta fatos cruéis de parte a parte, seja do lado dos "rebeldes", seja do das forças "legalistas", assim em Domingos António

Raiol, *Motins Políticos* temos:

A bárbara guarnição do navio, que presenciava tudo isto [o desespero dos prisioneiros devido à falta de ar e água], e que com um sorriso infernal comprazia-se de ver aquela horrorosa cena de desesperação e furor, dirigiu alguns tiros de fuzil para o porão e derramou dentro uma grande porção de cal, cerrando-se logo a escotilha e ficando o porão hermeticamente fechado, a pretexto de que por este meio atroz se aplacaria o motim, e os presos ficariam sossegados. Por espaço de duas horas ainda se ouviu surdo e agonizante<sup>177</sup>.

Porém, na obra de Inglês de Sousa, são as ações dos cabanos que inspiram terror, pois:

(...) casos estupendos se contavam de um horror indizível, incêndios de casas depois de pregadas as portas e janelas para que não escapassem à morte os moradores<sup>178</sup>.

Todo o desespero da situação em que se achava apresentou-se claramente à inteligência da rapariga. Saltar pela janela e fugir, além de impossível, porque a claridade da lua a denunciaria aos bandidos, seria abandonar seus pais e irmãos, cuja existência preciosa seria cortada pelo punhal dos sicários de Patacho (...) A donzela ficou algum tempo indecisa, gelada de terror, com o olhar fixo nas árvores do porto, abrigo dos bandidos<sup>179</sup>.

A História narra que a revolta se alastrou pelo interior da Província. Os cabanos receberam o apoio dos irmãos António e Francisco Vinagre, lavradores do rio Itapicuru do seringueiro Eduardo Nogueira Angelim, e do jornalista do Maranhão Vicente Ferreira Lavor, que, através do periódico *A Sentinela*, propagava as ideias revolucionárias. À medida que o movimento avançava, os revoltosos se dividiam: a

<sup>177</sup> RAIOL, Domingos António. *Motins Políticos*. Belém: UFPA, 1970. v. 1, p. 51.

<sup>178</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 80.

<sup>179</sup> *Idem, ibidem*, p. 109.

ameaça de radicalização fez com que muitos se retirassem temendo a violência das massas populares, enquanto outros, como o cónego Batista Campos, esperavam obter as reformas que defendiam na recém-criada Assembleia Legislativa Provincial. A partir daí a elite que liderara a revolta recuou e os cabanos assumiram o controle.

Os cabanos abandonaram outra vez Belém e retiraram-se para o interior, onde resistiram por mais três anos. A situação da Província só foi controlada pelas tropas do Governo Central em 1840. A repressão foi violenta e brutal. Incapazes de oferecer resistência, os rebeldes foram esmagados. Ao findar o movimento, dos quase 100 mil habitantes do Grão-Pará, cerca de 50 mil, 30% da população, havia morrido em incidentes criminosos e promovidos por mercenários e pelas tropas governamentais.

Chegava ao fim a Cabanagem que, segundo o historiador Caio Prado Júnior, "foi o mais notável movimento popular do Brasil... o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder de toda uma província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação, da falta de continuidade que o caracteriza, fica-lhe contudo a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou da simples agitação para uma tomada efetiva de poder."

Afora os relatos de estupros, mortes, incêndios, destaca-se também o que o narrador de *O Rebelde* chama de "terrível correio" e a própria figura aterradora do Velho, que consistem:

(...) em amarrar solidamente aos pés e às mãos da vítima e embarcá-la assim em uma canoa que, entregue à correnteza do rio, abria água com poucos minutos de viagem. Era o suplício preferido pelos brandos, pelos que não queriam derramar sangue<sup>180</sup>.

O velho, ríspido e severo, era extremamente bondoso para comigo. Não sei que imã oculto me atraía para aquele mulato de cabeça branca, de quem meus pais não gostavam, e que inspiravam a quase toda a população da vila uma antipatia mesclada de terror. (...) A fértil imaginação amazonense fizera do antigo revolucionário um personagem misterioso, sinistro e

---

<sup>180</sup> SOUSA. Inglês de. "O Rebelde". In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 99.

perigoso, de cuja alma já estaria de posse o inimigo, ainda em vida do corpo<sup>181</sup>.

Enfim, ao contrário do que é visto em textos mais recentes, como os de Carlos Arruda, em *Cabanos*, e Mareio Souza, em *Lealdade* (1997), as narrativas de Inglês de Sousa são pouco favoráveis aos cabanos, pois expõem as marcas deixadas pelo conflito no homem amazônida.

---

<sup>181</sup> *Idem, ibidem*, p. 114.

## CONCLUSÃO

Ao introduzir-se esta pesquisa, foram propostos objetivos que aqui reiteramos:

- a) analisar a revolução de 1835, na província do Grão Pará, a partir dos contos “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”, de Inglês de Sousa;
- b) examinar a relação entre a história e literatura nos contos inglesiano;
- c) apresentar diferentes concepções sobre o movimento revolucionário da cabanagem;
- d) divulgar Inglês de Sousa como precursor da temática de assuntos amazônicos;
- e) atestar a importância da estética literária nas narrativas “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”, a partir do contexto histórico revolucionário no século XIX.

A determinação de cumprir com estes objetivos pressupôs um estudo bibliográfico, entre os quais se constituiu primeiro núcleo temático uma abordagem sobre história e literatura. Não há sociedade humana que não seja permeada por ideologias, transmutadas em discursos, com uma função modelizante das vivências cotidianas.

Então, foi preciso relacionar a temática História com o movimento da *Cabanagem*, na obra inglesiana, que ocorreu no Pará entre 1835 a 1840. De caráter fortemente popular, envolve sobretudo os moradores pobres das cidades e vilarejos ribeirinhos — os cabanos —, índios, negros e mestiços. A revolta irrompe em Belém, em 7 de janeiro de 1835, com o assassinato das duas principais autoridades provinciais, o presidente e o comandante das armas. Os chefes cabanos formam um governo revolucionário, liberado pelo fazendeiro Clemente Malcher, e anunciam a autonomia da província em relação à Regência até a maior idade de D. Pedro II.

Divergências internas, porém, provocam conflitos entre os próprios cabanos. Malcher é substituído por um líder popular, Francisco Vinagre. Em julho, tropas imperiais do Rio de Janeiro sob as ordens de Manoel Jorge Rodrigues, com o apoio de mercenários ingleses comandados por John Taylor, entram em Belém e expulsam os rebeldes.

Por isso, um outro núcleo temático foi análise literária dos contos “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”. Na narrativa toda a ação é constituída por um número variável de seqüências, ou seja, segmentos narrativos com princípio, meio e fim, e que aparecem articuladas a partir de modelos, tais como: alternância, em várias histórias ou seqüências vão sendo narradas alternadamente, em primeira pessoa, com uma relação interdiscursiva com a existência cotidiana, com o foco de interesse dirigido aos acontecimentos políticos, aos heróis, as batalhas, as guerras e aos acordos, a narrativa abrange todo aspecto de vida social, entrelaça passado e presente, busca fundamentos em vestígios arqueológicos, bibliográficos e também nas vozes da tradição oral, que a história factual silencia.

Esta dissertação apresentou um propósito de relação intertextual, no que diz respeito à História e à Literatura, a partir dos *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa. Por isso, compôs a fundamentação teórica desta pesquisa um estudo da literatura paraense, num entendimento que, entre outras possibilidades conceituação, propõe o discurso estético literário como ruptura de silenciamentos. E aqui, como forma de concluir sobre a linha-mestra da abordagem na presente pesquisa sobre Literatura é oportuno citar Coutinho, no que afirma sobre os fatos de que trata a Literatura:

Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentimento de experiências, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que

fornece um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro<sup>182</sup>.

*Contos Amazônicos* de Inglês de Sousa é uma obra situada na linha da historiografia, assim:

Em 1832, os principais habitantes de Vila-Bela eram portugueses ou brasileiros do tempo do rei velho, que se não haviam ainda familiarizado com o novo regime, e detestavam cordialmente todo e qualquer movimento contra a legalidade estabelecida, mesmo porque o receio das convulsões políticas posteriores à Independência, que ainda perduravam, os trazia em contínuos sobressaltos. No terror dos inovadores, associavam toda a idéia revolucionária às sangrentas carnificinas que desonravam o solo virgem da nova pátria<sup>183</sup>.

Naquele tempo, nada causava mais horror à gente branca do que a *Cabanagem* que começava a lançar as garras sangrentas sobre as duas margens do Amazonas. Inimigos encarniçados dos portugueses e dos maçons, os cabanos levavam a todas as povoações o morticínio e o roubo, não respeitando velhos, crianças nem mulheres<sup>184</sup>.

Finalmente, pode-se concluir que a intertextualidade História-Literatura, proposta desta dissertação, enseja um olhar mais penetrante sobre o relato histórico, fortalece os objetivos da História do cotidiano, na História não meramente factual, mas problematizadora. É a partir desta consideração que se torna importante ressaltar que Inglês de Sousa desperta, motiva a prestar atenção para o fato de que, além das instituições, como as eclesiais e as governamentais, há uma instituição maior que é a do povo paraense, os excluídos. Ambos contos, “A Quadrilha de Jacó Patacho” e “O Rebelde”, mostram o povo como a grande maioria que, em seu quase silêncio, consegue transformar, mudar, criar outros destinos para a História. São heróis que, aparentemente adormecidos, vão enunciando interrogações substanciais, revolucionárias. Mudos, cegos e surdos, na visão da História dos dominantes, são reais, fortes, persistentes, épicos, construtores, não de monumentos, de palácios e castelos, mas sim da História do cotidiano, da História em que o monumento é o povo, sem exclusões, sem fronteiras entre as “reais pessoas” e as pessoas reais.

---

<sup>182</sup> COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. RJ: Civilização Brasileira, 1978. p. 9.

<sup>183</sup> SOUSA, Inglês de. “O Rebelde”. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 114.

<sup>184</sup> *Idem, ibidem*, p. 128.

Talvez aqui esteja, então, uma recomendação aos educadores: vale-se de estratégias de intertextualidade História-Literatura, para que, com Júlia, Maria dos Prazeres e Anica, possam dirigir este olhar gnóstico à História que se faz a cada minuto o cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFRÂNIO, Coutinho, *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1996.

\_\_\_\_\_. Inglês de Sousa. In: *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1996. p. 114-115.

ANDRADE, Oswald. Dois Emancipados. In: *O Romance Brasileiro de 1752 a 1930*, Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1952, p. 175-178.

ARARIPE Júnior, Tristão de. In: *Literatura Brasileira, movimento de 1893*, Rio de Janeiro: Ed. Democrática, 1896, p. 125-130, Prólogo da 2. ed. de *O Missionário*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1889, p. 7- 40.

ARARIPE JÚNIOR. *O movimento de 1893*. Rio de Janeiro: Democrática, 1896.

\_\_\_\_\_. “Prólogo da 2. ed.” (1899). In: *O Missionário*. 4ª ed.:Rio de Janeiro Ediouro. S.d.

ARRUDA, Misanira Freire de. *O Caboclo e o Direito de Ser Diferente pela Linguagem: estudo de uma comunidade da várzea em Santarém –Pará — Brasil*. Universidade Fernando Pessoa, 2000.

BARTHES, R. “O efeito do Real” In: Todorov, T. (apres.) *Literatura e Realidade*, Lisboa: ed. Dom Quixote, 1984.

BARBOSA, Francisco de Assis. Romance Novela e Conto no Brasil, *Cultura*, Rio de Janeiro, MEC, n. 3, 1949, *Retratos de Família*, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1954, p. 143-155 (Inglês de Sousa Visto por Paulo Inglês de Sousa).

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. Prefácio da 3ª ed. de *O Missionário*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1946, p. 1-16.

\_\_\_\_\_. Inglês de Sousa — *O Missionário*, In: *O Romance Brasileiro de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro: *O Cruzeiro*, 1952, p. 167-174.

CAMPOS, Humberto de. In: *Carvalhos e roseiras*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.

\_\_\_\_\_. In: *Carvalhos e Roseiras*, 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 130-135.

CASTELO, José Aderaldo. Aspectos de Realismo-Naturalismo no Brasil. In: *Panorama*, Washington, Pan-American Union, vol.III nº 9, 1954, p. 53-55.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*; 2ª

reimpressão. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago.- Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. V.6. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968 -1971.

DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular na Amazônia*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1990.

\_\_\_\_\_. *Introdução à literatura na Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura : uma introdução*, trad. Waltensir Dutra; 5ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, E. A. G. *A leitura dialógica e a formação do leitor*. 2003, 536f. Dissertação (Dissertação em literaturas de Línguas Portuguesas — Linha de Pesquisa Literatura e Ensino) — Faculdade de Ciências e Letras, UNESP — Assis, 2003.

FREYRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. In: *Três Artigos que se completam*. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez, 1981.

FRIAES, Pinon. *Amazônia: a nação alienada/ Pinon Friaes*.— Belém. MGM. 2004.

GASPARELLO, I. V. *Escola e Literatura: Conectando os Campos — Um estudo sobre a aplicação do método recepcional*. 2001 210f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada na Área de Ensino — Aprendizagem de Língua Materna) — Universidade Estadual de Maringá, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas* LTC: Rio de Janeiro: 1989.

GIDDENS, A. *Política, Sociologia e Teoria Social*, São Paulo: UNESC, 1997.

GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. 3. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947.

ISER, W. O ato de leitura — *uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v. I.

\_\_\_\_\_. *O ato de ler — uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (1ª ed. em Alemão em 1967).

\_\_\_\_\_. *A Estética da Recepção: colocações gerais*. In: LIMA, L. C. *A Literatura e o leitor — textos de Estética da Recepção*. Seleção, coordenação e tradução de

Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 43-61.

\_\_\_\_\_. A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss. et al. ; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. IN: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor* — Textos de Estética da Recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 63-82.

JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil Brasileira — Histórias & histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática. 1994.

MARANDOLA, C. F. A Recepção da Literatura: teoria e prática da Estética da Recepção. 1980, 141f. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação em Letras e Lingüística), Universidade Nacional de Brasília.

MARQUES, Xavier. *Elogio a Inglês de Sousa*. In: *Discursos acadêmicos*, v. 5.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. v. 6. 1ª ed. São Paulo: Cultrix. 1976-1979.

MARQUES, Xavier. Elogios a Inglês de Sousa, In: *Discursos Acadêmicos*, v.5, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1963, p. 89-113.

MOISES, Massaud. *História da literatura brasileira*. V.2, (São Paulo: Ed. Cultrix, p. 311-390).

\_\_\_\_\_. *Historia da Literatura Brasileira*. v.3. 1ª ed. São Paulo: Cultrix. 1983.

\_\_\_\_\_. *A literatura Portuguesa*. São Paulo: Ed. Cultrix 1965, p. 227-296.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira — prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: INL/ MEC, José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. Inglês de Sousa. In: *Prosa de Ficção de 1870 a 1920*. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. p. 156-164.

MEDEIROS, D. F. R. de. Recepção e interpretação de J. J. Veigas. 1991, 244f. Dissertação (Mestrado em Letras).

MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MONTELLO, Josué. A Ficção Naturalista: Aluísio de Azevedo Inglês de Sousa Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha. In: *A Literatura na Brasil*. v.2, Rio de Janeiro: Sul-

Americana , 1955, p. 49-74.

NASCIMENTO, R. L. S. *A prática de leitura no curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: algumas reflexões*. 2001, 127f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada).

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia - O pensamento poético* - Organização: Maria José Campos, Editora UFMG, Belo Horizonte, 1999;

OLIVIERI, Antonio. "Porque ler o Missionário" . In: *O Missionário*. São Paulo:Ática. Série Bom Livro.

OTÁVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro:1955. Inglês de Sousa, 1º centenário de nascimento. S.l. s.d.

PAULI, M. *A travessia de Maria: Uma experiência de Leitura de Corda Bamba* de Lygia B. Nunes. 2001, 336f. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) — Faculdade de ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP- Assis, 2001.

\_\_\_\_\_. 1995. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 31-57.

PEIRANO, Mariza. *O Encontro Etnográfico e o Diálogo Teórico*. In: *Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Unb, 1992.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1998. (Fundamentos)

REGO, José Lins do. *Inglês de Sousa e os naturalistas*. In: *Autores e livros*. v. 1, n. 4-7 set. 1941.

ROCQUE, Carlos; Cabanagem: *Epopéia de um Povo*. Vol. I e II Imprensa Oficial. Belém-Pa, 1984.

\_\_\_\_\_. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL-Amazônia, 1968.

SALLES, Vicente. Introdução. In: DOLZANI, Luiz. *História de um Pescador — Scenas da vida do Amazonas*. 2. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990. (Lendo o Pará, nº 08).

\_\_\_\_\_. *Memorial da Cabanagem*. Belém: Cejup, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Negro no Pará*. Belém: NEC/SECULT, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento Político na Cabanagem*. Brasília: Micro-edição do autor, 1994.

\_\_\_\_\_. *Do Pará a Óbidos*. In: *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. 1970

\_\_\_\_\_. *II Jornada do Conto popular paraense: Narrador José Veríssimo*. Brasília: Micro-edição do autor, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os mocambeiros — Negros no baixo Amazonas*. Brasília: Micro-edição do autor, 1994.

\_\_\_\_\_. *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes*. In: *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA, 1970.

SEVCENKO, Nicolau. *A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque*. In: *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA SOBRINHO, Costa e. *Elogio a Inglês de Sousa*. 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. 8ª ed. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Farsa do Neoliberalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 8ª ed. Atualizada: 1988.

SOLÉ, I.. *Estratégias de Leituras*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1893.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, 2005.

SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado (Cenas da Vida do Amazonas)*. Belém: UFPA. Série Inglês de Sousa. 1968.

\_\_\_\_\_. *O Cacaulista (Cenas da Vida do Amazonas)*. Belém: UFPA. Col. Amazônica. Série Inglês de Sousa. 1973.

\_\_\_\_\_. *História de um Pescador (Cenas da Vida do Amazonas)*. 2. ed. Belém: FCPTN/SECULT. Série Lendo o Pará n. 8. 1990.

\_\_\_\_\_. *O Missionário*. 3ª.ed. São Paulo: Ática. Série Bom Livro. 1992.

STIERLE, K. *O que significa a Recepção dos textos ficcionais* In: *Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901-1907. 6 v.

\_\_\_\_\_. "Do Pará a Óbidos". In: *Estudos Amazônicos*. Belém; UFPA. Col. Amazônica. Série José Veríssimo. 1970a.

\_\_\_\_\_. Um romance da Vida Amazônica. In: *Estudos de Literatura Brasileira*; 3ª Série. Rio de Janeiro: H. Garnier. 1903.

\_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 237-259.

ZAPPONE, M. H. Y. *Práticas de Leituras na Escola*. 2001, 368f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) — Instituto de Estudos da Linguagem — Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática. 2004.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

De: Capitão George Daniell, Comandante do Navio de Sua Majestade Dispatch

Para: Capitão Charles B. Strong, Oficial Comandante, Barbados

Data: 31 de março de 1835

Local: Navio de Sua Majestade Dispatch, Pará

Senhor

Tenho a honra de informar-lhe que no dia 4 deste mês, dia em que minha última carta para Vossa Senhoria foi escrita, fizeram-me uma queixa de que o Presidente Vinagre, não possuindo armas suficientes para todos os seus seguidores, havia mandado confiscar, sem pagar, várias caixas de mosquetes que pertenciam a um comerciante inglês e que estavam depositadas na Alfândega. Informei o Presidente sem demora que, se persistisse com o confisco, eu seria forçado a abandonar a neutralidade que vinha observando até então, o que o induziu a determinar que a propriedade fosse imediatamente devolvida. Não se tem feito nenhuma outra tentativa de interferir com os direitos de residentes britânicos.

Encontra-se em anexo a cópia de uma carta que recebi em 8 de maio do comandante da fragata brasileira, junto com a minha resposta.

No mesmo dia, o Vice-Presidente legalmente eleito, Silva Corrêa, alcançou a fragata de Cameté e foi saudado como tal pela esquadra brasileira na manhã do dia 9.

Parece que, não obstante a declaração de Vinagre de que ele renunciaria à presidência em favor da autoridade legal a quando da sua chegada, e um convite posterior a Corrêa para vir ao Pará para tomar posse, Vinagre havia destacado uma força armada para subir o rio e prendê-lo durante sua passagem rio abaixo. Essa tentativa foi frustrada pelas embarcações da esquadra que haviam sido enviadas durante a noite para escoltá-lo.

Embora as intenções de Vinagre para permanecer na presidência fossem tão claramente manifestadas por este ato e, também, pelo fato de continuar armando os índios que eram reunidos com a expectativa de pilhagem, Silva Corrêa, além de ter o apoio da esquadra brasileira e de ter trazido consigo uma grande força de Cameté, e,

integrando a estes muitos dos habitantes da classe mais alta da cidade do Pará, continuaram a negociar com ele.

As 10h30min da manhã do dia 12, as negociações cessaram abruptamente quando um índio atirou contra um dos navios da esquadra, insulto esse que foi respondido com uma banda de artilharia da Fragata Imperatriz. Imediatamente, começaram os disparos da esquadra, todos em direção à cidade (que foram respondidos pelos diferentes fortes e peças de campo posicionadas nas ruas), o que continuou até 2 horas da tarde, causando grandes danos às casas, quando finalmente as embarcações desatracaram dos navios e realizaram um desembarque próximo ao ancoradouro do Dispatch e em frente a um grande prédio usado como alfândega e quartel, das janelas do qual se iniciou contra elas um pesado tiroteio de mosqueteria. Após uma luta rápida em que o grupo atacante foi inicialmente bem sucedido (tendo capturado as armas de seus opositores), foram forçados a recuar em meio a grande confusão e com perdas pesadas para as suas embarcações nas quais muitos deles conseguiram alcançar o Dispatch, a Escuna de Guerra francesa Bemaise e o Brigue Mercante inglês Creole que, felizmente para eles, estava mais próximo à praia.

Toda assistência foi prestada a eles e aos seus feridos (25 dos quais foram recebidos a bordo do Dispatch) e, tendo recebido curativos, foram enviados de volta a seus respectivos navios assim que puderam ser removidos em segurança, salvo três, um dos quais (um marinheiro inglês) continua a bordo com ferimentos graves.

Às 04h15min, a fragata hasteou uma bandeira de trégua e, às 5, houve um cessar fogo.

Alegro-me em dizer que nenhum residente britânico perdeu a vida, embora suas casas tenham sofrido severamente; onze balas de 18 libras foram encontradas na casa do Cônsul. O Dispatch, embora exposto ao tiroteio dos dois grupos, escapou com alguns danos insignificantes aos seus cabos causados pela mosqueteria.

No dia seguinte, tendo consultado com os ingleses e, a pedido dos cônsules estrangeiros, fui a bordo da fragata brasileira, acompanhado pelo comandante da escuna francesa e, certificando-me de que eles não eram capazes de empreender um segundo ataque, consegui persuadi-los a se afastar da cidade como a única maneira de tranquilizar a inquietação que lá existia. Às 2 horas da tarde, a esquadra inteira desceu o rio com a maré sob o fogo das baterias, sem devolver um tiro, e lançaram âncora fora do alcance da artilharia.

No dia 17, posicionaram-se ainda mais rio abaixo, algumas das embarcações menores sendo despachadas para interceptar provisões a caminho da cidade.

No dia 27, os dois Brigues de Guerra franceses, D'Assar e Cuirassier, chegaram de Brest para demandar satisfações pelo insulto sofrido pelo cônsul deles em fevereiro último, pela mão do então Presidente Malcher. Tendo sido referido à Regência no Rio de Janeiro para reparações, o cônsul francês removeu as armas da França de sua casa e arriou sua bandeira. Neste momento, esta circunstância deve ser muito lamentada, pois provocou, na mente dos soldados violentos que ocupam a cidade, uma impressão desfavorável em relação a todos os estrangeiros; e, durante alguns dias, havia todo indício de sua disposição de cometer ultrajes, o que foi agravado pelas notícias de uma outra força maior, sob o comando do Comandante Taylor, que se encontra a serviço do Brasil, que estaria saindo do Rio para restaurar a ordem nesta Província.

No dia 29 de maio, aqui chegaram o Tenente William Smyth e Mr. Frederick Lowe, Imediato, ambos sendo ultimamente do Samarang, navio este que o dois deixaram em Lima em setembro último, para averiguar as possibilidades de navegação do Pachita, um tributário do Amazonas; eles partem para Inglaterra na primeira oportunidade que se apresentar.

Tenho a honra de ser, etc.

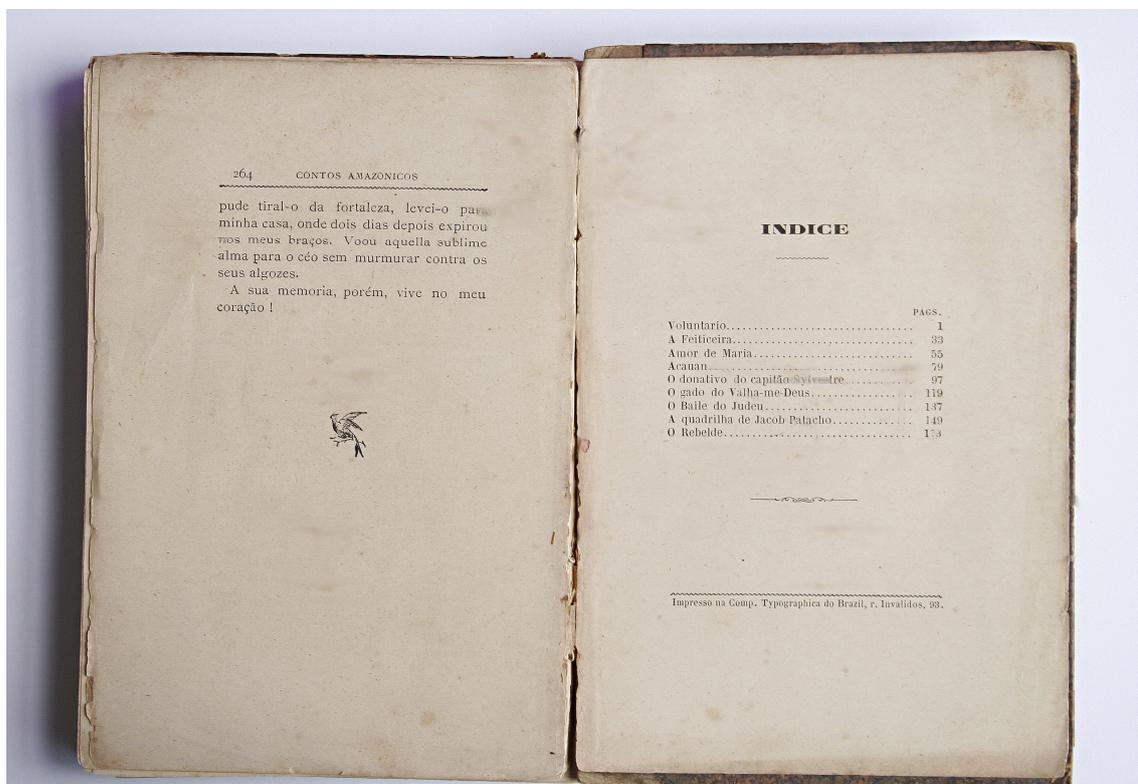
## ANEXO II



Herculano Marcos Inglês de  
Sousa



1ª Edição de Os Contos Amazônicos - 1893



Detalhes do índice da 1ª Edição de Os Contos Amazônicos - 1893

**L E N D O O P A R Á 8**

**LUIZ DOLZANI**

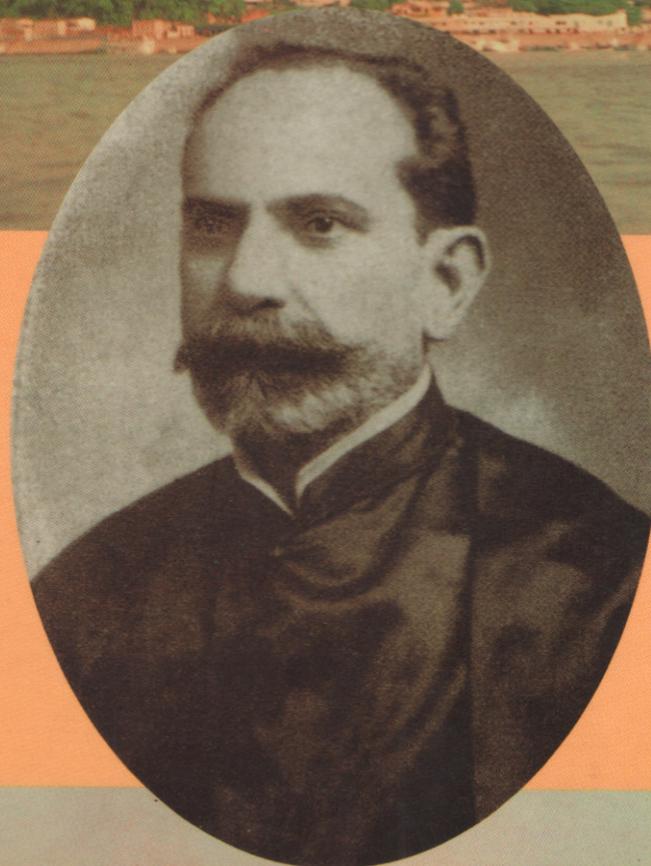
**HISTÓRIA DE UM PESCADOR**  
**SCENAS DA VIDA DO AMAZONAS**

**1986**

2ª Edição de História de um Pescador - 1986

Coleção Amazônia

Inglês de Sousa



**O Coronel Sangrado**  
(Cenas da Vida do Amazonas)

  
EDITORA  
UNIVERSITÁRIA  
U F P A

2ª Edição de O Coronel Sangrado - 2003

Ingles de  
**Souza**

# O Missionário

*Prefácio e apêndice:*

**Aurélio Buarque de Holanda**

*Prólogo:*

**Araripe Júnior**

COLEÇÃO PRESTÍGIO

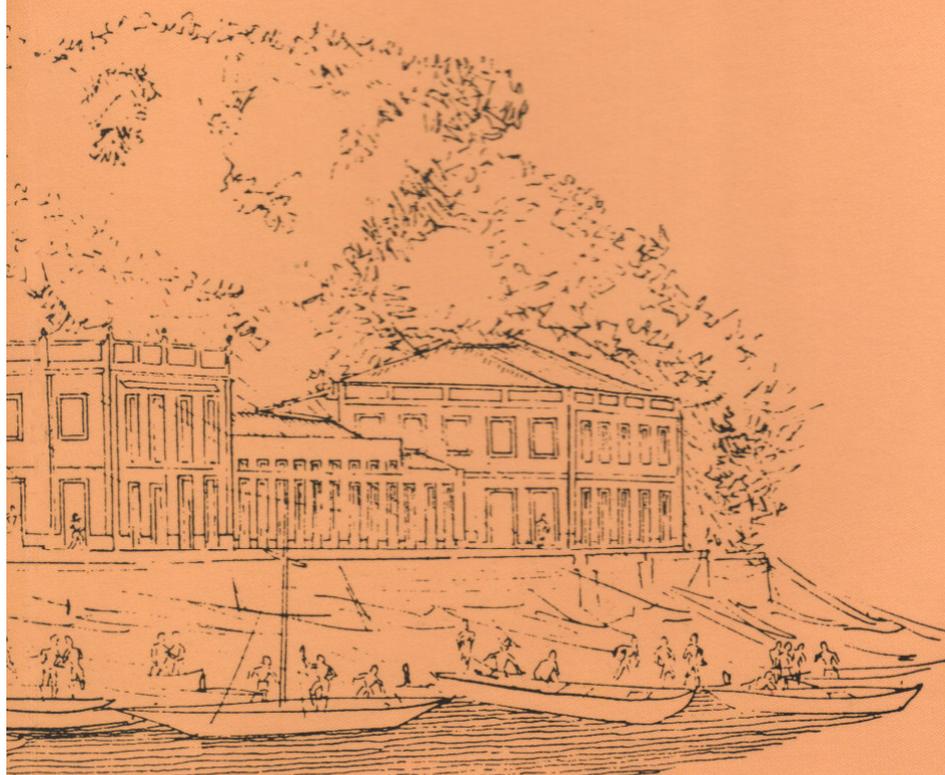
EDIOURO/70534



3ª Edição de O Missionário - 1891

Coleção Amazônia

Inglês de Sousa



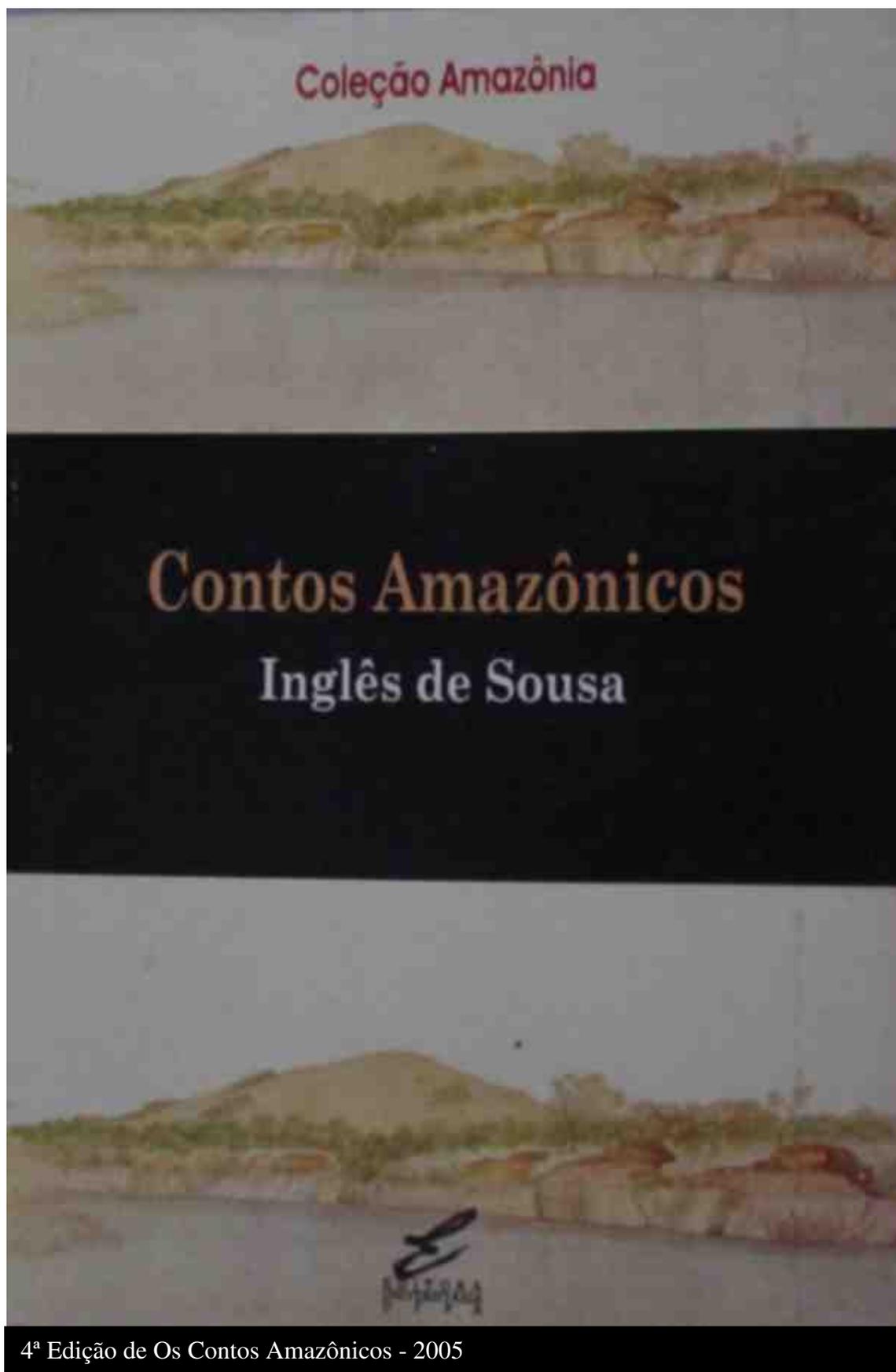
# O Cacauleta

(Cenas da Vida do Amazonas)



  
EDITORA  
UNIVERSITÁRIA  
U F P A

Reedição de O Cacauleta - 2003



4ª Edição de Os Contos Amazônicos - 2005



Largo da Matriz da Cidade de Óbidos . Foto do Museu sem - Data



Largo do Bom Jesus da Cidade de Óbidos 1905





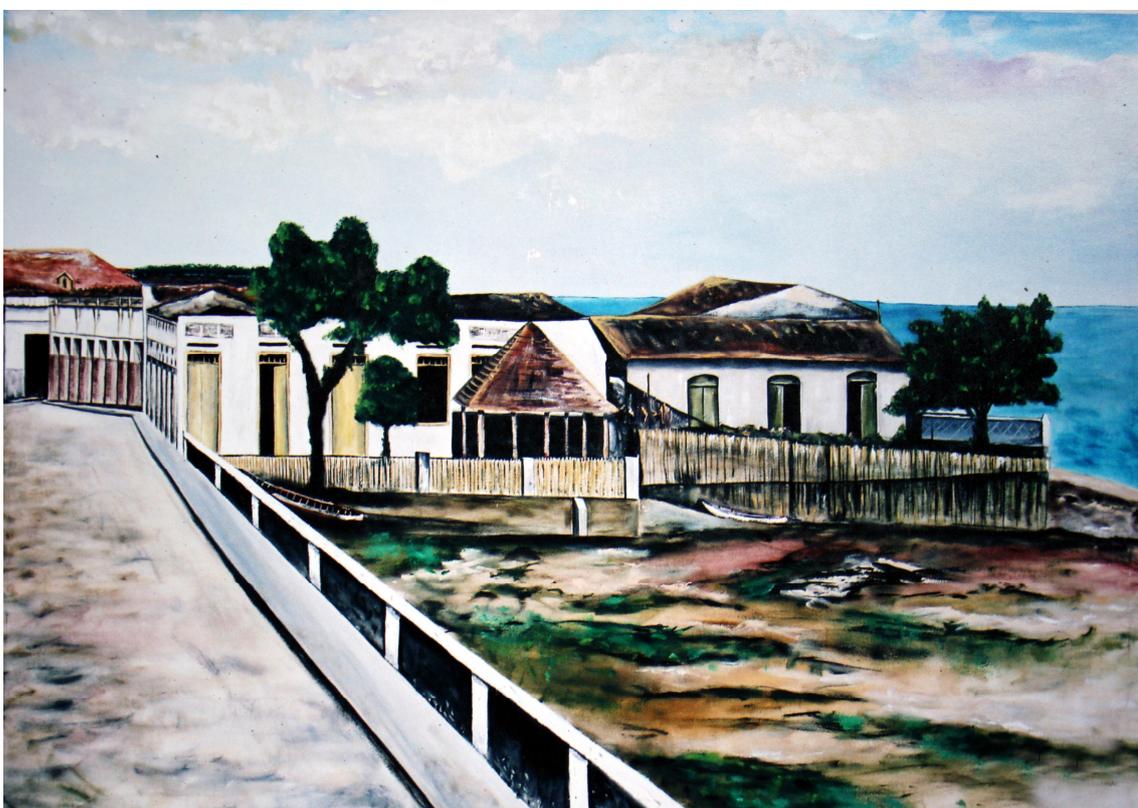
Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Santarém - Pará



Forte do Castelo da Cidade de Santarém - Pará



Exemplo de Moradia dos Ribeirinhos do Rio Amazonas



Vista Panorâmica do Bar Mascote da Cidade de Santarém - Pará



Vista Panorâmica da Rua do Comércio da Cidade de Santarém - Pará



Vista Panorâmica da Fazenda Paraná-Mirim – Época da seca - 1996



Meio de Transporte da Época - Galeotas

## ABSTRACT

Through this dissertation I try to do a critical study of Inglês de Souza's short stories, establishing a thin line between literary concept and literature. Firstly, I wrote a synthesis of the literary contextualization of this author, high lighting the Realism-Naturalism and his ethnography. Secondly, I broach the reader conception and the Aesthetics Reception; emphasizing the reader's idea, sense construction — the effect and the reception, the reader of Hans Robert Jauss according to Regina Zilberman. Thirdly, I highlight the Cabanagem movement. Then, I show analysis and the reception of the amazonic short stories which points out the reading of "A Quadrilha de Jacó Patacho" and "O Rebelde" short stories, the critical mosaic and the analysis of short stories finally, through this research I try to contemplate the way of living scenery of the Amazon Region through nature, myths, beliefs and other scenes of the amazonic way living.

**Keywords:** Literature, history and reception.